



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS - DCHT - XVI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS AFRICANOS, POVOS
INDÍGENAS E CULTURAS NEGRAS - PPGEAFIN**

AMANDA DOURADO SAMPAIO

**VOZES E ECOS DO SERTÃO: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS
DO RÁDIO NA REGIÃO DE IRECÊ (1978 – 1988)**

**Irecê
2022**

AMANDA DOURADO SAMPAIO

**VOZES E ECOS DO SERTÃO: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS
DO RÁDIO NA REGIÃO DE IRECÊ (1978 – 1988)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras da Universidade do Estado da Bahia, como requisito final para obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. José Jorge Andrade
Damasceno

**Irecê
2022**

FICHA CATALOGRÁFICA

Biblioteca Professor Edivaldo Machado Boaventura – UNEB – Campus I

Bibliotecária: Célia Maria da Costa CRB-5 / 918

S192v Sampaio, Amanda Dourado

Vozes e ecos do Sertão: memórias e histórias do rádio na região de Irecê (1978 – 1988) / Amanda Dourado Sampaio .– Irecê, 2022.
122 f. : il.

Orientador: José Jorge Andrade Damasceno.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias. Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras – PPGEAFIN. Campus XVI, 2022.

Contém referências e anexos.

1. Rádio – Irecê (BA) - História. 2. Radialistas – Irecê (BA). 3. Comunicação de massa – Irecê (Ba) – História. Radiodifusão – História – Irecê (Ba). I. Damasceno, José Jorge Andrade. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias. Campus XVI. III. Título.

CDD: 981.552

**VOZES E ECOS DO SERTÃO: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS
DO RÁDIO NA REGIÃO DE IRECÊ (1978 – 1988)**

AMANDA DOURADO SAMPAIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras – PPGEAFIN, em 21 de dezembro de 2022, como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:



Professor Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza
UFCG - Universidade Federal de Campina Grande
Doutorado em História
UFPE - Universidade Federal de Pernambuco



Professor Dr. Joabson Lima Figueiredo
UNEB - Universidade do Estado da Bahia
Doutorado em Literatura e Cultura
UFBA - Universidade Federal da Bahia



Professor Dr. Thiago Pedro Pinto
UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Doutor em Educação para a Ciência
UNESP - Universidade Estadual Paulista

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu orientador, o professor Dr. José Jorge Andrade Damasceno pela presença constante desde os meus primeiros dias de aula, ainda como aluna especial do mestrado. Me conduziu pela mão até aqui sendo um verdadeiro farol, um exímio guia sempre pronto a nortear através do melhor caminho. E se por ventura, houve alguns extravios, assumo a responsabilidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, Criador do Universo, porque sem ele nada seria possível.

Gratidão pelos meus pais, Maria José Nunes Dourado e Hostiano Sampaio Souza pela vida e incentivo para a realização dos meus sonhos. A Ademir e Allan pela irmandade incondicional, a Rafael Luz Dourado pela inocência, a Laine Luz pela vida de Rafael. Agradeço a Abelardo Leite Rocha Júnior pelo amor, paciência e compreensão por várias horas em que estive ausente para o desenvolvimento deste trabalho.

Às amigas-irmãs Laura Loula, Marta Loula, Laís Oliveira Abreu, Patrícia Araújo, Vivian de Castro Dourado e à prima Ana Cleia Dourado pelo apoio incondicional durante todo esse processo.

Agradeço a todos os meus colegas e amigos do mestrado, pela oportunidade do breve convívio, atropelado pela pandemia causada pela Covid-19. Jamais esquecerei toda a amizade e auxílio de Silvia Silva, o incentivo de Elayne Kellane para ingressar no curso, Gabriela Hermes pela generosa revisão da dissertação, e toda turma, *in* memória de Jocelito Oliveira da Silva. Gratidão aos professores Moisés Sampaio, Joabson Figueiredo e ao meu orientador José Jorge Andrade Damasceno pelo comprometimento e luta para manter o mestrado em Irecê, interior da Bahia.

Aos líderes do Hospital Regional Dr. Mário Dourado Sobrinho Ivanildo Santos, Celso Rangel Júnior e Ingrid Rafaelly por me permitirem trocas de horários no trabalho para que eu pudesse assistir às aulas do mestrado e também para realizar pesquisas para a dissertação. À colega Osidiana Sheila Ventura e à preposta da Sesab, Auridete Barreto, pelo apoio diário e constante.

A Edson Vasconcelos Oliveira, diretor do jornal Correio do Sertão; Silvana Brito Menezes, Deuraci Vieira dos Santos e João Gonçalves de Souza do jornal Cultura & Realidade; Raquel Rocha, assistente administrativo na Biblioteca Hermenito Dourado e Jackson Rubem pelo livro Lapão: cem anos de história. Todos colaboraram, cada um à sua maneira, como facilitadores para a realização dessa pesquisa.

A Sandoval Dias Viana, Mário Almir Dourado, António Barrada Sanches, Vladimir Moitinho Santana (Quinzinho), Brivaldo Santos, Henrique Dourado Primo (Americano), Raimundo Cruz Novaes (Ray Cruz), Hidelbrando Seixas de Souza Filho (Doinha) por compartilharem suas ricas histórias e memórias. À Bruna Batista por colaborar veementemente para que a entrevista com Doinha pudesse acontecer.

Somos nossa memória, somos
esse quimérico museu de
formas inconstantes, esse
montão de espelhos rompidos.
(Jorge Luís Borges)

O povo lá do sertão
Agora tá inspirado
Pru mode da invenção
Dos apareio falado [...]
(Rádio Pá Virada, gravado
por Jararaca e Belisário, 1930)

SAMPAIO, Amanda Dourado. **Vozes e ecos do Sertão: memórias e histórias do rádio na região de Irecê (1978 – 1988).** (122 folhas) 2022. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia, PPGEAFIN, 2022.

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de discorrer sobre a chegada do rádio na cidade de Irecê, sertão da Bahia, tendo como recorte temporal um momento de dez anos, no período compreendido entre 1978-1988, quando foi instalada a primeira emissora de rádio na cidade. Este trabalho versa sobre as lembranças e memórias de homens que atuaram no rádio ou vivenciaram o período estabelecido. No que se refere aos aspectos metodológicos, é importante mencionar que, na ausência de fontes sonoras e escritas, o desenvolvimento da pesquisa se deu a partir de fontes orais, com isso analisamos a história e a memória desse meio de comunicação. Para tanto, no âmbito teórico do estudo, dialogamos com autores como: Barros (2019), Bosi (1994), Ferraretto (2001), Damasceno (2022), Sampaio (2017), dentre outros.

Palavras-chave: Rádio - História - Memória - Fontes orais.

SAMPAIO, Amanda Dourado. Voces y ecos del sertão: memorias e historias de radio en la región de Irecê (1978 – 1988). (122 hojas) 2022. Disertación (Maestría) – Universidad del Estado de Bahía, PPGEAFIN, 2022.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo discutir la llegada de la radio a la ciudad de Irecê, en el interior de Bahía, teniendo como corte temporal un momento de diez años, en el período comprendido entre 1978-1988, cuando se instaló la primera estación de radio en el ciudad. Este trabajo trata de los recuerdos y memorias de hombres que trabajaron en la radio o vivieron el período establecido. En cuanto a los aspectos metodológicos, es importante mencionar que, a falta de fuentes sonoras y escritas, el desarrollo de la investigación se dio a partir de fuentes orales, con esto analizamos la historia y la memoria de este medio de comunicación. Por eso, en el ámbito teórico del estudio, dialogamos con autores como: Barros (2019), Bosi (1994), Ferraretto (2001), Damasceno (2022), Sampaio (2017), entre otros.

Palabras clave: Radio - Historia - Memoria - Fuentes orales.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 UMA HISTÓRIA DA RADIODIFUSÃO NA REGIÃO DE IRECÊ.....	21
1.1 BREVE HISTÓRIA DO RÁDIO NO MUNDO	21
1.2 O RÁDIO NO BRASIL	24
1.3 A ERA DE OURO DO RÁDIO E O USO POLÍTICO POR VARGAS ____	28
1.4 O RÁDIO COMO FERRAMENTA DE PODER	31
1.5 BREVE HISTÓRIA DO RÁDIO NA BAHIA	32
1.6 IRECÊ: PRIMEIROS APARELHOS DE RÁDIO E OS SERVIÇOS DE ALTO-FALANTES	35
1.7 A RÁDIO REGIONAL DE IRECÊ É INAUGURADA EM 1983	38
1.8 A INAUGURAÇÃO DA RÁDIO CARAÍBAS FM EM 1987	45
2 UMA HISTÓRIA SOBRE A CAPITAL DO FEIJÃO ENTRE 1978 – 1988	48
2.1 IRECÊ E O CONCEITO SOBRE A HISTÓRIA REGIONAL E A GEOGRAFIA CRÍTICA	48
2.2 CENÁRIO POLÍTICO E ECONÔMICO NA REGIÃO DE IRECÊ (1978 – 1988)	52
2.3 O SOFRIMENTO, A LUTA E A FÉ DO SERTANEJO	59
2.4 IRECÊ: UM PANORAMA SOCIOCULTURAL	64
3 HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DO RÁDIO NA REGIÃO DE IRECÊ (1978 – 1988)	69
3.1 RELATOS SOBRE UMA EMISSORA DE RÁDIO PARA A CAPITAL DO FEIJÃO	70
3.2 LEMBRANÇAS DAS PRIMEIRAS ONDAS HERTZIANAS NO SERTÃO	77
3.3 RECORDAÇÕES DE UMA VOZ ECLIPSADA NA HISTÓRIA DA RADIODIFUSÃO LOCAL	85
3.4 REMINISCÊNCIAS SOBRE O USO POLÍTICO DA RÁDIO REGIONAL DE IRECÊ	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS.....	105
ANEXOS I	112
ANEXOS II.....	120

INTRODUÇÃO

Foram praticamente dois anos trabalhando com a proposta intitulada: *História e Memória do Rádio na Região de Irecê: a Influência Educativa e Cultural do Projeto Minerva para Moradores do Baixão de Zé Preto (1970 – 1980)*, desde a aprovação para o mestrado. Porém, o início do trabalho de campo coincidiu com o início da pandemia causada pela Covid-19, trazendo o afastamento social, a quarentena, o pânico, o testar positivo e o vivenciar de sequelas importantes causadas pela doença, o impacto emocional com a notícia da morte de pessoas próximas ou conhecidas como a perda da vizinha e amiga querida: Carmem Silva, além da grande perda do tio amado: Horácio Sousa.

Além disso, essa pandemia impossibilitou a realização da pesquisa *in loco*, vetando a realização de entrevistas com os idosos do Baixão de Zé Preto, em sua grande maioria analfabetos e sem acesso à tecnologia, dessa maneira, o desenvolvimento do trabalho foi inviabilizado. Diante de tais desafios, não foi possível a realização das entrevistas e muito menos o acesso a espaços para pesquisa como o jornal Correio do Sertão em Morro do Chapéu, até o momento da Qualificação e assim, o trabalho seguiu incompleto.

Durante a Qualificação, que aconteceu em 30 de março deste ano, a professora e pesquisadora Nélia Rodrigues Del Bianco apontou a inexequibilidade da pesquisa em curso e sugeriu que a mudança do objeto de pesquisa, sugerindo a abordagem da chegada da primeira emissora de rádio em Irecê. A nova proposta recebeu o apoio dos professores Joabson Lima Figueiredo e Tiago Pedro Pinto, integrantes da banca de Qualificação, também foi abraçada pelo orientador da dissertação, José Jorge Andrade Damasceno.

Interessante perceber que a sugestão para o novo direcionamento da pesquisa coincidiu com o ano comemorativo do centenário da chegada do rádio no Brasil, que aconteceu em 07 de setembro de 1922. Em 2022, indagamos sobre como o rádio chegou em Irecê, como chegou na Capital do Feijão? Nesse pedaço do Sertão da Bahia?

No Brasil, desde os anos 90, as pesquisas envolvendo o Rádio apresentam uma predominância entre os pesquisadores da área de Comunicação, estando à frente no tocante à produção científica, principalmente ao aliar as pesquisas junto a História e a Memória. No artigo “*A consolidação dos estudos de rádio e mídia sonora no século XXI – Chaves conceituais e objetos de pesquisa*”, os autores apresentam uma pesquisa encorpada sobre o estado da arte da radiodifusão no Brasil, que desde os anos 90, aparece no cenário internacional como um grande produtor de pesquisa sobre o rádio. Estimulados principalmente pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), no Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora, de 2001 a 2015. Logo, “O Brasil tornou-se reconhecido internacionalmente como um dos países que mais produzem conhecimento qualificado sobre a radiodifusão sonora. Para os pesquisadores espanhóis.” (FERNÁNDEZ SANDE e GALLEGÓ PÉREZ, 2016, p.12). Neste viés, é pertinente o diálogo com as pontuações de Kischinhevsky *et al*:

[...] nos últimos anos, o Brasil está na dianteira em termos de produção científica sobre rádio. É sintomático que o primeiro número da revista *Radio, Sound & Society*, recém-criada pela seção de rádio da *European Communication Research and Education Association (ECREA)*, tenha trazido o dossiê *Latin Radio. Diversity, Innovation and Policies* com a participação de oito pesquisadores brasileiros assinando quatro dos sete artigos. (KISCHINHEVSKY *et al*, 2017, p. 92).

Os autores também observaram dentro da pesquisa, que existe uma predominância dos estudos relacionados à história e à memória, conforme seguinte citação:

A exemplo do que foi detectado por Haussen (2004) nas pesquisas radiofônicas nos anos 1990, também há um predomínio dos estudos de história e memória no *corpus* aqui analisado. A participação oscilou ao longo do tempo, mas permaneceu sempre alta, colocando-os em primeiro lugar absoluto, com 201 dos 570 trabalhos publicados nos anais do GP nos congressos nacionais da Intercom no período – o equivalente a 35% do total. A maior presença foi em 2003, quando 22 dos 38 *papers* aceitos (57,9%) foram listados nesta categoria. A menor, com 11 dos 50 artigos (22%), ocorreu em 2010, época em que o GP, prestes a completar 20 anos, se mobilizava para traçar um panorama do rádio no Brasil, depois sistematizado em coletânea (KISCHINHEVSKY *et al*, 2017, p92).

Nessa perspectiva, é pertinente referendar a dissertação: *Memória, Subjetividade e Afeto nos bastidores do Rádio* publicada em 2008 por Wanessa Monteiro Canellas de Oliveira através da Universidade Federal do Estado do

Rio de Janeiro – UNIRIO, pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social. O trabalho aborda a criação da memória radiofônica na Rádio Globo AM do Rio de Janeiro, emissora pertencente ao Sistema Globo de Rádio (SGR), desde a sua fundação, em dezembro de 1944. Com análise de áudios conservados pelos produtores da emissora com base na ideia de que a memória social possa ser movida ou construída a partir do afeto, tendo como referência os argumentos de Henri Bergson, Baruch de Spinoza, Gilles Deleuze, Rudolf Arnheim, Paul Zumthor, dentre outros.

A obra: *Rádio e Memória: as narrativas orais na reconstituição da história da Rádio Poti*, publicada em 2016, através da editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte pelos autores Adriano Lopes Gomes e Edivânia Duarte Rodrigues, traz registros da história da Rádio Poti, a primeira emissora de rádio do Rio Grande do Norte que, inicialmente, era conhecida como Rádio Educadora de Natal. O trabalho realizou um levantamento com base na gravação de depoimentos de quem trabalhou na rádio ou foram ouvintes da emissora. Também foi feito um levantamento historiográfico através de fotografias e documentos para reconstituição de episódios importantes.

Porém, é perceptível a grande lacuna na realização de pesquisas científicas sobre a história e a memória do rádio no interior do Brasil e principalmente no interior do Nordeste. Dessa forma, concordamos com o argumento do professor e historiador Moisés Oliveira Sampaio ao defender que a grande contribuição da história regional para o Brasil, seria a de conferir sentido ou caráter histórico para localidades e indivíduos eclipsados não apenas pela situação política ou social, mas, sobretudo pelo afastamento dos grandes centros econômicos durante o último século.

Percebe-se no entanto, que os elementos que propiciam a pesquisa historiográfica, como arquivos regionais, que somente muito recentemente foram disponibilizados para pesquisas, e o total esquecimento por parte da história nacional, principalmente, no tocante à zona interiorana tanto da Bahia como de outros Estados periféricos do Brasil, evocam na história regional a possibilidade de historicizar fenômenos esquecidos ou considerados marginais pela historiografia e, assim, dar voz a pessoas e lugares marginalizados não somente pela sua condição social ou política, mas pelo lugar onde vivem que foram se distanciando dos centros econômicos durante o último século no Brasil (SAMPAIO, 2017, p. 37).

Vale salientar que o grande obstáculo para a pesquisa regional são os arquivos públicos que mesmo com a possibilidade de um maior acesso dos pesquisadores aos arquivos no século XXI, muitos ainda continuam oclusos, inacessíveis para os pesquisadores. Quanto a essa dificuldade, Sampaio argumenta:

A situação começou a ficar mais favorável para os estudos regionais na Bahia com abertura dos arquivos locais nos primeiros anos do Século XXI, isso permitiu aos historiadores baianos acesso a uma grande quantidade de documentos que foram fundamentais para se analisar de maneira diferente a história do interior. Antes disso, o maior arquivo do Estado da Bahia era o Arquivo Público, que pretendia reunir documentos de todo o Estado. Evidentemente que isso nunca foi conseguido e centenas de arquivos regionais, entre eles arquivos cartoriais, eclesiásticos e principalmente particulares continuaram fechados aos pesquisadores (SAMPAIO, 2017, p. 38).

A necessidade de se pesquisar os impactos de iniciativas da radiodifusão no Sertão baiano, encontra amparo no argumento de Sampaio, principalmente a concentração dos estudos acadêmicos na capital baiana, em detrimento dos estudos voltados para o interior da Bahia. Tanto o foco da pesquisa voltada para os arquivos em Salvador, quanto o agrupamento das universidades, assim como o maior número de pesquisadores na capital do Estado.

A história da Bahia foi contada com base nos arquivos que estavam na capital e omitiram-se os arquivos locais e regionais que certamente continham uma documentação muito mais volumosa que se referia a essa região e outras regiões. Agregue-se a isso, o fato de que as universidades baianas estavam concentradas na capital do Estado e as vagas para os cursos de ciências sociais e principalmente de história, além de poucas, eram direcionadas, em sua maioria, para o aluno da capital. Com uma documentação preponderante sobre o Recôncavo, aliado aos historiadores profissionais que também eram e pesquisavam a região, é natural que a história da Bahia se resumisse ao Recôncavo e Litoral, ficando Sertão, considerado como periférico e atrasado, não somente culturalmente como também nos estudos historiográficos (SAMPAIO, 2017, p38).

O pesquisador enfatiza que, no Brasil, os maiores entraves continuam sendo a concentração das revistas especializadas no Sul e Sudeste do país e pouca quantidade de revistas voltadas para a sociedade sertaneja.

O problema que ainda persiste, está no pequeno parque editorial, concentrado no sudeste do Brasil, e a pequena quantidade de revistas especializadas no que se refere aos estudos sobre a sociedade sertaneja, o que prejudica em muito a divulgação do pouco que é produzido (SAMPAIO, 2017, p65).

No tocante à história da radiodifusão na microrregião de Irecê, sertão da Bahia,

um território com 373 mil e 553 habitantes, porém, são poucas as fontes escritas, sobretudo no que se refere as décadas de 70 e 80. Alguns registros são encontrados nas páginas de internet das rádios FM's, porém, com foco nas rádios em atividade inauguradas a partir da década de 90, como é o caso da rádio Caraíbas e da rádio Irecê Líder FM.

Dessa forma, o estudo em questão buscou chegar ao contexto de informações sobre a chegada da primeira rádio em Irecê, sendo histórias e memórias que muitas vezes estão perdidas no tempo e que o público desconhece, bem como a oportunidade de contextualizar o aspecto político, econômico e cultural da região na época da chegada da primeira emissora de rádio, com a análise do período compreendido entre os anos de 1978 e 1988.

Além disso, esta pesquisa buscou chegar ao contexto de informações sobre a implantação do rádio em Irecê, que muitas vezes estão perdidas no tempo e que o público desconhece, bem como a oportunidade de contextualizar o aspecto político, econômico e cultural da região na época da chegada do rádio, com a análise do período compreendido entre os anos de 1978 e 1988.

Para contextualizar os aspectos políticos, econômicos e sociais durante os onze anos que compreendem o recorte da pesquisa, foram realizadas análises das edições de jornais da região que circulavam na época, como o quinzenário *Correio do Sertão*, fundado em 1917 com sede em Morro do Chapéu, cidade situada a 86 quilômetros de Irecê, e do jornal com sede em Irecê, o *Cultura & Realidade*.

Assim, o *Correio do Sertão* representa uma importante fonte histórica para esta pesquisa por noticiar fatos e depoimentos sobre o município de Irecê, desde a sua emancipação política, como o registro da matéria escrita por Honório de Souza Pereira em 30 de julho de 1933. O *Cultura & Realidade* registra o cenário político, cultural e econômico da cidade desde 1985.

As edições do jornal *Correio do Sertão* estão todas preservadas e digitalizadas desde a sua fundação, foram analisadas as edições do período compreendido entre 1978 a 1988. Sendo 11 anos de edições quinzenais,

totalizando 1.420 páginas. Importante salientar que o *Correio do Sertão* iniciou e concluiu a digitalização de todo o seu acervo durante o período da pandemia.

Sobre o jornal de periodicidade mensal, *Cultura & Realidade*, só tivemos acesso a 9 exemplares produzidos durante o período delimitado, sendo as edições de janeiro e maio de 1986 e as edições de janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho e julho de 1988. Segundo o diretor, João Gonçalves, uma parte expressiva desse patrimônio foi destruída por enchentes, enquanto outra parcela se perdeu após o empréstimo e não devolução dos exemplares ao acervo.

O presente estudo também encontrou referência nas obras do memorialista Jackson Rubens por possuírem registros sobre a história de Irecê e cidades circunvizinhas, sobre a comunicação e alguns relatos sobre o rádio na região. Para tanto, nos apoiamos nos livros *Irecê: História, Casos e Lendas*, *Irecê para crianças de todas as idades*, *O aniversário de Irecê*, *Lapão: cem anos de história* e demais livros do citado escritor.

Também foram realizadas pesquisas no acervo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB) e da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, conhecida como Biblioteca Central dos Barris em Salvador, por conta da existência de periódicos editados no período de 1970 a 1980. Todavia, não foram encontrados registros sobre o rádio na região de Irecê. Tampouco, no acervo do Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia – IRDEB, todas instituições com sede em Salvador.

Importante mencionar que não foi possível realizar a análise da programação da Rádio Regional, já que a emissora, assim como a maioria das emissoras de rádio no Brasil, não tinha o costume de guardar as gravações ou cópias dos roteiros dos programas, a não ser durante o período exigido por lei para fins de fiscalização. Era muito comum a prática de se copiar por cima das fitas já gravadas, após o fim daquele período exigido por lei, a Rádio Regional também seguia essa prática, segundo informações dos locutores entrevistados.

Dessa maneira, no que tange ao aspecto metodológico da pesquisa, foram utilizadas fontes orais, construídas a partir de entrevistas realizadas com oito testemunhas que participaram direta ou indiretamente da construção dessa história, que para a maioria dos depoentes, teve início a partir do seu funcionamento em 15 de maio de 1983. A gravação de sete entrevistas

totalizou 9h30, esse tempo não inclui a entrevista com António Sanches feita através de e-mail por conta da paresia momentânea das cordas vocais do entrevistado. Com efeito, as demais entrevistas foram gravadas em áudio e/ou vídeo, com a condução e/ou supervisão do historiador e professor Dr. Jorge Andrade Damasceno sob a perspectiva de conversação embasada na história oral, com um roteiro de perguntas previamente estabelecido, que vez ou outra, teve o curso das indagações alterado para atender às especificidades de cada entrevistado. A coleta de dados foi realizada após a transcrição na íntegra, para que detalhes e nuances da realidade pudessem se tornar perceptíveis e transparentes ao final do processo de análise.

Para realizar a pesquisa, foram selecionadas oito fontes orais consideradas primárias e secundárias, distribuídas nas categorias de ouvintes, radialistas, políticos e testemunhas diretas e indiretas que foram testemunhas e vivenciaram a chegada da primeira emissora de rádio em Irecê.

A escolha da amostra manteve a pertinência de um trabalho que tem a memória como base. Le Goff traz em sua obra, a obsessão pelo registro desenfreado gerado pelo medo da perda da memória por parte da sociedade:

Pesquisa, salvamento, exaltação da memória coletiva não mais nos acontecimentos mas ao longo do tempo, busca dessa memória menos nos textos do que nas palavras, nas imagens, nos gestos, nos ritos e nas festas; é uma conversão do olhar histórico. Conversão partilhada pelo grande público, obcecado pelo medo de uma perda de memória, de uma amnésia coletiva, que se exprime desajeitadamente na moda retro, explorada sem vergonha pelos mercadores de memória desde que a memória se tornou um dos objetos da sociedade de consumo que se vendem bem. (LE GOFF, 1990, p. 476).

Enzo Traverso, em seu livro: *O Passado, Modos de Usar História, Memória e Política* reflete sobre a íntima correlação entre a história e a memória:

A «memória» é recorrentemente utilizada como sinónimo de história e tem uma particular tendência para absorvê-la, tornando-se ela própria numa espécie de categoria meta-histórica. Captura o passado numa rede de malha mais larga do que a disciplina tradicionalmente denominada história, aí depositando uma dose bem maior de subjectividade, de «vivido». Em suma, a memória aparece como um história menos árida e mais «humana»². (TRAVERSO, 2012, p.10).

Enquanto Damasceno acena para a construção de documentos históricos a partir da utilização do depoimento oral:

A utilização do depoimento oral, como modo de construção de uma documentação que será transformada em fonte para a escrita de uma história [...], tem se apresentado como técnica indispensável e de inestimável importância, no sentido de contribuir para o trabalho do pesquisador que esteja preocupado em desenvolver estudos acerca de um campo do fazer histórico, em que a existência de outros tipos de documentação é escassa e/ou o acesso é grandemente dificultado. Nesse sentido, historiar a cidade é uma das tarefas que exige do historiador uma maior atenção na realização do trabalho de apreensão da memória, visto que é nela que, em grande parte, quando não na sua totalidade, repousará o labor de construir o corpus documental, sobre o qual se debruçará para o desenvolvimento de sua pesquisa. (DAMASCENO, 2022, p. 34).

O trabalho foi realizado a partir de uma abordagem qualitativa de campo sistematizadas com roteiros de entrevistas utilizando a técnica de história oral e da memória individual definida por Maurice Halbwachs. A coleta de dados foi realizada em um dado espaço de atividade de campo cujos relatos orais foram transcritos na íntegra, sem nenhuma edição de correção linguística. As entrevistas foram realizadas no período entre agosto de 2019 a outubro de 2022. Os sujeitos-informantes dispostos em ordem alfabética, ficaram assim designados:

01 - António Barrada Sanches, 83 anos, coordenador da Rádio Regional de Irecê. Questionário enviado através de e-mail com perguntas definidas pelo professor orientador José Jorge Andrade Damasceno com a participação da mestrandia Amanda Dourado Sampaio. Irecê/Lisboa em 19 de abril de 2022.

02 - Brivaldo Santos, 57 anos, radialista da Rádio Regional de Irecê. Entrevista gravada por mediação tecnológica através da plataforma Microsoft Teams, conduzida pelo professor orientador José Jorge Andrade Damasceno com a participação da mestrandia Amanda Dourado Sampaio. Alagoinhas/UNEB, Campus Irecê em 18 de agosto de 2022.

03 - Henrique Dourado Primo (Americano), 76 anos, radialista da Rádio Regional de Irecê. Entrevista gravada por mediação tecnológica através da plataforma Microsoft Teams, conduzida pelo professor orientador José Jorge Andrade Damasceno com a participação da mestrandia Amanda Dourado Sampaio. Alagoinhas/América Dourada em 19 de agosto de 2022.

04 - Hidelbrando Seixas de Souza Filho (Doinha), 80 anos, prefeito de Irecê (1983 - 1989). Entrevista presencial gravada por gravador eletrônico pela mestrandia Amanda Dourado Sampaio com questionário com perguntas acordadas com o professor orientador José Jorge Andrade Damasceno. Irecê em 08 de outubro de 2022.

05 - Mário Almir Dourado, 69 anos, radialista da Rádio Regional de Irecê. Entrevista presencial gravada por gravador eletrônico pela mestrandia Amanda Dourado Sampaio. Irecê em 20 de agosto de 2021.

06 - Raimundo Cruz Novaes (Ray Cruz), 54 anos, radialista da Caraíbas FM e ouvinte da Rádio Regional de Irecê. Entrevista gravada por mediação tecnológica através da plataforma Microsoft Teams, conduzida pelo professor orientador José Jorge Andrade Damasceno com a participação da mestrandia Amanda Dourado Sampaio. Alagoinhas/Irecê em 18 de outubro de 2022.

07 - Sandoval Dias Viana, 59 anos, agricultor e ouvinte da Rádio Regional de Irecê. Entrevista presencial gravada em gravador eletrônico e conduzida pelo professor orientador José Jorge Andrade Damasceno com a participação da mestrandia Amanda Dourado Sampaio. A entrevista também contou com a presença de Moisés Oliveira Sampaio e Joabson Lima Figueiredo, professores do PPGEAFIN, sendo realizada na UNEB, Campus Irecê em 03 de agosto de 2019.

08 - Vladimir Moitinho Santana (Quinzinho), 57 anos, radialista da Rádio Regional de Irecê. Entrevista gravada por mediação tecnológica através da plataforma Microsoft Teams, conduzida pelo professor orientador José Jorge Andrade Damasceno com a participação da mestrandia Amanda Dourado Sampaio. Alagoinhas/UNEB, Campus Irecê em 18 de agosto de 2022.

Com efeito, a análise de conteúdo dados tem como aporte as definições de Bardim:

Conjunto de técnicas de análises das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção / recepção (variáveis inferidas) das mensagens". (Bardim, 1977, p.5).

Esse foi o método utilizado para o processo de interpretação dos dados coletados na pesquisa. Logo, a pesquisa que resultou nesta dissertação foi norteada pela busca de respostas a algumas questões que se apresentaram no transcurso das análises realizadas no processo de apreensão das principais memórias individuais e da leitura das fontes documentais a que se teve acesso, sobre a chegada da primeira emissora de rádio em Irecê - a Rádio Regional, entre os anos de 1978 a 1988.

Diante disso, faz-se importante trazer os seguintes questionamentos: Qual teria sido o papel desempenhado pelo rádio no processo de consolidação de um grupo político dado, na região de Irecê? Por que a concessão foi outorgada a um político de uma determinada inclinação partidária e não a outra? Como aquela concessão pública seria utilizada no processo de fortalecimento de um espectro político dado, em detrimento de outros que pudessem fazer frente a uma hegemonia em construção?

Ao se registrar o que aconteceu na cidade e/ou na região de Irecê-Ba ao ser instalada ali a primeira emissora de rádio, a partir de histórias e memórias de indivíduos e/ou grupos de indivíduos que se propuseram a falar, se pretendeu coletar informações que pudessem compor a história do rádio na região de Irecê, bem como apreender as primeiras memórias e registros sobre o rádio até o ano de 1988, identificando elementos que ilustrassem o cenário político, social e econômico na época, para que fosse possível estudar a memória individual de algumas pessoas que participaram direta ou indiretamente da inauguração da primeira emissora de rádio na região.

Assim, entre outras respostas que poderiam ser apresentadas às inquietações que permearam o presente estudo, poder-se-ia afirmar, ao menos preliminarmente que a História do rádio na região de Irecê, no Estado da Bahia, ao que parece, se desenvolve no sentido de criar as condições para o avanço do processo político eleitoral nos espaços

regionais, visando consolidar o poder daqueles que foram aquinhoados com as emissoras largamente distribuídas no período estudado.

Hipótese:

A História do rádio na região de Irecê, no Estado da Bahia, ao que parece, se desenvolve no sentido de criar as condições para o avanço do processo político eleitoral nos espaços regionais, visando consolidar o poder daqueles que foram aquinhoados com as emissoras largamente distribuídas no período estudado.

Capítulos:

A dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo intitulado: *Uma História da Radiodifusão na Região de Irecê*, contempla uma revisão bibliográfica a respeito do nascimento e desenvolvimento da Radiodifusão. O capítulo dois: *Uma História sobre a Capital do Feijão entre 1978 – 1988*, aborda o suporte teórico e metodológico, baseado nos conceitos de Fontes Históricas e História Regional. O capítulo três traz *Histórias e Memórias do Rádio na Região de Irecê 1978 – 1988*, com registros e análises das memórias sobre a inauguração e funcionamento da Rádio Regional de Irecê e a conclusão da pesquisa, na qual apresentamos os resultados alcançados.

1 UMA HISTÓRIA DA RADIODIFUSÃO NA REGIÃO DE IRECÊ

Este capítulo contempla uma breve revisão bibliográfica a respeito do nascimento e evolução da Radiodifusão no Mundo e no Brasil. Apresenta os avanços que levaram a invenção desse veículo, com explanações sobre os cientistas que contribuíram para o desenvolvimento do aparelho e a referência sobre o uso do rádio como ferramenta política e de poder. Seguido da inauguração das primeiras estações na Bahia e por fim, sobre os registros da chegada da Radiodifusão em Irecê até 1988, compreendendo os primeiros aparelhos de rádio, os serviços de alto-falantes e a inauguração da Rádio Regional AM em 1983 e da Rádio Caraíbas FM em 1987.

1.1 BREVE HISTÓRIA DO RÁDIO NO MUNDO

Em mais de um século de história, o rádio já passou por diversas transformações. Por décadas foi o principal meio para a informação, o entretenimento e, principalmente, para a disseminação da música e da imaginação. “É um meio de comunicação que tem capacidade de atingir um grande público, anônimo e heterogêneo. Está ao alcance da maioria da população e atinge regiões mais afastadas dos centros urbanos” (MAKOVICS, 2003, p. 12-13).

Tanto que em 30 de outubro de 1938, o então desconhecido ator e diretor norte americano, Orson Welles (1915-1985), produziu uma peça radiofônica com reportagens externas, entrevistas com testemunhas que estariam vivenciando o acontecimento, efeitos sonoros, sons ambientes, gritos, comentários dos supostos repórteres e comentaristas. Depoimentos de ouvintes obtidos na época puderam evidenciar o pânico disseminado através das ondas do rádio, ouvintes despediam-se dos parentes, pelo telefone, preveniam os vizinhos do perigo que se aproximava, procuravam notícias nos jornais ou noutras estações de rádio. (FERREIRA, *apud* MACEDO, 2013, p. 02). O autor pontua ainda;

Um fato marcante e histórico ocorrido em 30 de outubro de 1938 comprovou o poder de disseminação da informação do rádio, quando o locutor Orson Wells da Columbia Broadcasting System – CBS de Nova York narrou a invasão da terra por marcianos, obra adaptada do

escritor inglês H. G. Wells “A guerra dos mundos” em um programa de radioteatro. (FERREIRA, 2013, p. 02).

Ferraretto (2012) descreve as primeiras experiências do italiano Guglielmo Marconi (1874- 1937).

A aparelhagem das primeiras experiências de Marconi, em 1895, na Villa Grifone, já dá uma ideia de suas atitudes e estratégias futuras. Inclui um oscilador semelhante ao desenvolvido por Heinrich Hertz, mas aperfeiçoado por Augusto Righi, pesquisador de quem o jovem Guglielmo fora uma espécie de discípulo. A antena segue o modelo da utilizada pelo russo Alexander Stepanovich Popov. Além disso, Marconi emprega coesores, como os do francês Edouard Branly, e demonstra conhecimentos a respeito do trabalho do britânico Oliver Lodge (FERRARETTO, 2012, p.41).

Fiuza (2018) cita CICHON; WIESBECK (1995), para demonstrar as teorias inovadoras de James Clerk Maxwell sobre eletricidade e magnetismo, que nunca foram colocadas em prática.

Em 1864 James Clerk Maxwell (1831–1879) publicou teorias sobre uma forma completamente nova de se pensar sobre a eletricidade e magnetismo, descrevendo equações matemáticas prevendo a existência de ondas eletromagnéticas. No entanto, suas teorias nunca foram colocadas em práticas para validar suas teorias (CICHON; WIESBECK, 1995 apud FIUZA, 2018, p.14).

Para apresentar a teoria da existência de ondas eletromagnéticas descobertas por Heinrich Roldolph Hertz, importante para a comunicação sem fio através do rádio, Fiuza (2018) recorre a D’Agostino (2001). Hertz foi o responsável por demonstrar a variação rápida da corrente elétrica para o espaço em forma de ondas de rádio.

Heinrich Roldolph Hertz (1857–1894) físico e professor, nascido na Alemanha, provou a teoria da existência de ondas eletromagnéticas (onde nomeou de ondas hertzianas) prevista por James Clerk Maxwell e a natureza delas. Suas descobertas foram importantes para o desenvolvimento da comunicação sem fio no futuro (D’AGOSTINO, 2001 apud FIUZA, 2018, p.15).

De acordo com Medeiros (2007), o italiano Guglielmo Marconi conseguiu enviar sinais a 12 milhas de distância em 1897. Marconi recebeu o prêmio Nobel da Física em 1909, sendo considerado o inventor do rádio.

Marchese Guglielmo Marconi (1874–1937) italiano, engenheiro e físico, realizou os primeiros experimentos que obteve êxito na transmissão de sinais sem fio através do telégrafo. Em 1897, conseguiu enviar sinais a 12 milhas de distância. Marconi recebeu o prêmio Nobel da Física em 1909 e é considerado o inventor do rádio (MEDEIROS, 2007 apud FIUZA, 2018, p.15).

Klockner e Cachafeiro apresentam outra experiência pioneira bem sucedida em radiofonia que é atribuída ao físico canadense Reginald Aubrey Fessenden (1866-1932), que transmitiu a voz humana em dezembro de 1900, seis meses, portanto, depois da última experiência do Padre Landell em São Paulo. Outros pioneiros nessa tecnologia: o dinamarquês Valdemar Poulsen (1869-1942), em 1902; e o italiano Quirino Majorana (1871-1957), em 1903. Marconi transmitiu a voz pela primeira vez em 1914. (KLÖCKNER e CACHAFEIRO, 2012, p. 23).

Nessa perspectiva, a experiência do padre gaúcho Landell de Moura em 1893 sobre a propagação do som, da luz e da eletricidade foi registrada através do Jornal do Comércio do Rio de Janeiro em 1900, como relata José de Almeida Castro (1922 – 2020), fundador e ex-presidente da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT), no texto *História do Rádio no Brasil*, publicado no site da ABERT.

Em 10 de junho de 1900, o “Jornal do Comércio”, do Rio de Janeiro, relatou a experiência em 1893, do padre gaúcho Roberto Landell de Moura, com vários aparelhos de sua invenção. No Alto de Santana, em São Paulo, o jovem sacerdote e promissor cientista, em meio a seus estudos, fizera importantes descobertas sobre a propagação do som, da luz e da eletricidade, através do espaço, da terra e dos mares. Sem recursos e sem apoio, Landell de Moura não patenteou seus inventos. Um físico italiano, Marconi, no entanto, em 1898, durante exposição em Londres patenteou o seu telégrafo sem fio, e mais tarde, a radiodifusão. Tornou-se pai da radiodifusão mundial. Landell de Moura voltou-se para a fitoterapia. Aos 67 anos, frustrado e doente, faleceu, anônimo, em setembro de 1928, em Porto Alegre (CASTRO, ABERT, 2022).

Andréia da Paixão Ferreira expõe no artigo: *A invenção do rádio: um importante instrumento no contexto da disseminação da informação e do entretenimento* que não existe unanimidade entre os países em relação ao inventor do rádio, sendo vários pais para o rádio, no Brasil existe o Movimento Landell de Moura (MLM).

Atualmente, há no Brasil, o Movimento Landell de Moura (MLM) que está engajado para o reconhecimento oficial do Padre Roberto Landell de Moura como verdadeiro inventor do rádio e pioneiro das telecomunicações, ainda que tardio. (FERREIRA, 2013, p.03).

Ainda segundo Ferreira (2013), em 1901 aconteceu a primeira transmissão de rádio em um evento esportivo durante a regata de Kingstown para o jornal de Dublin, na Irlanda, a façanha levou o físico Guglielmo Marconi

a receber o Prêmio Nobel de Física em 1909, por conta de seu empenho em prol das pesquisas radiofônicas. A invenção, porém, ainda não tinha o formato como conhecemos hoje porque transmitia somente sinais. (FERREIRA, 2013, p.03).

Ferreira (2013) traz ainda informações a respeito das discordâncias sobre quem inventou o rádio. Nos Estados Unidos, em 1943, a Suprema Corte Norte considerou Nikola Tesla o inventor do rádio, já no Canadá, Aubrey Fessenden é reconhecido como o precursor do rádio e o primeiro a transmitir o som da voz humana sem fios.

No mesmo período, o austríaco, naturalizado norte-americano, Nikola Tesla também realizava seus estudos e os patenteou. Em 1943, a Suprema Corte Norte - americana considerou-o inventor do rádio. Já no Canadá, Reginald Aubrey Fessenden é reconhecido como o precursor do rádio e o primeiro a transmitir o som da voz humana sem fios. (FERREIRA, 2013, p.04).

Klöckner e Cachafeiro registram que a primeira transmissão clara da voz humana por ondas eletromagnéticas teria sido realizada em 18 de julho de 1907, no lago Erie, em Ohio, por Lee De Forest (1873 – 1961).

Durante a regata anual da Inter-Lakes Yachting Association. A bordo do Thelma, um dos principais veleiros esportivos da época, De Forest transmite, em uma distância aproximada de 30 quilômetros, os resultados da competição que foram ouvidos pelo seu assistente, Frank E. Butler, em terra. (KLÖCKNER e CACHAFEIRO, 2012, p.49).

É dessa maneira que propomos diálogos na perspectiva de trazer teóricos que demarcam momentos históricos preponderantes para a disseminação das ondas de rádio no mundo.

1.2 O RÁDIO NO BRASIL

Ao falar de transmissão da voz humana, é possível afirmar que, oficialmente, o rádio chegou ao Brasil no dia 7 de setembro de 1922, durante um evento de cunho internacional, em comemoração ao centenário da independência quando empresários norte-americanos instalaram uma estação no Corcovado, como alude Ferraretto (2014). Na oportunidade, foram também instaladas estações de transmissão em pontos táticos e o discurso do presidente Epitácio Pessoa (1865 – 1942) foi transmitido ao vivo. Em seguida,

foi tocada a ópera *O Guarani*, do compositor Carlos Gomes (1836 – 1896), como demonstra Ferraretto:

Na noite deste mesmo 7 de setembro de 1922, os “telefones alto-falantes”, forma utilizada na imprensa para identificar as singelas cornetas colocadas em alguns pontos da exposição, trazem aos pavilhões a ópera *O guarani*, apresentada, a algumas quadras, no Teatro Municipal. As demonstrações integram o rol das novidades tecnológicas colocadas à disposição do público no estande dos Estados Unidos, um dos maiores da exposição. A respeito, já noticiava o jornal *A Noite*, meses antes, reproduzindo material de divulgação distribuído pelos representantes daquele país (FERRARETTO, 2014, p13).

Outrossim, segundo Jambeiro (2004), as primeiras experiências de telecomunicações no Brasil ocorreram entre 1850 e 1900, com o desenvolvimento da telegrafia por fio, da telegrafia sem fio e da radiocomunicação em geral. Maria Elvira Frederico localiza em 1896, a primeira transmissão sem fio, ainda emitida em código Morse (1982: 23). Naquele momento, os principais estímulos à evolução das transmissões foram a garantia da vida no mar e a concorrência entre as nações, visando a conquista de novos mercados. (JAMBEIRO *et al*, 2003, p. 45).

Já o posto de primeira emissora de rádio do Brasil é disputado pela Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e pela Rádio Clube de Pernambuco, em Recife. De acordo com as fontes apresentadas por Ferraretto (2014), a Rádio Clube de Pernambuco, é a primeira emissora do Brasil, fundada ainda em 1919, pautada por “possibilidades de transmissão de mensagens por ondas eletromagnéticas”.

No Brasil, a primeira entidade a reunir aficionados pelas possibilidades da transmissão de mensagens por ondas eletromagnéticas surgiu na cidade de Recife em 1919. No dia 6 de abril daquele ano, é fundado o Rádio Clube de Pernambuco, por um grupo de “amadores da radiotelegrafia”, como aparece no estatuto aprovado algumas semanas depois, no dia 27 (RÁDIO CLUBE, 1919, f. 3). A singela atitude destes pioneiros liderados por Augusto Joaquim Pereira vai dar origem a uma das principais dúvidas históricas sobre os anos iniciais do rádio no país, ligada a qual seria, realmente, a entidade a instalar a primeira estação: o Rádio Clube de Pernambuco ou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. (FERRARETTO, 2014, p. 16).

José de Almeida Castro, fundador e ex-presidente da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT) explica sobre as controvérsias em torno do início da radiodifusão no Brasil.

Os famosos “galenas” eram pequenos e artesanais receptores de sulfeto de chumbo ao natural, que com uma antena de arame fino captavam vozes e sons vindos pelo ar. No transcorrer dos meus oitenta anos de trabalho, muitas vezes me perguntaram sobre o início da radiodifusão e onde operou a primeira emissora. A resposta padrão passou a ser: “nosso país não tem tradição de preservar a memória nacional. Por isso, as controvérsias vão sempre existir.” (CASTRO, ABERT, 2022).

Castro ainda ensina como identificar as emissoras que são as pioneiras, observando o nome de batismo.

Uma das pistas para esclarecer é saber o nome de batismo: emissoras com clube ou sociedade em seu nome e o prefixo PR são comprovadamente as pioneiras. É o caso da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a PRA-2. Isto não impedia que, no Recife, Oscar Moreira Pinto e um grupo de amigos transmitissem sons e palavras antes do Rio de Janeiro e proclamassem a sua Rádio Clube de Pernambuco como pioneira. Apenas oficialmente registrada depois como PRA-8. Em São Paulo, jovens engenheiros começaram com a Rádio Educadora Paulista. Quase ao mesmo tempo, os baianos entraram no ar com a Rádio Sociedade, a PRA-4, enquanto cearenses organizaram a Ceará Rádio Clube. O Rio de Janeiro inaugurou sua segunda emissora – a Rádio Clube do Brasil – a PRA-3, diferente por ser comercial, a primeira a requerer e ser autorizada pelo Ministério da Viação e Obras Públicas, via Correios e Telégrafos, a veicular anúncios (CASTRO, ABERT, 2022).

Segundo Jambeiro (2003), no contexto da época, a fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro foi quase um ato de desobediência civil, pois a utilização do rádio encontrava-se restringida por lei, devido à sua conotação estratégica, após a Primeira Guerra Mundial. Para minimizar as consequências, Roquette-Pinto (1884-1954) indicou para a presidência de honra da emissora o ministro da Viação e Obras Públicas, Francisco Sá (1862 – 1936), de quem dependeria a revogação da lei. No dia 1 de maio, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro fez a sua primeira transmissão experimental. Dez dias depois, Francisco Sá revogou a lei que tornava o rádio uma atividade clandestina e no dia 19 de maio a emissora promoveu a sua instalação solene. Mas somente em 20 de agosto, o presidente Artur Bernardes (1875 – 1955) autorizou oficialmente o início das irradiações no Brasil, desde que para fins educativos (SIQUEIRA, 2001 *apud* JAMBEIRO, 2003, p. 48). Três meses depois, em 30 de novembro, foi constituída em São Paulo a Rádio Educadora Paulista, também partindo de ideais educativos. (JAMBEIRO *et al.*, 2003, p. 48).

Após o momento da inauguração da primeira emissora no país, muitas rádios começam a operar no Brasil, conforme pontuação de Castro:

Em dois anos (1923- 1924) eram muitas as emissoras em operação. No Rio Grande do Sul, a Sociedade Rádio Pelotense, de Pelotas, e em Porto Alegre, a Rádio Sociedade Gaúcha, que até hoje se proclama a pioneira no Sul do país. Em Minas Gerais, a Rádio Clube Belo Horizonte, com um potente transmissor de 500 watts; em Curitiba, a Rádio Clube Paranaense; em São Paulo, mais uma, a Rádio Clube São Paulo e a primeira emissora do interior, a Rádio Clube Ribeirão Preto. A partir daí, surgiram emissoras de rádio por todo o Brasil, como a Rádio Clube do Pará, no extremo Norte, e as fronteiras do Rio Grande do Sul (CASTRO, ABERT, 2022).

Tendo o novo aparato tecnológico como aliado na transmissão de óperas, poesia e informações sobre o circuito cultural da cidade, o médico e escritor Roquette-Pinto recebeu a alcunha de “Pai do Rádio no Brasil”, como explica Ferraretto (2014):

Boa parte da importância da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro deve-se às atitudes e à proeminência em relação aos seus pares de Edgard Roquette-Pinto, sem dúvida um dos principais incentivadores da implantação deste meio no Brasil. “Era nacionalmente admirado pelo que já fizera pela ciência brasileira”, afirma o jornalista Ruy Castro (In: MILANEZ, 2007, p. 54). “A introdução do rádio no país não era, a rigor, apenas a sua segunda ou terceira façanha, e estaria longe de ser a última.” Independentemente de a Rádio Sociedade ser a primeira ou não, a erudição, o idealismo e a atividade incessante, talvez, expliquem e, mesmo, justifiquem a atribuição do epíteto “father of the Brazilian radio” (BOJUNGA In: SOARMEC, maio 1990), dado pela imprensa dos Estados Unidos durante uma viagem aquele país, e, à sua época, um senso comum por aqui. (FERRARETTO, 2014, p. 18).

Em 1936, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, considerada por muitos a primeira emissora de rádio oficial do Brasil, se tornou a Rádio MEC. A concessão foi dada pelo governo com a condição de que ela fosse essencialmente educativa com o *slogan*: “Trabalhar pela cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil”. Porém, não demorou muito para que esse cenário fosse alterado.

Até meados da década de 30, radiodifusão, radiotelegrafia e radiotelefonia eram consideradas atividades similares, utilizadas principalmente pelas elites econômicas, sociais e intelectuais. O rádio tinha como audiência, para seus programas de literatura, ciência e música clássica, famílias da alta sociedade, artistas e intelectuais. (JAMBEIRO *et al.*, 2003, p.16)

Jambeiro (2003) explica que logo após o rádio passa por um processo de massificação com a possibilidade de transmissão de sons de aparelhos que tocavam discos diretamente ao microfone. Dando início à profissionalização do meio, com a transmissão de programas de auditório, contratação de artistas,

humorísticos e radionovelas. No início dos anos 30, após a autorização do governo de permitir a transmissão de publicidade, o rádio começa a expandir a programação para além do perfil puramente educativo, o que fez com que aumentasse consideravelmente o surgimento de novas emissoras, que passaram a angariar as verbas de jornais e revistas.

O crescimento da radiodifusão, aliada ao desenvolvimento industrial e urbano, provocou o interesse das agências de propaganda americanas no mercado consumidor brasileiro. Entre 1928 e 1935, diversas delas se estabeleceram no Brasil, a exemplo de J.Walter Thompson, McCann Erickson, Lintas e Standard. Vieram, na verdade, acompanhando investimentos industriais de empresas transnacionais para as quais já trabalhavam nos Estados Unidos e em outros países. Essas agências tiveram um importante papel no desenvolvimento da radiodifusão no Brasil, notadamente porque foram elas que passaram a desviar verbas de propaganda de jornais e revistas para aplicação no rádio. (JAMBEIRO *et al.*, 2003, p.17).

E mostra que a expansão das atividades econômicas, no final dos anos 30, provocou grande crescimento na inserção de publicidade nos meios de comunicação de massa. (JAMBEIRO *et al.*, 2003, p.18).

O rádio tornou-se um poderoso competidor pelas verbas publicitárias disponíveis no mercado. Isto levou os proprietários de jornais e revistas a vê-lo como um concorrente a ser enfrentado, eliminado ou comprado. Como as duas primeiras soluções se mostraram impossíveis, eles passaram a disputar concessões para exploração do novo meio e a pressionar concessionários amadores a vender as concessões para interesses comerciais. Na disputa, desaparecem os rádio-clubes, que são substituídos por empresas, muitas delas de propriedade dos mesmos grupos econômicos e políticos que controlavam os meios impressos. (JAMBEIRO *et al.*, 2003, p.18).

E assim analisamos a maneira como o rádio se originou e ganhou popularidade no Brasil.

1.3 A ERA DE OURO DO RÁDIO E O USO POLÍTICO POR VARGAS

O radialista Ademar da Silva Casé (1902–1993) criou o primeiro programa fixo de entretenimento em uma emissora ainda na década de 30, o sucesso foi tão expressivo que o programa chegou a ter 12 horas de duração.

O Programa Casé é considerado um marco no início da difusão da música popular brasileira, sendo o primeiro a substituir as óperas e músicas clássicas pelo samba e chorinho, marginalizados na época. Os ritmos brasileiros eram qualificados como “música dos morros”. Os estilos musicais populares eram considerados “sem modos e de origem escrava, que classificávamos como um produto genuíno da senzala”. (SEVCENKO, 1992, p.91).

Desse modo, podemos afirmar que o rádio pode ser entendido também como mecanismo de disseminação e divulgação da cultura e da arte no Brasil. Além disso, as questões políticas partidárias também aparecem no contexto radiológico. Logo, a simbiose do governo Vargas com o uso da propaganda política através do rádio vive seu apogeu durante o Estado Novo, como mostra Jambeiro:

A repercussão do uso do rádio na propaganda política não tardou a chegar ao Brasil. Em 1932, Getúlio cria a Hora do Brasil, com o objetivo de “vulgarizar as realizações do governo e esclarecer a opinião pública sobre os problemas do momento” (Nosso Século: 70). Mas é no Estado Novo, sem dúvida, que a simbiose do rádio com a política vai ter sua maior expressão. Para forjar uma ideologia estado-novista aceitável pela população, o governo investe significativamente na área da radiodifusão, através de patrocínios dos programas mais populares e dos artistas, já então, transformados em ídolos. (JAMBEIRO *et al*, 2003, p. 65).

Haussen (2004) traz uma informação importante sobre o valor que Vargas atribuía ao rádio, na mensagem enviada ao Congresso Nacional que anunciava o aumento do número de emissoras no país em 1º de maio de 1937:

Neste sentido, Getúlio Vargas no seu primeiro período como presidente do Brasil - 1930/1945 - governou sob forte cunho nacionalista, influenciando sobre os meios de comunicação ao buscar impor o seu projeto político que incluía a unificação nacional. Em 1º de maio de 1937 já destacava o valor que daria ao rádio, na mensagem enviada ao Congresso Nacional que anunciava o aumento do número de emissoras no país. Nela, aconselhava os estados e municípios a instalarem “aparelhos rádio-receptores, providos de alto-falantes, em condições de facilitar a todos os brasileiros, sem distinção de sexo nem de idade, momentos de educação política e social, informes úteis aos seus negócios e toda a sorte de notícias tendentes a entrelaçar os interesses diversos da nação”. (HAUSSEN, 2004, p01)

O livro *Tempos De Vargas - O Rádio e o Controle da Informação*, da Universidade Federal da Bahia, traz uma extensa reflexão sobre o controle da radiodifusão exercido através do Estado Novo, que ocorria de duas formas principais:

a) exercido parcialmente através da concessão de emissoras de rádio e de licença para importação de equipamentos; e b) diretamente,

exercido pelo DIP, através de censura e da distribuição da propaganda estatal. Apesar disso, o período marcado pela ascensão do rádio, cujo apogeu ocorre com os programas de auditório e radionovelas, financiados pela publicidade, liberada desde o Decreto no 21.111 de 1932, seguindo modelo privado semelhante ao norte-americano. O DIP, contudo, a partir de sua criação, em 1939, manteve-se sempre vigilante. Para se ter ideia da dimensão do controle exercido pelo órgão, apenas em 1943, ele examinou 27.396 programas de rádio e 5.678 músicas populares (Cultura Política, n.47, dez/1944, p. 231 *apud* JAMBEIRO *et al.*, 2003, p.45).

Jambeiro (2003) explana sobre a nova constituição, promulgada em 1946, que eliminou a censura prévia, o controle do governo sobre os meios de comunicação de massa e instituiu a liberdade de expressão:

Uma assembleia constituinte foi eleita e a nova constituição, promulgada em 1946, eliminou a censura prévia, o controle do governo sobre os meios de comunicação de massa e instituiu a liberdade de expressão. Reafirmados como bens públicos, os canais de radiodifusão continuaram a ser concedidos exclusivamente pelo Poder Executivo Federal. As emissoras estatais, particularmente a Rádio Nacional, continuaram a funcionar normalmente, disputando audiência e contas publicitárias em condições de igualdade com as emissoras comerciais. Seguindo o modelo implantado por Vargas e mantido por seus sucessores, a radiodifusão continuou se expandindo. Inicialmente, estabelecidas nas capitais dos estados, foram aos poucos se instalando em outras cidades do interior do país. Em 1940 eram 70, passando a 243, em 1950. (JAMBEIRO *et al.*, 2003, p.19).

Jambeiro (2003) registra que, desde o governo de Getúlio Vargas, por Decreto de 1931, o Poder Executivo brasileiro centraliza o processo de concessão e fiscalização da radiodifusão, por consequência, sob controle do Presidente da República, esse modelo persiste até os dias atuais. O texto de José de Almeida no site da ABERT discorre sobre um decreto de Vargas, em 1931, que revoga o Regulamento de 1923 e adotava o modelo de radiodifusão norte-americano:

Com Getúlio Vargas no poder, em 27 de maio de 1931, foi publicado o decreto 20.047, que revogava o Regulamento de 1923 e adotava integralmente o modelo de radiodifusão norte-americano. Pontos principais eram a concessão de canais a particulares e a legalização da propaganda comercial. O decreto saiu no “Diário Oficial”, onde também, em outra data próxima, o Departamento de Correios e Telégrafos foi autorizado a cobrar uma taxa a todo possuidor de um receptor. Entretanto, o órgão jamais conseguiu aplicar a autorização. O Regulamento de Maio de 1931 – que se diga era detalhado - andou de gavetas em gavetas ministeriais e somente em 1º março de 1932 foi finalmente aprovado, pelo decreto 21.111, o primeiro diploma legal que definiu importante alteração (CASTRO, ABERT, 2022).

Dessa forma, podemos observar que as questões políticas estão diretamente relacionadas ao rádio, por este ser um grande veículo de comunicação.

1.4 O RÁDIO COMO FERRAMENTA DE PODER

O rádio tornou-se uma ferramenta necessária no cenário político e militar, tanto que, na Primeira Guerra Mundial (1914–1918), serviu como meio de comunicação entre as linhas de frente de batalha, sendo utilizado para transmitir mensagens às cidades próximas aos locais de guerra. Porém, a ideologia de guerra iria muito além dos conflitos nas trincheiras e campos de batalha como aponta Abreu (2014).

No artigo *Batalhas Radiofônicas - A Formação de Mentalidades por Meio das Ondas Hertzianas*, o professor João Batista de Abreu, que leciona no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense, enfatiza que a palavra propaganda deriva do termo guerra psicológica:

Nos últimos 100 anos, a guerra convencional adquiriu novos contornos. Além das trincheiras, armamentos e táticas de combate, os conflitos intensificaram uma dimensão que extrapola os campos de batalha. Os estrategistas militares se conscientizaram de que, para derrotar o inimigo e perpetuar a ocupação, é preciso conquistar corações e mentes. Os meios de comunicação audiovisuais desempenham papel crucial na chamada guerra psicológica, que no Exército costuma ficar a cargo do setor que cuida da informação. Lasswell explica a origem do termo guerra psicológica, mais tarde substituído por propaganda. (ABREU, 2014, p. 4).

Abreu (2014) mostra que os nazistas não foram os únicos que perceberam o valor do rádio na guerra psicológica. A União Soviética também foi pioneira na utilização das ondas hertzianas.

Não foram somente os nazistas, nem seus simpatizantes que perceberam o valor do rádio na guerra psicológica. A União Soviética ostenta o pioneirismo na utilização política das ondas hertzianas (MATTELART, 1994). Em 1922, o país possuía a emissora de maior potência mundial e, em 1929, inaugurava transmissões regulares em ondas curtas. Inicialmente em francês e alemão; no ano seguinte, em inglês. Seguiam à risca os ensinamentos de Lenin que classifica o rádio como “jornal sem papel e sem fronteiras”. (ABREU, 2014, p. 6 - 7).

Jambeiro (2003) aponta que desde quando assumiu a liderança da propaganda nazista, e, principalmente, durante a Segunda Guerra Mundial, em 1938, Goebbels trabalhava em duas vertentes. Uma era a construção e mitificação da imagem de Adolf Hitler como uma espécie de super-herói paternal, repleto de valores em voga na sociedade alemã. A outra se manifestava pela via da manipulação e financiamento das empresas jornalísticas e da indústria do entretenimento, através da contratação de artistas, diretores e escritores já reconhecidos e da produção de filmes, exposições fotográficas, espetáculos públicos teatrais e musicais programas de rádio, jornais, livros e revistas.

Dessa forma, observa Adriana Kurz, expandia-se conjuntamente o amor aos ideais nazistas e o ódio a tudo aquilo que não representasse esses valores (JAMBEIRO *et al*, 2003, p.31-32):

O entusiasmo e fanatismo das massas hipnotizadas pelo seu Führer garantiriam completa adesão nacional tanto a uma nova rodada de matança nos campos de batalha quanto, no âmbito interno, à sistemática perseguição e extermínio de vítimas inocentes, fossem judeus alemães (e logo europeus), doentes físicos e mentais, ciganos, indigentes, homossexuais ou qualquer espécie de opositor político, sem falar nos artistas degenerados. Completamente banida de todos os âmbitos da vida política e social, a razão daria lugar à mais pura insanidade. O Século XX se afirmaria como a era da recaída na barbárie (...). Por trás desta tragédia de proporções globais, a propaganda nazista mostrava sua força e fazia escola. Uma modernidade reacionária impunha ao mundo a nova cara do poder. A estetização da política, sinalizada por Benjamin no célebre texto sobre a arte e a reprodutibilidade técnica, chegaria num nível jamais imaginado. A propaganda engolira a política e a estética: o resultado seria devastador (KURTTZ, 1999: 162 apud JAMBEIRO *et al.*, 2003, p.32). (CICHON; WIESBECK, 1995 apud FIUZA, 2018, p.14).

1.5 BREVE HISTÓRIA DO RÁDIO NA BAHIA

Em 22 de março de 2021, a jornalista Camila Falcão publicou um texto no site da Rádio Sociedade da Bahia com uma breve história da emissora em homenagem aos seus 98 anos de existência, oficialmente, a primeira rádio da Bahia, inaugurada em 1924, um ano após a criação da primeira rádio no Brasil por iniciativa de um grupo de engenheiros do Instituto Politécnico da Bahia (IPB).

Quem passa pelas ruas do Centro de Salvador, talvez não tenha ideia da bagagem histórica que este lugar carrega. A arquitetura dos antigos casarões se mistura aos novos equipamentos, ao comércio de rua e revela a identidade, ainda preservada, da capital baiana. Foi neste saudoso cenário que as primeiras ondas sonoras da Rádio Sociedade da Bahia foram transmitidas, em 1924, por iniciativa de um grupo de engenheiros do Instituto Politécnico da Bahia (FALCÃO, 2022, s/p).

O texto de Falcão cita a inauguração oficial da primeira emissora de rádio da Bahia, que aconteceu em 27 de abril de 1924, na sede do Palacete Mercury.

A inauguração oficial da primeira emissora de rádio da Bahia foi feita no dia 27 de abril de 1924, com registro fotográfico publicado na revista *Renascença*. A inauguração contou com a presença do governador do estado, na sede do Palacete Mercury, localizado na rua Chile, de propriedade do imigrante italiano Giovanni Mercury, bisavô da cantora Daniela Mercury. A emissora era formada por cerca de 200 associados que pagavam mensalidades, para sua manutenção. A rádio baiana foi a quarta emissora a entrar em atividade no Brasil. (CORREIO DA BAHIA, 2006, p. 4).

Falcão ainda registra a mudança da data comemorativa do aniversário da Rádio Sociedade para o dia 24 de março, após uma suntuosa festa realizada na Rua Chile em 1930.

O aniversário da Rádio Sociedade a partir da década de 1930, passou a ser comemorado no dia 24 de março. Isso porque neste mesmo dia, do ano de 1924, houve uma confraternização na Rua Chile, Centro Histórico de Salvador, regada à muita comida e champanhe para brindar o empreendimento firmado pelos empresários. O evento foi realizado no Palacete do imigrante italiano Giovanni Mercury, bisavô da cantora Daniela Mercury, entretanto, a solenidade pública de inauguração aconteceu em abril daquele ano. (FALCÃO, SOCIEDADE, 2022).

José de Almeida Castro registra sobre o esforço de Roquette-Pinto para a criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em sequência, fala sobre sua experiência pessoal, aos 11 anos, na Rádio Sociedade da Bahia, a PRA-4 de Salvador.

Roquette-Pinto, um médico que pesquisava a radioeletricidade para fins fisiológicos, acompanhava tudo e, entusiasmado com as transmissões, convenceu a Academia Brasileira de Ciências a patrocinar a criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que viria a ser a PRA-2. A rádio só começou a operar, no entanto, em 30 de abril de 1923, com um transmissor doado pela Casa Peka, de Buenos Aires, instalado na Escola Politécnica, na então capital federal. Pessoalmente, ao cumprir tarefa em pequeno estúdio de rádio, em 1933, aos 11 anos de idade, na Rádio Sociedade da Bahia, a PRA-4 de Salvador, aprendi que as primeiras emissoras eram

clubes ou sociedades de amigos, em geral, nascidas da união de curiosos encantados com a sensacional novidade. (CASTRO, ABERT, 2022).

Após a inauguração da Rádio Sociedade da Bahia surgiram a Rádio Comercial da Bahia e a Rádio Clube da Bahia, que ficou conhecida por ter sido a primeira a transmitir música ao vivo, mas, logo essas rádios entraram em decadência e a Rádio Sociedade continuou na supremacia da audiência baiana. Os fundadores da Rádio Sociedade da Bahia enfrentaram muitas dificuldades para mantê-la no ar, como custo para aquisição e manutenção dos equipamentos, dessa maneira, para custear a estação, foi necessário a formação de sociedades e clubes. Assim, em outubro de 1924, foi solicitada uma ajuda monetária do governador vigente na Bahia, Góes Calmon (1874–1932). Os diretores conseguiram um financiamento para a compra de transmissores em Nova York, além da isenção da taxa de imposto de alfândega.

Em 21 de junho de 1944, no Largo do Papagaio, em Itapagipe, surge a Rádio Excelsior para dar início a uma acirrada concorrência. O anúncio da chegada de uma nova estação aconteceu com o show do famoso Trio de Ouro, composto por Herivelto Martins, Dalva de Oliveira e Nilo Chagas. (CORREIO DA BAHIA, 2006, p.5).

A Rádio Cultura da Bahia estreou em agosto de 1950, representando revolução, jornalismo instantâneo e salários acima da média para os locutores. As rádios Excelsior, Cultura e Sociedade tinham seu próprio *casting* de atrizes e atores e produziam suas próprias radionovelas, *A Carta* era a radionovela de maior sucesso da rádio Excelsior, as radionovelas *Consciências Mortas*, *Quando fala o Coração* e *Conflitos* eram da Rádio Cultura.

Ao longo do tempo, a Rádio Sociedade da Bahia pertenceu a importantes grupos de comunicação. Em 1940, após ganhar uma nova sede no bairro do Comércio, a rádio é vendida para os Diários Associados, de Assis Chateaubriand (1892-1968). Em 1970, a Rádio Sociedade vira afiliada da TV Itapoan e do Jornal Estado da Bahia e passa a funcionar na atual sede da emissora, no bairro da Federação. Em 1997, a rádio passa a integrar a Central Record de Comunicação (atual Grupo Record). Em 2013, a frequência 740 AM da emissora começa a ter uma transmissão digital pelo Sociedade Online.

1.6 IRECÊ: PRIMEIROS APARELHOS DE RÁDIO E OS SERVIÇOS DE ALTO-FALANTES

O rádio é o veículo de comunicação com maior rapidez, dinamismo e presteza. Sua característica instantânea faz com que esteja em todos os lugares: em casa, no carro, no escritório, na roça, em locais com ou sem energia elétrica. O rádio se faz presente, sendo um dos mais importantes veículos de comunicação do mundo, ideia defendida por Marilene Stertz (2003). Dessa forma, a importante chegada dos primeiros aparelhos de rádio a Irecê foi bastante comemorada pela população, como registrada pelo memorialista Jackson Rubem. No livro: *Irecê – História, Casos e Lendas*, lançado em 1997, Rubem registra a informação de que o primeiro aparelho foi trazido para Irecê pelo prefeito Antônio Bastos, durante sua gestão, na década de 30, o que gerava uma verdadeira aglomeração em torno do veículo de comunicação, como aponta.

[...] O primeiro rádio de Irecê era uma "cachona de madeira", segundo a visão dos mais velhos e ficava no local onde atualmente funciona o INCRA. Uns diziam: "O rádio vai tocar tal dia!" Outros que não sabiam que aquilo era um rádio, diziam: "O homem vai falar tal dia!" Então, todos saíam de suas casas. Cada morador com um tamborete para sentar e ouvir o homem falando de dentro daquela caixa. Antônio Bastos, prefeito da época, mandava ligar o rádio à noite, em determinados dias da semana. E naqueles dias, nas ruas empoeiradas de Irecê, dezenas de pessoas, moços, velhos, crianças, meninos, meninas, dirigindo-se para o lugar onde se encontrava o rádio. (RUBEM, 1997, p. 224).

Porém, existe uma controvérsia em sua obra em relação à chegada do primeiro aparelho de rádio em Irecê. No livro: *Irecê, um pedaço histórico da Bahia*, lançado em 1999, Jackson Rubem conta que o primeiro rádio chegou em Irecê na década de 40, a novidade foi levada para a cidade pelo então prefeito Renério Dourado, porém, discorre que ninguém sabia instalar o aparelho, dessa forma, o técnico José Carlos da cidade de Miguel Calmon foi chamado para fazer a instalação.

Rindo da ignorância dos ireceenses em termo de eletrônica, José Carlos gastou três dias na façanha de colocar os fios negativo e positivo na posição correta. E enquanto fazia seu serviço ia ouvindo elogios como: "Este homem sabe tudo. Este homem é muito inteligente!" O rádio funcionou, para alegria de todos de Irecê e microrregião. Moradores dos mais longínquos lugarejos vinham

periodicamente a Irecê, montados em jegues para assistirem no rádio um programa chamado *Cumpadre Belarmino*, que era transmitido pela Rádio Tupi, de São Paulo. (RUBEM, 1999, p. 86).

Se na década de 30 ou na década de 40, por Renério Dourado ou Antônio Bastos, o certo é que a chegada do primeiro aparelho despertou a curiosidade da população como um verdadeiro evento social. Segundo Rubem (1999), a audiência do programa *Cumpadre Belarmino* era tão grande em Irecê que o famoso locutor ficou sabendo que era líder de audiência na cidade. Também tomou conhecimento que Aurélio José Marques, um dos homens mais ricos do lugar, tinha algumas manias ao se expressar.

Certo dia Belarmino terminou seu programa com uma piada, muito de mau gosto para o principal afetado. Belarmino repetiu diversas vezes a expressão: Aurélio Finalmente Finalmente... Aurélio Finalmente Finalmente... Aurélio Finalmente Finalmente. Aurélio, que tinha a mania de repetir Finalmente Finalmente após o encerramento de uma frase citada oralmente, não gostou nem um pouco. Só não quebrou o rádio de Renério, porque teve pena daquelas pessoas que ficavam boquiabertas ouvindo aquela grande caixa de madeira, cheia de gente miudinha, conversando, dizendo tudo que acontecia no mundo. (RUBEM, 1999, p. 87).

É interessante constatar que desde os primórdios, o rádio sempre exerceu uma influência significativa e intrigante na vida das pessoas. Mário Erbolato diz que há termos e conceitos que já se incorporaram ao linguajar comum, inclusive acessíveis a crianças em idade escolar, mas que foram recebidos com desconfiança, temor, indiferença e descrédito quando as primeiras notícias sobre eles surgiram na imprensa, acrescenta que a penicilina e a bomba atômica não eram conhecidas em 1930 e hoje, graças a divulgação de matérias a respeito, podem ser objeto até de discussões cotidianas e assim descreve uma lista de palavras incorporada ao vocabulário dos indivíduos na década de 1980:

E quantas outras palavras foram difundidas entre a atual geração, e a maioria delas pode ser entendida e interpretada ligeiramente? F. Gil Tovar lembra as seguintes: cibernética, enfarte, psicose, colesterol, hipertensão, surmenage, psicodrama, sociodrama, automação, massificação, lavagem de cérebros, stutnik, cosmonave, contagem regressiva, modulo, raio laser, transistor, anticoncepcionais, fossa. À lista poderíamos acrescentar: fitopatologia, radiobiologia e outras (ERBOLATO, 1981, p.43)

Conforme Rubem (1999), Além de *Cumpadre Belarmino* os ireceenses também ouviam o programa humorístico Jararaca e Ratinho. Adoravam as músicas de Carmem Miranda, Orlando Silva e Carlos Galhardo. O autor

destaca ainda que o veículo era tão valorizado que os moradores chegavam a pagar grandes somas de dinheiro para ter acesso ao aparelho radiofônico.

A importância do rádio era tão grande no início, que os moradores da cidade eram capazes de fazer qualquer coisa para ter um. Um exemplo disso aconteceu com Francisco da Silva. Chicão, como é mais conhecido, trocou uma casa de residência com cinco cômodos, coberta e com portado, por um grande rádio. (RUBEM, 1997, p. 224).

A oralidade, característica própria do rádio possibilitava e possibilita uma comunicação direta e eficaz com todos os públicos, principalmente aqueles que exigem a simplicidade, clareza e objetividade que facilita a comunicação do veículo como descreve Stertz (2003):

Neste contexto, o veículo apresenta a peculiaridade de poder se comunicar com seu público que não precisa ter uma formação específica e especial para decodificar a mensagem. Por isso, nas sociedades subdesenvolvidas, onde o nível de escolaridade é geralmente muito baixo, o rádio exerce papel informativo de relevância. As pessoas nessas condições confiam muito mais nele do que nos noticiosos impressos, pois ou não sabem ler ou apresentam dificuldades de entendimento e interpretação (STERTZ, 2003, p.154).

Rubem (1997) mostra como funcionavam os primeiros serviços de alto-falantes em Lapão, na época em que o local ainda era vila de Irecê:

No passado o principal veículo de comunicação ao alcance da comunidade era o serviço de auto-falante, usado para transmissão de notícias do país e do mundo, acontecimentos regionais, músicas de Luiz Gonzaga e outros cantores famosos, batizados, casamentos, etc. Em 1958, reuniram-se, às 16 horas, o reverendo Josias Silva Primo, representando o Arauto da Paz; Sinfrônio Paiva, a Sociedade Recreativa; Nelson Hayne, a Sociedade Cultural de Lapão. A reunião ocorrida na SCL era para discutir os horários de transmissão dos serviços de auto-falantes das três entidades, a fim de evitar balbúrdia. Depois de um debate, chegaram a um consenso. (RUBEM, 2010, p. 226).

Bem como os primeiros locutores de alto-falantes nos anos 60:

Alguns locutores da época: Denilson, filho de Sidelcino sapateiro, transmitia informações locais. Doradinho (Adelson), casado com a filha de Dinda. João Batista, locutor da sociedade cultural. Ariovaldo Soares (Valdinho) Valdinho foi um dos que mais se destacou na comunicação da vila, na época dos auto-falantes. Ele era uma pessoa extremamente culta. Em muitas ocasiões atuava como cicerone. Apresentava o programa Momento Alegre, destinado a crianças. Fazia muito sucesso, tanto entre a criançada quanto entre adultos. Nilson participava. (RUBEM, 2010, p.185).

Nessa perspectiva, o rádio fez e faz parte da história de Irecê e sua região, evidenciando traços da cultura e dos costumes dos sertanejos da capital do feijão.

1.7 A RÁDIO REGIONAL DE IRECÊ É INAUGURADA EM 1983

Marilene Stertz (2003), defende que outra característica do rádio é a sua democratização, que aumenta com a participação de uma significativa parcela da população que se sentia excluída tanto para ouvir a programação que realmente lhe interessava como para participar e obter uma concessão. Em Irecê, a primeira concessão foi concedida em 1983, para um grupo político. Rubem (2004), relata que a instalação da Rádio Regional aconteceu após a promessa e intervenção de Antônio Carlos Magalhães (1927–2007).

A Rádio Regional de Irecê foi a primeira emissora, a mãe de todas e já tem mais de vinte anos de fundada. Sua história começou quando Nobelino Dourado Filho soube que havia uma emissora de rádio disponível para Irecê. Imediatamente buscou Antônio Carlos Magalhães e pediu sua intercessão, uma vez que já tinha um outro concorrente. ACM disse-lhe que a emissora seria dele, o que se efetivou algum tempo depois, sendo os primeiros proprietários Joacy, Ineny e Nobelino. (RUBEM, 2004, p. 365).

Em diferentes situações culturais e econômicas, o rádio impulsiona o crescimento de uma determinada localidade, estimulando e abrindo espaço para as mais variadas discussões, comunicando-se com um público diversificado e heterogêneo. Por ser o meio de comunicação de maior alcance de público, às vezes, é o único veículo a levar informação, como pontua Marilene Stertz (2003):

Dependendo da localização geográfica, das razões econômicas e do nível cultural, muitas vezes é o único veículo a levar a informação. É por meio dele que as pessoas ficam sabendo sobre o que acontece no mundo, no seu país, no seu estado, no seu município. Ouvem sobre guerras, economia emprego, resultados de futebol. Recebem e enviam recados (STERTZ, 2003, p.154).

Concordando com o argumento de Stertz (2003), Rubem (2004) destaca que a Rádio Regional de Irecê agregou valor à cidade, com grandes benefícios.

A emissora trouxe imensos benefícios para Irecê, sobretudo no campo social, promovendo o despertar de muitos artistas, o encontro de pessoas separadas pela distância, campanhas sociais, etc. Seu alcance ultrapassa microrregião de Irecê e chega a localidades de outros estados como Piauí. Além disso, transmite diariamente um boletim meteorológico, fornecido pelo famoso meteorologista "Paulo Etchure", para que os agricultores saibam os melhores dias para plantar. Fornece ainda, em sua programação, os preços dos produtos agrícolas, serviço extremamente importante para quem pretende vender ou comprar. Tal a importância da Rádio Regional para a comunidade de Irecê, há que quem diga: "Nobelino, a obra mais

importante que você trouxe para Irecê, foi a Rádio Regional". (RUBEM, 2004, p. 365).

A história da Rádio Regional de Irecê está intimamente ligada ao nome do político Nobelino Moitinho Dourado, ex-prefeito de Irecê.

Nobelino Moitinho Dourado foi um homem extraordinário que trabalhou no pesado desde a juventude e conseguiu prosperar bastante, tanto na agricultura, quanto no comércio. Beneficiou dezenas de agricultores, seja financiando seu plantio, seja levando-os para obter financiamentos cooperativa Jacobina. Elegeu-se prefeito de Irecê e efetuou inúmeras obras, dentre as quais a arquibancada do estádio de futebol Joviniano Dourado Lopes, os bancos do Brasil e da Bahia foram trazidos por ele, a televisão e a construção de 35 prédios escolares no imenso município, numa época em que os únicos recursos da prefeitura vinham de impostos cobrados dos feirantes, imagem de TV e telefone (RUBEM, 2004, p. 331).

E Nobelino Dourado Filho que foi três vezes deputado estadual conseguindo as concessões da Rádio Regional e Rádio Caraíbas através de Antônio Carlos Magalhães.

[...] Nobelino Dourado Filho, uma pessoa extremamente benquista em Irecê, um pacifista e amante desta terra, uma pessoa bem sucedida, tanto no campo político, pois se elegeu três vezes deputado estadual, quanto no campo empresarial, nas comunicações. Aos 13 anos de idade, concluiu o primário em Irecê, tendo estudado no Colégio Teotônio e no Ginásio da Fraternidade. Em 1973 foi estudar em Salvador, inicialmente no Colégio Nossa Senhora do Carmo, depois no Liceu Salesiano, onde foi colega de pessoas importantes como Bel do Chiclete. Posteriormente foi para o Colégio 2 de Julho, tornando-se um grande amigo de Luis Eduardo Magalhães. Juntos, Nobelino Filho e Luis Eduardo, concluíram o segundo grau; juntos fizeram vestibular para Direito; juntos passaram e juntos foram estudar na Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia. Formaram no mesmo ano, candidataram-se a deputados e foram eleitos. Mesmo antes de ser eleito, Nobelino ocupou posições destacadas. Foi Oficial de Gabinete do governador Roberto Santos, um cargo muito cobiçado (RUBEM, 2004, p. 331).

Rubem (1997), também destaca o trabalho de locutores da Rádio Regional como Joázio Bastos, que além de Irecê atuou em várias rádios da capital paulista.

[...] Com a instalação da Rádio Regional, onde trabalhou Joázio Bastos. Locutor com larga experiência adquirida nas rádios Boa Nova de Guarulhos, Vera Cruz de Marília e Tupi, de São Paulo, onde seu programa liderou o lugar, Joázio Bastos deu um grande impulso a Rádio Regional de Irecê. (RUBEM, 1997, p. 86).

E sobre a marca de Gilvan Oliveria na emissora, com o programa Show do Rei.

Gilvan Oliveira é recordista em tempo de apresentação de seu programa *Show do Rei*, que há mais de 15 anos apresenta músicas de Roberto Carlos e seus convidados e faz um trabalho social. Segundo ele, o primeiro programa da rádio foi o de Mário Almir e chamava-se *Show da Manhã*. (RUBEM, 1997, p. 86).

Faz um registro sobre a vida do radialista J. Sidney de Souza (1963) que atua em Irecê desde os anos 80, se encontra no livro: *Irecê: a Saga dos Imigrantes*, nele, Rubem destaca que J. Sidney de Souza que nasceu em São Paulo, veio para Irecê para trabalhar como locutor de vendas.

Nasceu em Santo André/SP, em 13/05/1963, filho de José J. Sidney de Souza e Waldesilva Moura. Desde criança sentia um intenso desejo de trabalhar e prosperar". Seu pai tinha uma frota de veículos com vários motoristas, viajando para Irecê, a fim de vender confecções na feira. Muito jovem ainda, J. Sidney vinha junto e tanto mascateava, quanto era locutor de vendas. "Eu sempre gostei mais de trabalhar do que de brincar e desde os sete anos já era mascate. Às vezes até no domingo, quando todos estavam descansando, eu estava trabalhando, fazendo qualquer coisa que pudesse me ajudar e também ajudar na construção de minha família. (RUBEM, 2004, p. 331).

Rubem (2004) destaca ainda que em 1982, J. Sidney começou a trabalhar com campanhas políticas da cidade.

Em 1982, J.Sidney recebeu convite para atuar em campanha política. Realizando seu trabalho com competência, conseguiu atrair para si a atenção de alguns empresários, que tinham notado a falta de um profissional de seu nível, na área de comunicação. Convidaram-no a vir para Irecê e ele topou (RUBEM, 2004, p. 331).

Chegando a inaugurar duas empresas de carro de som, antes de se tornar sócio da Rádio Regional de Irecê.

Inaugurou uma empresa de carros de som, a Atlas Promoções e progrediu muito, fundando mais outra: Avante Promoções e Publicidades. Depois foi convidado para trabalhar como radialista na Rádio Regional de Irecê, iniciando uma carreira que o transformaria em radialista profissional. Ficou no emprego durante algum tempo, veio a ser sócio com 50% de participação nas ações, mas acabou desistindo daquela emissora. (RUBEM, 2004, p.332).

Outro breve registro que ajuda a montar a história de nomes ligados à rádio na região de Irecê foi encontrado através de um registro na rede social de Marcos Silva (2019), publicado em 14 de janeiro, no momento em que noticiavam a morte do radialista Agnelo Serqueira de Oliveira Junior (1951–2019), 68 anos, natural de Campos Sales no Ceará. Na publicação, um breve

histórico da vida e trabalho desenvolvido por Agnelo na região de Irecê como locutor e montador de estúdios acústicos para as primeiras rádios da cidade, o texto inclusive, cita o sistema de alto-falantes que seria do empresário Abelardo Leite Bonfim (1946-2006), intitulada: *A Voz do Sertão*.

Atraído pelo desenvolvimento de Irecê como polo produtor de feijão, o radialista chegou em Irecê ainda nos anos 80, para trabalhar com o empresário do ramo de som e entretenimento Abelardo Bonfim, que havia montado o serviço de sonorização em alto-falantes da cidade, conhecida como a “A Voz do Sertão”, uma espécie de rádio comunitária. Agnelo Serqueira atuava como técnico, montador de carros de som e locutor. Com a chegada da primeira emissora de rádio da região em 1983, a Rádio Regional de Irecê AM, logo foi convidado para atuar na mesma, onde comandava um programa semanal de grande audiência na época. Especializou em montagem de estúdios acústicos para emissoras de rádio em várias cidades da Bahia. Nos anos 90 montou os estúdios das rádios Caraíbas FM, Irecê Líder FM, Difusora dentre várias outras rádios. Ele estava separado da esposa e deixou três filhos. (SILVA, 2019, s/p).

Contudo, um trágico acontecimento marcou a história do rádio na microrregião, antes da inauguração da Rádio Regional de Irecê em 15 de maio de 1983. De acordo com Rubem (2010), Lapão, era um dos distritos subordinados ao município de Irecê até o ano de 1985, onde residia Euricles Lopes Santos, conhecido como Eurico. Um jovem de família humilde que trabalhava em uma pensão no pequeno distrito até viajar para São Paulo em 1968, aos 18 anos, tendo como meta juntar dinheiro para retornar e investir em sua terra natal. Em 1976, Eurico retornou à Lapão com dinheiro e muitos conhecidos famosos no meio artístico nacional e inaugurou no povoado pertencente a Irecê, a casa de *shows: Bailão de Zé Beto*.

Enquanto esteve fora, fez amizade com gente famosa como Roberto Carlos, Jerry Adriani e Vanderleia. Voltou em 1976, com muito dinheiro, sonhos e esperança. Inaugurou o Bailão de Zé Beto que se tornou palco de grandes eventos musicais. Os amigos famosos de Eurico saíam de São Paulo e percorriam a longa distância até Lapão, uma pequena vila desconhecida por eles. Vinham em consideração ao amigo Eurico. (RUBEM, 2010, p.183).

Por amizade e consideração a Eurico, no Bailão de Zé Beto se apresentaram nomes famosos da cena musical nacional como Jerri Adriane, Valdick Soriano, Odair José, Bartô Galeno e Fernando Mendes. Eurico também fundou a Rádio Difusora de Lapão em 15 de março de 1979, que seria a primeira da região.

O palco do Bailão de Zé Beto era abrilhantado com a presença de grandes talentos da área musical, famosos nacionalmente. Pela primeira vez, a região conhecia artistas como Diana e os cantores Fernando Mendes, Jerri Adriane, Odair José, Valdick Soriano e Bartô Galeno, na época no auge do sucesso. No dia 15 de março de 1979, fundou a "Rádio Difusora de Lapão", a primeira da região. Faltava apenas uma torre para que as ondas de rádio provenientes de Lapão se espalhassem por todos os lugares. (RUBEM, 2010, p. 183).

Era grande o sucesso de Eurico, porém, segundo Rubem (2010), toda essa evidência no mundo artístico regional e na fundação da primeira rádio da região teria provocado a ira de líderes políticos de Irecê, culminando no seu assassinato em 12 de fevereiro de 1980 e interrompendo a transmissão da Rádio Difusora de Lapão.

Eurico se tornou uma espécie de cartola do esporte lapoense e um verdadeiro mecenas das atividades artísticas da época. Este seu sucesso despertou ciúmes nas lideranças políticas locais, sobretudo nos chefes da política da sede, em Irecê, que passaram vê-lo como verdadeira ameaça aos seus quinhões políticos, no distrito de Lapão. Mas a morte veio prematuramente, em 12/02/1980. Ceifou, tragicamente, a vida deste grande e admirável empreendedor cultural e também o sonho de milhares de artistas da região, que viam nele e em sua emissora de rádio, uma espécie de elo que os levaria para o sucesso. (RUBEM, 2010, p. 185).

Em junho de 1988, o assunto sobre o assassinato de Eurico é mencionado no jornal Cultura e Realidade, em um artigo intitulado: *A Voz da Liberdade*. O parágrafo: *Injustiças da Voz*, apontava para um dossiê que havia sido publicado no panfleto anônimo denominado: *A Voz da Liberdade*, sobre acontecimentos na época em que Joacy era prefeito de Irecê em sua primeira gestão (1977 a 1983). O artigo também mencionava que o assassinato de Eurico em 1980, tinha outras motivações e que adversários políticos teriam acusado de maneira injusta, Joacy Nunes Dourado e seu vice, Valdemar de Carvalho da morte de Eurico.

Nada na "voz" foi tão observado pela comunidade Ireceense quanto ao último dossiê (sic) publicado em "A VOZ DA LIBERDADE", os ireceenses repugnou o tal, pelo fato de, segundo alguns cidadãos, "prefeito não ter poder nenhum de atrapalhar investigações federais e que o Avião que caiu na região quando Joacy era prefeito de Irecê, transportava grileiros e não Fiscals Federais". Sobre o assassinato de Eurico, muitos lembram que este acontecido estava ligado à quelma de arquivo, já que estem participava de uma máfia de estelionatários ou a problemas com homossexuais. Os comentários de que tinham sido o então prefeito e vice de Irecê naquela época, Sr. Joacy Nunes Dourado e Sr. Valdemar de Carvalho, respectivamente, não passou de abuso de adversários políticos. (CULTURA E REALIDADE, junho de 1988, p.1).

Em 30 de maio de 1988, Isaias Sena de Irecê, havia escrito o artigo intitulado: *Véspera de eleição, compadre*, publicado no *Correio do Sertão*, tecendo críticas à postura do eleitor pedinte e também fazendo menção ao panfleto anônimo, *A Voz da Liberdade*, que segundo ele, fez sérios julgamentos aos seis candidatos à prefeitura de Irecê e incrimina Joacy, sem fazer alusão ao assassinato de Eurico, mas, deixando subtendido:

[...] Agora que é ano político, a gente ouve queixas de todos os lados: "só voto se me der dez absurdos. E por falar nisso saiu aqui em Irecê um panfletozinho pejorativo a respeito dos possíveis candidatos a prefeito de Irecê. Malharam Guga, picharam Zé Duarte, desceram o pau no Dr. Hélio, menosprezaram Luz Sobral (ou do saco), tiraram o pouco que Adelmo tinha e incriminaram Joacy inclusive com perigo para quem escreveu. Aquilo não é uma crítica é uma acusação. O panfleto "A Voz da Liberdade", disse que existe mui mercantilismo político, está certo; disse que muitos votarão em branco, está certo. O que se discorda é quando chamam tudo isso de palhaçada e não aponta uma virtude sequer de um desses cidadãos. Se nenhum dos seis nomes colocados não serve, porque não apontam um sétimo nome? Todo anonimato é covarde, sabia? (CORREIO DO SERTÃO, 1988, p.4).

Joacy foi um dos fundadores da Rádio Regional de Irecê (RRI), a informação consta no texto em alusão a comemoração dos quatro anos da emissora, representada pela sigla RRI, em uma publicação de maio de 1986 do jornal *Cultura e Realidade*. Com o título: *Rádio Regional 4 anos no espaço*, o texto fala a respeito da dificuldade que foi a instalação de uma rádio no sertão da Bahia em 13 de maio de 1983, que seria a primeira da microrregião de Irecê, sendo fundada pelos políticos Nobelino Dourado Filho (1940–2009), então deputado, Ineni Nunes Dourado, ex-prefeito de Irecê, Joacy Nunes Dourado, que era prefeito de Irecê e pela esposa de Nobelino.

Em 13 de maio de 1983, entrava no ar a primeira emissora de rádio da micro região de Irecê. RRI. Montar uma rádio em nosso sertão parecia impossível. Porém, quando há união de forças tudo é possível. Principalmente por ser um investimento alto para uma baixa renda comercial. Mesmo assim, o Deputado Nobelino Dourado Filho, Dr. Ineni Nunes Dourado, Dr. Joacy Nunes Dourado e a esposa do primeiro, não hesitaram pelo empreendimento. Assim nasceu a Rádio Regional que no último dia 15 completou quatro anos de atividades. (CULTURA E REALIDADE, junho de 1986, p.11).

O texto ainda destaca os colaboradores da rádio em 1986, assim como suas respectivas funções:

FUNCIONÁRIOS E FUNÇÃO: EM ATIVIDADES Eva Zeladora, Valdeni e Luís Firmino - Seguranças; Brivaldo Santos, Genivaldo Sena e Gibessy Transmissores; Cláudia Marques - Recepção;

Cristina - Escriturária; Lindinei - Se-cretária; Ezer Dourado - Programador musical; Comunicadores - Ângelo Siqueira, João Carlos, Nilson Silva, Gilmar Oliveira, Quinzinho, J. Mendes, Roberto Machado, Edson Andrade, Osnivam Porto, Roberto Neto e Raimundo Mendes; Operadores de Audio - Quinzinho, Jailton Pincha, Eduardo Punk, André Suvela; Chefe de Gravação Emanuel Buga; Equipe de Esportes - Comando Nilson Silva (Lalá); Agente 540 J. Sidney e Emanuel Buga; Chefe Administrativo - Professor Isaias Sena. (CULTURA E REALIDADE, junho de 1986, p.11).

A publicação: *Nobelino X Raimundão*, do Jornal Cultura e Realidade em fevereiro de 1988, mostra que a Rádio Regional de Irecê era utilizada pelo deputado Nobelino Dourado para fins políticos e eleitoreiros, o texto argumenta sobre qual dos dois deputados teria sido o responsável por "prometer energia" para o povoado Morro do Gregório, em Irecê, nas vésperas das eleições para governo e deputado em 1986.

No governo João Durval, os habitantes de Morro de Gregório enviaram mais de 3 abaixo-assinados na tentativa de sensibilizar o governo, e esse iluminar aquele povoado. Nas vésperas das eleições para governo e deputados em 86, Nobelino Dourado disse na RRI que tinha conseguido a tão esperada energia. Dias depois Raimundão de Salvador, envia uma carta avisando que tinha conseguido a energia para o mesmo povoado. "Acontece porém, que já se passaram quase 2 anos e aquela comunidade continua no escuro" lamenta Vandete Mendes, autor de 3 cartas e diz ainda: "Foi só uma maneira de ludibriar aquela gente para conseguir os votos". Acha que foi uma falta de respeito para com aquela população operosa (trabalhadora) e ordeira. (CULTURA E REALIDADE, fevereiro de 1988, p.5).

Na mesma edição, o Cultura e Realidade publica o texto: *Baixa na taxa de redução do custeio. Quem é o pai da criança?* que também registra informação sobre o uso dos microfones da rádio para fins políticos.

Uma boa notícia para os agricultores da região foi a queda da taxa de correção do custeio agrícola para setenta por cento da OTN. A medida anunciada durante esse mês pelo Ministério da Fazenda deixa apenas uma grande incógnita: Qual dos políticos da região influenciou para tal decisão? Primeio foi o deputado Paulo Renato que assumiu a paternidade da medida. Depois, o deputado Nobelino Dourado, e o vereador Hermenilson de Carvalho que em entrevista à rádio Regional de Irecê reivindicaram para si a influência junto ao ministério para a redução da percentagem de correção do custeio. Afinal, quem é o pai da criança? (CULTURA E REALIDADE, fevereiro de 1988, p.5).

O futebol intermunicipal contava com o apoio da Rádio Regional de Irecê, como destaca o único artigo publicado no jornal Correio do Sertão que faz referência a existência da rádio durante o recorte temporal de 1978 a 1988.

É do conhecimento geral, de que na disputa do Campeonato Intermunicipal de Futebol, versão 1983, a seleção de Irecê veio a Morro do Chapéu, jogou, foi derrotada e sua delegação teve uma boa acolhida, correndo tudo normalmente. Indo a Irecê por duas vezes, em cumprimento à tabela, a coisa se inverteu, a seleção morrense foi derrotada em ambas as partidas e a acolhida à nossa delegação foi na base da provocação e violência, fatos estes, lastimáveis e desagradáveis, para os quais não conseguimos justificação. A seleção de Irecê voltou a jogar em Morro do Chapéu e desta vez, depois de uma preparação e acirramento dos ânimos, por toda uma semana, através da Rádio Regional de Irecê veículo de informação de grande influência, foi a nossa cidade tomada de surpresa pela delegação de Irecê, transportada em três ônibus, vanguardiada por um contingente policial da Polícia Militar sediada em Irecê, além de elementos outros à paisano, portando armas de fogo, gerando daí, um incontrolável constrangimento à nossa população, que ferida nos seus brios, reagiu aquela intromissão, já que o dito contingente não fora solicitado, não portava qualquer expediente oficial e que justificasse a sua vinda, nem tão pouco se apresentasse ao Comando do Destacamento local, que se encontrava presente ao Estádio mantendo a ordem. (CORREIO DO SERTÃO, 1984, p.6)

Desse modo, segundo o quinzenário com sede na cidade de Morro do Chapéu, durante toda a semana que antecedia os jogos, a emissora estimulava a disputa ferrenha entre as equipes e as cidades, promovendo acirramento e brigas inconsequentes dentro e fora de campo.

1.8 A INAUGURAÇÃO DA RÁDIO CARAÍBAS FM EM 1987

Fundada em 17 de julho de 1987, também pelo deputado estadual Nobelino Dourado Filho (1940–2009), a Rádio Caraíbas FM foi a primeira emissora da região de Irecê em frequência modulada (FM), sintonia 100,7 MHz e com o *slogan*: *O Ouvinte em Primeiro Lugar*.

A sua fundação representou um enorme avanço na região da Chapada Diamantina, em uma época em que o país iniciava grande progresso na área de comunicação. Percebendo o crescimento da região de Irecê e a carência do seu povo de se integrar aos acontecimentos regionais, estaduais e nacionais, o então Deputado Estadual Nobelino Dourado Filho idealizou aquele se tornaria o mais efetivo e poderoso meio de comunicação do interior baiano. A Caraíbas FM representou a continuação de um projeto de instauração de meios de comunicação na região. A iniciativa já havia sido tomada alguns anos antes, com o surgimento da Rádio Regional de Irecê AM, emissora pertencente à Rede Caraíbas de Comunicação e também

fundada por Nobelino Dourado Filho. Com a Caraíbas FM, a população passou a dispor de emissoras tanto em AM como FM. Os ganhos para a região de Irecê foram imensos. A partir daí, a sua população receberia, todos os dias, entretenimento, informação e cultura. (CARAIBAS, 2022).

Rubem (2004), explica que a concessão da Rádio Caraíbas FM também foi intermediada pelo Ministro das Comunicações do presidente José Sarney, Antônio Carlos Magalhães. Destacando nomes importantes na constituição da rádio como Antônio Sanches, Eser, Buga, Brivaldo, Nailson e Joazio Bastos.

A Caraíbas FM, que também veio com a ajuda de ACM, que na época era ministro das comunicações no governo Sarney, foi instalada em Irecê por uma empresa de São Paulo. Mas foi um português Antonio Barradas Sanches quem mais se destacou. Segundo o diretor proprietário, Nobelino Dourado Filho, o português Sanches foi o grande mestre que preparou a maioria dos locutores das emissoras, entre os quais Eser, Buga, Brivaldo, Nailson (que aprendeu em Jacobina) e Joazio Bastos, que começou em Irecê, depois foi trabalhar em grandes emissoras de rádio de São Paulo. (RUBEM, 2004, p. 365).

Em janeiro de 1988, o Jornal Cultura e Realidade, traz um artigo que registra a nova aquisição da Rádio Caraíbas FM, o radialista Nailson Alves que chegou na emissora após Antônio Sanches que foi o diretor-fundador da RRI antes de retornar para Portugal.

Fique ligadinho, fique ligadinha. Foi com conselho que Nailson Alves Rodrigues chegou na Rádio Caraíbas FM, logo após a viagem do estimado Antônio Sanches, que hoje está residindo em Portugal. Desde que assumiu a direção de produção da FM, Nailson vem mostrando suas qualidades. Com um programa animado e bem produzido a FM ficou leve e saudável transmitindo as músicas para cada clima, ou seja, o som novo e o de recordações. (CULTURA & REALIDADE, 1988, p.12).

O texto destaca ainda que o locutor já havia atuado em outras rádios do interior da Bahia como FM Jacobina, Rádio Morena de Serrinha e Rádio Aymoré de Piritiba.

Nailson é filho de Irecê e é profissional em processamento de dados, contudo, apesar de ter "mexido" em computadores por algum tempo, ele ouviu a voz do dom falar mais alto e, há três anos e meio, anima os ouvintes de rádios e FMs, dentre as quais a FM Jacobina, Rádio Morena de Serrinha, Rádio Aymoré de Piritiba e agora, entre vários convites, optou pelo da FM Caraíbas. "Fique ligadinho, fique ligadinha", na próxima você conhecerá o Estevão, a Havy, o Sidney e outros mais da FM Caraíbas, Quinzinho, o Ézer, o Pincha, o Buga e os demais da RRI. (CULTURA & REALIDADE, 1988, p.12).

Com o título: *RRI e FM Caraíbas*, a edição de julho de 1988 do *Cultura e Realidade* parabenizava o primeiro ano da Rádio Caraíbas e os cinco anos da Rádio Regional de Irecê:

Parabenizamos os cinco anos da Rádio Regional e o primeiro da FM CARAÍBAS que ao longo dos tempos são líderes de audiência na região. É bom lembrar que o dia-a-dia de um comunicador não é fácil. Por isso, todo o nosso respeito aqueles que fazem da Rádio Regional e da FM CARAÍBAS, companheiros inseparáveis do povo ireceense. (CULTURA & REALIDADE, julho de 1988, p.10).

Durante o período delimitado, não foram encontrados registros sobre a inauguração e chegada das rádios Regional AM e Caraíbas FM em Irecê, através do *Jornal Correio do Sertão*, quinzenário que fazia ampla cobertura dos assuntos da microrregião na época. Porém, no mesmo período, na edição de 30 de março de 1986, o jornal faz uma menção a concessão da Rádio Ferro Doido pelo Ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães para Morro do Chapéu.

O Ministro de Estado das Comunicações, no uso de suas atribuições e consoante o disposto no Decreto nº 88 674-83, expediu dentre outras. a seguinte portaria: No 37 de 19 02 86 processo nº 29000 007957-85. Outorga permissão à RADIO "FERRO DOIDO" DE MORRO DO CHAPEU LTDA, para explorar serviço de radiodifusão sonora em onda média local, na cidade de Morro do Chapéu-Ba. De Jequié, neste estado, o conterrâneo Getúlio Pinheiro satisfeito com o ocorrido, solicitou que se transcrevesse o seguinte comentário do jornal "A Tarde": Agora, os defensores do meio ambiente, especialmente os da Chapada Diamantina, onde funciona a Associação dos Amigos da Natureza de Morro do Chapéu, terão mais um meio de comunicação de massa para divulgar e orientar a população com relação ao potencial daquela região, além de estimular à preservação de suas riquezas naturais. Isto porque o ministro Antônio Carlos Magalhães, das Comunicações, acaba de conceder licença para exploração de uma emissora de rádio no município de Morro do Chapéu. Dentro em breve, a rádio "Ferro Doido" (em homenagem à cachoeira de Ferro Doido, a 15 km da cidade) estará transmitindo em ondas médias, para toda a região. (CORREIO DO SERTÃO, 1986, p.1).

O texto traz ainda o comentário do assinante Getúlio Pinheiro publicado no jornal *A Tarde* sobre o foco da rádio que seria o de estimular a preservação de suas riquezas naturais da Chapada Diamantina.

2 UMA HISTÓRIA SOBRE A CAPITAL DO FEIJÃO ENTRE 1978 – 1988

Este capítulo buscar registrar o contexto político, social e econômico que serviram como pano de fundo para a chegada da primeira emissora de rádio da microrregião de Irecê nos anos de 1978 a 1988. A cidade de Irecê, localizada no sertão baiano, reconhecida como a Capital do Feijão, representa um espaço geográfico específico que requer a escolha de conceitos e metodologias tão peculiares quanto o local escolhido para estudo. Para tal propósito, utilizamos o uso do jornal como fonte histórica, por José D'Assunção Barros, a história regional e a geografia crítica estudada pelos pesquisadores Moisés Sampaio, Sandra Fernadéz e Milton Santos, respectivamente.

2.1 IRECÊ E O CONCEITO SOBRE A HISTÓRIA REGIONAL E A GEOGRAFIA CRÍTICA

Em 1980, o município de Irecê contava com 87. 922 habitantes e com 15. 654 domicílios, como mostra o censo do ano na aba: *Séries Históricas* no seu site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Porém, em 30 de abril de 1980, o Jornal Correio do Sertão publicou uma matéria questionando os números do censo divulgados através do IBGE, tanto para Irecê, quanto para outras cidades do interior baiano como Jacobina, Senhor do Bonfim, Campo Formoso, Xique-Xique, Sento Sé, Morro do Chapéu, dentre outras. De acordo com a nota, Irecê totalizava 88. 793 habitantes, ou seja, 871 habitantes a mais que o número apresentado pelo órgão federal, como mostra o seguinte recorte:

Levando-se em consideração o senso de muitos críticos que não se conformam com os dados do último censo, (e que talvez tenham razão), se deixaria de divulgar qualquer nota a este respeito, mas, a propósito, pesquisamos e destacamos 30 municípios que oficialmente nos dá o seguinte resultado: Jacobina – 104 879; Irecê – 88 793; Senhor do Bonfim – 64. 726; Campo Formoso – 57 135; Xique-Xique – 43.191; Sento Sé – 32 289; Morro do Chapéu – 32 255 [...] De toda esta região de acordo o censo de 1970 e o atual, o município que obteve o maior índice de crescimento foi o de Utinga. A população da sede do município do Morro do Chapéu é de 7.760 pessoas. No entanto, não se falando em casas comerciais, verificamos um levantamento cadastral efetuado no mês de fevereiro pelo Contador, Técnico em Cadastro Fiscal Imobiliário sr. Leonardo C. C. Guimarães,

comprovado que até aquela data, na sede do nosso município, já tínhamos 2119 casas residenciais. A média da população é de 5 pessoas em cada casa. Por outro lado, existem municípios que diminuíram a sua população. Diante desses fatos, surge a dúvida: o censo estará certo? (CORREIO DO SERTÃO, 1980, p.1).

Diante da escolha de um espaço geográfico e social tão específico, concordamos com Sampaio (2017), que defende a necessidade do uso da história regional para preencher espaços deixados pela macroescala, em outras palavras, quando existe a necessidade de uma metodologia adequada no momento em que o foco for um espaço geográfico menor, como é o caso desse estudo sobre a cidade de Irecê e sua microrregião.

Ainda segundo Bandiere, a história regional está mais relacionada com a geografia crítica e vinculada à história econômica, preocupada com transformações e continuidades, com processos sociais ocorridos em tempo e lugar específicos passíveis de se compreender. Dessa maneira, a história regional preenche lacunas deixadas pela macroescala uma vez que se compreende a região como um processo de estruturação que articula tempo e espaço. A afirmação acima coaduna com o pensamento do geógrafo brasileiro Milton Santos. Para ele, o conceito de região apareceu primeiramente no século XIX, originalmente cunhado pela Geologia. (SAMPAIO, 2017, p. 34).

Sampaio alerta ainda para as características únicas de lugares com dimensões reduzidas, sejam essas características próprias de cada região, sendo econômicas, geográficas ou sociais:

Todas essas características próprias de lugares com dimensões reduzidas, diferenciadas das demais por características econômicas, geográficas ou sociais, implicam também em verificar aspectos singulares ocorridos no microespaço em que, por vezes, permitem análises diferenciadas do que se tem como estabelecido na perspectiva macroanalítica, fugindo da ideia enclausurada de região enquanto espaço delimitado por limites jurídicos, eclesiásticos ou administrativos, que nem sempre foram estabelecidos pelas características locais, nessa perspectiva. É reconhecido na história da Bahia que as pessoas que estabeleceram os limites acima citados nunca estiveram os sequer conheciam as áreas por eles delimitadas. Ainda assim, as regiões foram se conformando com características e demandas específicas que não por poucas vezes obrigaram a redefinir o que fora estabelecido (SAMPAIO, 2017, p. 35).

E traz a reflexão da pesquisadora argentina Sandra Fernandez sobre o que acontece no Brasil e em outros países, que toma a parte para o todo, características de uma região, para o país.

Cabe para o Brasil a observação feita anteriormente, que muitas das histórias nacionais são na verdade história local de uma determinada região, que por ter mais influência socioeconômica ou intelectual, se cristaliza como válido para todo o país (FERNÁNDEZ, 2021, p. 121).

No livro: *Brasil e Argentina na pesquisa regional/local contemporânea, escalas, periodizações e problemas*, com organização de Moises Sampaio e Sandra Fernández, os pesquisadores buscam demonstrar o reflexo dos estudos relacionados à história regional nos dois países:

A perspectiva dos estudos regionais e locais na historiografia argentina é suficientemente importante para considerá-la como um enfoque de interesse. O retorno ao “regional” na pesquisa histórica pode ser datada no segundo quinquênio da década de 1980, quando foram iniciadas as cátedras em boa parte dos cursos de história nas universidades nacionais dedicadas à história regional, a pesquisa regional, etc. Mas, tal retorno, também obedece à apresentação e execução de projetos de pesquisa que trabalhariam com problemáticas derivadas das diferenças e/ou excepcionalidades regionais e locais com relação aos processos históricos como: a organização e consolidação do estado nacional, a gestação de um modelo agroexportador, as origens do movimento operário, dentre outros. A necessidade de justificar o recorte e dotar de entidade aos pressupostos sobre o que se desenvolveu nas propostas de exame empírico, levou a uma preocupação por tentar delimitar a referência ao regional, e evidentemente também ao local, avaliado ademais pela influência da historiografia europeia e latino-americana, e a já conhecida história urbana, dentre outras. (FERNÁNDEZ, 2021, p. 121).

Sandra Fernández também aborda e defende a discussão acerca das escalas de análise sobre o crescimento das pesquisas em torno da história regional, onde “quando menor, melhor”:

Os usos das escalas de análise se adaptam muito bem às abordagens que rompem com o paradigma do Estado nacional como horizonte onipresente da pesquisa. A frase feita “quanto menor, melhor;” diz muito sobre a intensidade de que a escolha da escala propõe ao momento de levar adiante a recompilação da informação, a formulação de hipóteses, e o processo de interpretação e elaboração de resultados. Por isso, não é de se estranhar que nos últimos 20 anos a pesquisa regional/local se nutriu bastante tanto dos estudos que tentam superar o marco das histórias nacionais, como dos aportes de historiografias que durante os anos 1990 do século passado e a primeira década do século XXI, se esforçaram por discutir e elaborar estados da arte e justificativas metodológicas em torno da escala. (FERNÁNDEZ, 2021, p. 121).

Santos ainda chama a atenção para a importância do processo histórico que é um processo de separação em coisas particulares, específicas. Cada nova totalização cria novos indivíduos e dá as velhas coisas um novo conteúdo. O processo de totalização conduzia a velha à nova totalidade e constitui a base do conhecimento de ambas.

O todo somente pode ser conhecido através do conhecimento das partes e as partes somente podem ser conhecidas através do conhecimento do todo. Essas duas verdades são, porém, parciais. Para alcançar a verdade total, é necessário reconhecer o movimento conjunto do todo e das partes, através do processo de totalização. O processo pelo qual o todo se torna um outro todo é um processo de desmanche, de fragmentação e de recomposição, um processo de análise e síntese ao mesmo tempo. Trata -se de um movimento pelo qual o único se torna múltiplo e vice-versa. "O múltiplo é o futuro do único", escreve Régis Debray (1991,p. 83). O todo múltiplo volta a ser único no momento seguinte, já um outro todo, pronto, também, para ser despedaçado. A metamorfose do real-abstrato em real-concreto, da essência em existência, da potência em ato é, consequentemente, a metamorfose da unidade em multiplicidade. (SANTOS, 2006, p. 77).

E defende que podemos conceber a totalidade como um todo de "essências" e como um todo de "existências", simultaneamente.

O todo de essências, ainda irrealizado, é formado por Objetos Perfeitos. A palavra Objeto é aqui empregada na acepção que geralmente lhe dão os sociólogos, compreendendo tudo o que existe no mundo da concreção e no mundo da representação e do imaginário. A palavra Perfeito se aplicará, aqui, a essas entidades, esses objetos, para considerá-los como plenos, isto é, com a plenitude de seu ser ou, em outras palavras, com um máximo de potência, um absoluto. Essas são possibilidades, como, por exemplo, uma técnica perfeita, um objeto técnico perfeito, uma ação perfeita, uma norma perfeita. São possibilidades ainda não colhidas pelos atores, portanto são latências. (SANTOS, 2006, p. 79).

Além do uso da história regional e da geografia crítica, neste capítulo, é fundamental a aplicação da teoria desenvolvida por Barros (2019) no uso do jornal como fonte histórica que começa a ser utilizado na historiografia a partir dos anos 1980. Sendo o jornal capaz que revelar e elucidar questões culturais, políticas e vários aspectos da vida social do período em estudo.

[...] relevante para compreender diversificados aspectos da vida social, do mundo político ou da cultura – partilhados através de uma miríade de objetos de estudo - o que adentra o cenário da historiografia nos anos de 1980, elevando os periódicos a uma posição equivalente àquelas que diversas outras fontes já ocupavam na palheta historiográfica. Tratar o jornal como fonte histórica, nesse sentido, é compreender que ele pode ser utilizado como fonte para a história de gênero, para a história do trabalho para a história dos movimentos sociais, para a história do cotidiano, para a história urbana, ou para os inúmeros objetos de estudo de interesse dos historiadores. (BARROS, 2019, p. 190)

Sendo assim, os jornais *Cultura & Realidade* com sede em Irecê e o *Correio do Sertão*, em Morro do Chapéu, foram amplamente utilizados com o intuito de compreender as nuances do período em estudo.

2.2 CENÁRIO POLÍTICO E ECONÔMICO NA REGIÃO DE IRECÊ (1978 - 1988)

A escolha de Antônio Carlos Magalhães para futuro governador da Bahia, como sucessor de Roberto Santos, por indicação dos generais Ernesto Geisel e do candidato à sua sucessão, João Batista de Figueredo, em 17 de abril de 1978, foi divulgada com otimismo através do Correio do Sertão. No texto, ACM recebe o título de “Maior Governador que já teve o nosso sertão”, sendo assim finalizado. “A nota oficial da volta do Dr. Antônio Carlos Magalhães a ser novamente o Governador da Bahia foi recebido com muita alegria em todo o interior baiano, havendo em Morro do Chapéu, como em outras cidades, sob o espocar de farto foguetório, vibrante júbilo e entusiasmo congratulatório, por parte dos seus admiradores, em homenagem ao Maior Governador que já teve o nosso sertão”.

Em audiências solenemente realizadas no Palácio do Planalto, em Brasília, o Presidente da República General Ernesto Geisel e o candidato à sua sucessão General João Batista de Figueredo indicaram, no dia 17 deste, à Arena, os seus candidatos aos governos de oito estados, figurando dentre os quais a Bahia, que vai ser novamente governada pelo Dr. Antonio Carlos Peixoto de Magalhães, Presidente da Eletrobrás, como sucessor do atual Governador Roberto Santos. A acertada indicação do nome do Dr. Antonio Carlos Magalhães para ser o futuro Governador da Bahia foi oficialmente anunciada pelo Presidente do Diretorio Regional da Arena na Bahia, Deputado Djalma Bessa, em face do Governador Roberto Santos ter logo se ausentado do recinto. Depois de sua indicação para Governador, o Dr. Antonio Carlos Magalhães convidou o Deputado Luiz Viana Neto para ser o futuro Vice-Governador. O Dr. Antonio Carlos Magalhães afirmou disposto a fazer um governo de união e concordia em favor dos interesses do Estado, esclarecendo que as portas estão abertas ao entendimento com todas as correntes do partido. (CORREIO DO SERTÃO, 1978, p.1)

A diplomação de ACM como futuro governador, realizada em 02 de dezembro de 1978 também foi divulgada através do quinzenário.

Em sessão solene presidida pelo deputado Renan Baleeiro, Presidente do Colégio Eleitoral, na Assembleia Legislativa, foi diplomado no dia 2 deste mês o futuro Governador da Bahia Dr. Antonio Carlos Peixoto de Magalhães, juntamente com o futuro Vice-Governador Dr. Luiz Viana Neto, o futuro senador indireto Jutahy Magalhães e seu suplente, O Dr. Antonio Lomanto Junior, deputado federal e senador eleito, veio de Brasília especialmente para assistir a solenidade. (CORREIO DO SERTÃO, 1978, p. 4)

Em outubro do mesmo ano, chegando próximo o final do seu mandato, o ainda governador Roberto Santos, ofertava orquídeas cultivadas em Morro do Chapéu para a primeira-dama da França.

Ao visitar recentemente a Bahia, a mulher do Presidente da França, Anne-Aymone Giscard D'Estaing levou para a França bonitas orquídeas naturais de Morro do Chapéu que o Governador Roberto Santos lhe ofereceu quando a ilustre Primeira Dama da França se despedia de Salvador. Assim as nossas orquídeas divulgam bem longe o nome de nossa terra. (CORREIO DO SERTÃO, 1978, p.1).

Em 07 de outubro de 1978, o candidato Nobelino Dourado Filho participava de um comício para promover sua candidatura a deputado estadual, junto com o candidato a deputado federal João Durval na cidade de Morro do Chapéu, os dois candidatos receberam o apoio político do prefeito da cidade, Wilson Dourado. Como registrou o Correio do Sertão na edição de 15 de outubro.

No dia 7, foram recepcionados nesta cidade e fizeram à noite grande comício político os srs. João Durval e Nobelino Dourado Filho, candidatos a Deputado Federal e Estadual, respectivamente, que em Morro do Chapéu serão votados pelos eleitores correligionários do prefeito Wilson Dourado (CORREIO DO SERTÃO, 1978, p.4)

O número de votos das eleições para senador, deputado federal e estadual foi divulgado em 30 de novembro de 1978, pelo Correio do Sertão. O jornal trazia o resultado das eleições para senador, deputado federal e estadual na cidade de Morro do Chapéu, sob o título: *Resultado Das Eleições Neste Município*, com os números detalhados para os candidatos votados em cada uma das seções eleitorais. Os candidatos a deputado estadual, Nobelino Dourado Filho e deputado federal, João Durval, que recebiam o apoio do prefeito de Morro do Chapéu, Wilson Dourado, conseguiram uma votação expressiva na cidade, de 4.304 e 3.892, respectivamente. A publicação apresentava o prelúdio.

Sob a presidência da exma, sra. Dra. Ruth Santa Barbara de Abreu, digna Juíza de Direito e Eleitoral desta Comarca, e também com a assistência da Promotora Dra. Marina Neri Brito, advogados e delegados de partidos, foram apuradas nesta Cidade as Eleições de 15 de Novembro expirante, registrando-se com a contagem dos votos o seguinte resultado (CORREIO DO SERTÃO, 1978, p.4)

Em 16 de dezembro de 1978, uma comitiva formada por políticos da Arena Um e Dois de Morro do Chapéu, além da presença do diretor do Correio

do Sertão, Adalberto Pereira, fizeram uma visita ao futuro governador ACM em sua residência, no bairro da Graça, em Salvador.

[...] o futuro Governador Dr. Antônio Carlos Magalhães, que, numa deferência toda especial, os recebeu em sua residência no Edifício Juvenal Pinheiro de Andrade no Bairro da Graça, oportunidade em que foram abordados diversos aspectos que interessam a comunidade morrense. Quanto ao aspecto político, o Dr. Antônio Carlos Magalhães demonstrou enorme satisfação pelo fato dos verdadeiros Amigos terem sido majoritários no pleito de 15 de novembro último, declarando na ocasião que as posições políticas serão distribuídas obedecendo rigorosamente o resultado das eleições no município. O maior Governador que já teve o nosso sertão demonstrou ajuda o seu contentamento pelo progresso que Morro do Chapéu atravessa, lembrando que tudo começou no seu primeiro governo quando deu total apoio ao ex-Prefeito Odilesio Gomes para implantação do POLO CAFEEIRO na Chapada Diamantina que tem como sede Morro do Chapéu. (CORREIO DO SERTÃO, 1978, p. 1).

Nesse ínterim, o Correio do Sertão de 30 de janeiro de 1979, publicou uma matéria do jornal Folha da Tarde de São Paulo, com a manchete: *Deixou de vigorar o Ato Institucional N. 5.*

BRASILIA (FP) – Desde a zero hora de 1º de Janeiro expirante já não vigora mais o Ato Institucional n. 5 nem o artigo 185 da Constituição, que impedia os que tiveram seus direitos políticos suspensos com base em ato de exceção de retornarem à atividade política. Com a troca do Ato Institucional n. 5 pelo novo sistema constitucional de defesa do Estado (estado de emergência e medidas de emergência, além do clássico estado de sítio). (CORREIO DO SERTÃO, 1979, p.1).

Logo após, registou a cerimônia de posse do governador Antônio Carlos Peixoto Magalhães, ocorrida em 15 de março no Fórum Rui Barbosa, em Salvador. O evento contou com matéria destaque no Correio do Sertão, trazendo na primeira página, um trecho do discurso de ACM.

Volto para governar a minha Bahia com a certeza de que farei um governo sem odio e pensando acima de qualquer coisa no bem estar do meu povo, da minha gente. Vamos melhorar a condição de vida dos baianos, através de um governo sério, dando-lhes segurança, condições de trabalho e saúde. Volto para Bahia como Governador e com a certeza de que jamais decepcionarei este povo maravilhoso que sempre confiou em mim. Não voltei por vaidade ou fascínio do poder, ao Governo da Bahia. Só me estimula a vontade de trabalhar intensamente, pela prosperidade da nossa terra e bem estar dos seus filhos. Repito que o meu desejo é lutar pelas - grandes causas e não pela causa dos grandes. A. C. M. (CORREIO DO SERTÃO, 1979, p.1).

Em 30 de março, a visita do ministro da Agricultura Delfim Neto a Irecê era noticiada pelo Correio do Sertão, segundo o jornal, o novo ministro iria anunciar diligências do governo federal de estímulo para a cultura do feijão.

Os jornais anunciaram a vinda do novo Ministro da Agricultura, Professor Antonio Delfim Neto, a Irecê, afim de fazer de publico o anúncio das medidas de incentivo à agricultura de alimentos básicos que irão ser adotadas pelo Governo Federal. A cultura do feijão será certamente uma das mais beneficiadas. (CORREIO DO SERTÃO, 1979, p. 4)

Em 09 de abril, o quinzenário morrense compartilhava o resultado da visita dos ministros da Agricultura, Delfim Neto e do Interior, Mário Andreazza, junto com o governador da Bahia, ACM, ao município vizinho. Entre as principais promessas “maior incentivo à agricultura, com irrigação, novas estradas e mais energia elétrica para todos os pontos rurais”.

No dia 9 deste mês a vizinha cidade de Irecê teve a grande satisfação de receber a honrosa visita do Ministro da Agricultura Professor Antonio Delfim Neto, juntamente com o Ministro do Interior Dr. Mario Andreazza, e com o Dr. Antonio Carlos Magalhães, Governador da Bahia, com cuja caravana vieram também deputados e altas personalidades oficiais e políticas. A recepção por autoridades e populares locais e de municípios vizinhos, foi uma das maiores que já assistimos, havendo palmas e o espoutar de farto foguetório. Num palanque armado na frente da Prefeitura, discursaram o Prefeito Joacy Dourado, o Deputado Federal Manoel Novais, os Ministros Delfim Neto, Mario Andreazza e por ultimo o Governador Antonio Carlos Magalhães, ficando a grande multidão assistente muito satisfeita e confiada de que agora o Governo vae dar mesmo na região o maior incentivo à agricultura, com irrigação, novas estradas e mais energia elétrica para todos os pontos rurais. (CORREIO DO SERTÃO, 1979, p.4)

Em 15 de março de 1987, o jornal noticiava a posse do novo governador Waldir Pires com apostas na esperança de mudança política e em busca de moralidade administrativa para o dinheiro público.

Waldir Pires prometeu mudanças em praça pública e vai cumpri-las, o que muito interessa ao povo. Por todo o Estado falou claro para todo mundo ouvir A moralidade pública está no meio. E mais necessária, A honestidade é a sua companheira. Vamos ajudá-lo a governar e sair desta situação de fome e miséria, falta água aqui, falta luz ali e o povo só assistindo governo entrar e sair sem nada solucionar, vamos ver se desta vez é mesmo a expressão: governo do povo, pelo povo e para o povo. Waldir Pires tem todas as qualidades para ser um bom governador. Já deu provas de sua capacidade administrativa quando ministro da previdência social, em apenas onze meses de gestão. O povo já tem a quem se queixar ninguém deve ficar calado quando souber de alguma coisa malfeita; principalmente quando se tratar de dinheiro público desviado para fins ignorados (CORREIO DO SERTÃO, 1987, p.1).

Durante a análise de notícias divulgadas durante todo o período delimitado foi prosaico o encontro com notas e textos que enalteciam ou fomentavam a produção agrícola da região de Irecê ou em contraponto, que mostravam o desespero e a clemência do pequeno produtor rural da época. Como alguns textos enviados por órgãos oficiais do governo do estado ou do governo federal como INTERBA, SUDENE, dentre outros. Além de publicações dos próprios agricultores ou assinantes do jornal que também enviavam textos solidários ao sertanejo. Exemplo do título otimista: *Irecê produzirá dez vezes mais em 5 anos*, traz uma nota sobre o empréstimo do Banco Interamericano na ordem de 36,8 milhões de reais para investimento na produção de feijão, milho, mandioca, cebola e tomate.

A renda agropecuária na região de Irecê aumentará em 50 a 100 por cento nos próximos cinco anos, e a produção de feijão, milho, mandioca, cebola e tomate será dez vezes maior. A previsão é do Banco Interamericano de Desenvolvimento, que no ano passado aprovou empréstimo de US\$36,8 milhões do capital interregional para ajudar a melhorar o padrão de vida das 14 500 famílias de lavradores de baixa renda que vivem na região (CORREIO DO SERTÃO, 1983, p.3).

Além disso, pudemos analisar a divulgação de um programa fundiário intitulado: *Projeto Irecê* para entrega de 3 mil títulos de terras da região, através do governo do estado da Bahia.

O Governador João Durval Carneiro, dando prosseguimento ao programa fundiário, entregará até o próximo mês de agosto. 3 000 títulos de propriedades na região de Irecê. O Projeto Irecê, prevê a entrega de 12000 títulos ainda este ano, através do Instituto de Terras da Bahia INTERBA. O interesse do Governo procurar melhorar e regularizar a situação das propriedades rurais, dismantelando os documentos falsos fraudulentos, descobrindo os "pôdres" de alguém e anulando escrituras, atitude que não vai agradar, sem dúvida, os latifundiários improdutivos, os grileiros e açambarcadores das terras alheia. Conforme estamos informados, o INTERBA de Irecê já está de posse de microfilmagem de todos os títulos de terras do município de Morro do Chapéu, e, logo termine o levantamento daquela região, prosseguirá com os trabalhos em nosso município, (CORREIO DO SERTÃO, 1983, p.3).

O governador baiano João Durval através da SUDENE também 'tentou' acabar com o sofrimento do sertanejo enviando chuva artificial para o lavrador castigado, porém os esforços foram em vão, como denota a nota publicada em junho de 1984.

Em meados de fevereiro deste ano, o governador João Durval, em virtude de sua solicitação, recebeu comunicado do superintendente da SUDENE, Valfrido Salmito Filho, que durante aquela semana uma aeronave do Projeto Modart viria atuar na nucleação da região de Morro do Chapéu, Senhor do Bonfim, Utinga, Jacobina e áreas circunvizinhas. Como vemos, são 192 poços tubulares nesta região, que na verdade são de grande valia, mas as despesas exorbitantes nas suas manutenções são ininterruptas, não se falando nos defeitos constantes e o risco de diminuir a vazão até secar, como acontece com alguns deles, em decorrência da longa estiagem que atravessamos. Se houvesse água no solo da terra, isto praticamente não aconteceria.

Com referência as chuvas artificiais, no mês de fevereiro, aviões realmente sobrevoaram esta área, porém vi foi tudo em vão, pois não encontraram nuvens apropriadas a fim de provocar as referidas chuvas. Poços tubulares não combatem as causas da seca, chuvas artificiais também não, ambas são medidas emergenciais e paliativas e água no solo da terra além de Macausar efeitos positivos neste sentido, ainda combate os efeitos da seca. (CORREIO DO SERTÃO, 1984, p.1).

Com o título: *Feijão: é apenas isso que Irecê pode produzir?* O jornal Cultura & Realidade de fevereiro de 1988 trazia dúvidas em relação à monocultura do feijão e incentivava o investimento em culturas como algodão, mamona e árvores frutíferas.

Na edição do mês passado, publicamente, de acordo com um boletim da CEPA. Fundação Centro Estadual de Planejamento Agrícola, publicamos uma matéria em que este garantia, conforme as pesquisas, que a safra 87/88 está salva. Assim também os agricultores da região estão certos. Mas essa certeza ficou por conta do algodão, mamona e árvores frutíferas, dentre outros. A safra do feijão, de acordo com informações técnicas, já encontra-se comprometida em 70% pela estiagem e pelas pragas (Macrophomina produz cor acinzentada no caule Fusanose, Nematóide, etc). As perdas sucessivas da safra praticamente monocultura do feijão, em anos anteriores, levaram vários produtores a plantarem também outras culturas. Nas zonas agrícolas compreendidas próximas a Jussara é notório o verde do algodão e essa cultura tende a se desenvolver na região ireceense por ser de grande resistência á seca (CULTURA & REALIDADE, 1988, p.3).

A instabilidade econômica (causada pela inflação) e climática (pela estiagem) na região de Irecê, gerava várias reflexões de gente do povo e especialistas, como o texto: *Algodão para Irecê?* publicado em abril de 1988 no jornal Cultura & Realidade pelo engenheiro agrônomo Wélinton F. Alencar. Nele, o autor expõe a “moeda do feijão” vigente na cidade, onde se media através da quantidade de sacas do produto, o preço pago por automóveis ou tratores. Na ocasião, o agrônomo compara “para comprar um trator novo em 1986, precisava-se de 417 sacos de feijão. Hoje, são necessários 964 sacos do

mesmo produto”. Além de avaliar a mudança da cultura do feijão para outras mais adaptáveis à seca como a mamona e o algodão.

Todos vêem que, ultimamente, quem tem pago as nossas contas nos bancos tem sido o Proagro, com raras exceções. O preço dos nossos produtos nunca acompanham a inflação. Para comprar um trator novo em 1986, precisava-se de 417 sacos de feijão. Hoje, são necessários 964 sacos do mesmo produto. Dia a dia, mais e mais, o agricultor se descapitaliza; o comércio vende menos; a arrecadação diminui; o governo não investe em obras básicas e o povo sofre. Está difícil colher feijão e milho; o sorgo, quando se produz, não tem comércio. Para irrigação, é preciso poço com boa vazão, conjunto de irrigação, eletricidade, etc. Chega-se à conclusão que as opções estão ficando poucas. Este ano, fora alguns focos de produção do feijão em João Dourado, Ibititá e Canarana, ao que parece, quem vai colher alguma coisa são aqueles que plantaram mamona e algodão. Passadas as más notícias, algumas boas informações. O algodão, juntamente com a mamona e o sorgo, foi a única cultura que aguentou a estiagem de janeiro a fevereiro. É, pois, uma opção para a região? (CULTURA & REALIDADE, 1988, p.4).

Sobre a viabilidade da cultura do algodão para Irecê, Alencar expõe que na safra 86/87, estima-se que tenham sido plantados de 2 a 3 mil hectares desta malvacea; nesta safra, 1 87/88, calculam-se em 12 mil ha e na safra vindoura, 88/89, preveem-se 60 mil há em toda a região. Além de indicar algumas medidas contra praga da plantação de algodão.

É preciso que se tome cuidado com alguns aspectos, tais como não permitir de maneira alguma entrada de sementes e sacos vazios vindos de regiões que tenham o bicudo (algumas áreas produtoras no Nordeste e todo Centro-Sul do País). Urge que se façam campanhas de esclarecimento sobre o uso correto dos agrotóxicos, evitando danos irreversíveis à natureza e ao meio ambiente. É preciso que a Cooperativa reative a usina de beneficiamento da Codevasf (ainda existe?) ou que a iniciativa privada assim o faça. (CULTURA & REALIDADE, 1988, p. 4).

O forte contexto sertanejo e questões tão peculiares como as encontradas no texto, típicas de locais com dimensões reduzidas encontra apoio no estudo da história regional, teoria defendida pelo pesquisador Moises de Oliveira Sampaio, também disponível em seu livro: *Francisco Dias Coelho: o coronel negro da Chapada Diamantina*, que apresenta uma ampla e profícua discussão sobre o estudo da história regional na América Latina, pautado na contribuição do mexicano Luiz González. América Latina, com a publicação de *El Pueblo en Vilo*, em 1968.

Os estudos sobre história regional não são novidades na América Latina. Reguerra (2007) sustenta que a partir da publicação de *El Pueblo en Vilo*, pelo mexicano Luiz González, em 1968, emergiu uma nova forma de ver a história, a geografia e a população de um

país. Desde esse tempo, consolidou-se em vários países, e assumiu as características de cada lugar onde se estabelecia. Para (Bandiere (2007), na Argentina, por exemplo, a história regional confirmou-se, mesmo que não tenha sido compreendida, como uma opção metodológica por si própria, pois, se encontra em processo de consolidação. Mesmo que confundida com a micro-história italiana, pois, em ambas, o único elo de concordância é a redução de escala. (SAMPAIO, 2017, p.33).

Mesmo em processo de consolidação da teoria, percebemos na história regional, uma nova maneira de interpretar a população, a geografia e a história do lugar, que bem retrata os locais com dimensões reduzidas como a microrregião de Irecê.

2.3 O SOFRIMENTO, A LUTA E A FÉ DO SERTANEJO

Por viver no sertão e sem a implementação de eficientes políticas de convivência com a seca por parte do governo, o agricultor Aurelino Guedes que residia em Barra do Mendes, na região de Irecê, contou que testemunhou a grande seca que assolou a região em 1932, foi um momento desolador de muita fome e sofrimento, um marco triste da história. Porém, ele não se abateu, com fé, em março de 1932 preparou a terra, com fé, aguardou a chuva, a chuva veio, a terra deu seus frutos e com alegria e agradecimento, ele colheu. Em 1984 e a grande incerteza sobre a vinda das chuvas prevalecia, senhor Aurelino fez o mesmo. Preparou a terra com uma fé inabalável a chuva vai vir, para novamente plantar e colher.

Vou preparar a terra, se chover eu planto. Prepare a terra e se chover plante, Isto é o que faz e o que ordena o agricultor, ele confia na terra, porque sabe quanto ela é produtiva. Em princípios de março, em Barra do Mendes, o Sr Aurelino Guedes nos disse: Começou a chover e o agricultor vendo a terra molhada, começou a plantar e pode se dá muito bem. Eu vivi 1932 período de seca que ficou na história, no entanto, em março daquele ano, começou chover como agora e pareceu milagre; tudo que se plantou produziu com abundancia. Há poucos dias em nossa redação, o Sr. Manoel Messias dos Anjos, agente do nosso Jornal em Salobro, região de terra fértil, nos afirmou: É incalculável a produção que ainda vamos ter, o agricultor plantou e plantou muito, ele não reserva o período, vendo a terra molhada, tem fé e confia na sua fertilidade. (CORREIO DO SERTÃO, 1984, p.6).

Este relato de perseverança, assim como o do senhor Manoel Messias dos Anjos que veio em seguida e tantos outros se encontram ao longo das

edições do Correio do Sertão (1978–1988). Retratando página após página, ano após ano, a saga do povo que vivia à espera constante por chuva e quando as águas chegavam, agradeciam como um verdadeiro milagre. Sob o sol escaldante, os grupos católicos faziam orações, promessas e as penitências eram práticas constantes, Deus precisava ouvir suas preces, algumas vezes, ouvia, porque milagres acontecem.

Nesta cidade, um grupo de senhoras e alguns homens católicos, quando não se tinha nenhum sinal de chuvas, em 19 de fevereiro próximo passado, resolveram fazer uma caminhada aos domingos à 1 hora da tarde, (sol bem quente), em direção ao cruzeiro localizado a dois quilômetros ao sul desta cidade, em penitência pedindo as chuvas benditas e necessárias ao Divino Criador. Um detalhe: Cada vez que este grupo se reunia, aos domingos, era feito o convite para a próxima caminhada ser feita em agradecimento às chuvas a nós enviados pelo nosso Pai Celestial, senão, tinham que continuar como antes. No quarto domingo, 11 deste, quando este grupo se deslocava da Igreja Matriz até o cruzeiro afim de dar graças a Deus pelas últimas chuvas caídas, o sol se achava bem quente. Lá no cruzeiro o povo permaneceu inquieto, vendo chuva bem perto. Ao chegar de regresso, na Matriz, o povo foi recebido e dispersado imediatamente com chuvas.

Assim, podemos bem dizer: graças à Deus. (CORREIO DO SERTÃO, 15.03. 1984, p. 6).

Porém, nem sempre a chuva vinha calma e apenas destinada à produção agrícola. Por vezes, vinha em “dilúvio”, provocando tragédia e virando notícia na terra do feijão. As chuvas torrenciais de dezembro eram conhecidas e reincidentes em provocar estragos e gerar lembranças tristes. Como o acidente na Estrada do Feijão, no qual quatro pessoas morreram no entroncamento de acesso para São Gabriel, cidade que na época ainda era Vila de Irecê. A notícia foi redigida e enviada para o jornal pelo oficial de justiça Manoel Macário, foi publicada na íntegra e faz uma referência a outro acidente que aconteceu no mesmo local, causado também pelas fortes chuvas de dezembro. Além da tragédia provocada pelas chuvas, é possível notar a aproximação entre os moradores presente no texto, característica típica de uma cidade do interior onde todos se conhecem, ao observar o uso de expressões como “Opala de Bilú”, “Francisco de Clara”, “motorista de Clovis” e “Nobelino Dourado”.

As chuvas abriram o asfalto em Irecê - Desastre em que morreram quatro e três foram hospitalizados Em consequências das chuvas caldas em fins de dezembro último na região, havendo danificações em vários lugares, bem pertinho da cidade de Irecê, a Estrada do Feijão, próximo ao entroncamento que vae para a Vila de São

Gabriel, as águas, em forte correnteza, foram tão volumosas, que o bueiro ali existente não comportou. O peso das águas arrombou o leito da estrada, abrindo o asfalto numa largura de treze metros, mais ou menos. O local deste valado, que interditou o tráfego, fica justamente no mesmo ponto, onde, há tempos atrás, o carro de "Pae-Velo" sofreu grande desastre em que morreram seis pessoas. Agora, em fins de dezembro depois das chuvas, liando à noite, uma Opala de Bilú des-cobrimo inesperadamente o va-lado, caiu, quebrando as pernas do motorista Biú, matando Eudes, mecânico da Tramil e mais um ajudante, cujo nome não sabemos. Logo depois, veio a Rural de José Preto, motorista de Clovis e Nobelino Dourado, com Francisco de Clara. José Preto, não percebeu o perigo, e a Rural caiu então no referi-do valado, descendo com as águas que passavam numa distância de 250 metros. Zé Preto e Chico de Clara morreram imediatamente. No lamentoso acidente, mais três pessoas foram hospitalizadas. Reportagem fornecida por Manoel Macário, oficial de justiça. (CORREIO DO SERTÃO, 1978, p.4).

Outra observação possível é que de todas as pessoas citadas, apenas o sobrenome Dourado é mencionado, como se os outros indivíduos presentes no texto não tivessem sobrenome. Nobelino Dourado Moitinho, foi prefeito de Irecê entre 1967 a 1971. No livro escrito por Adélio Dourado em homenagem à sua família: *Família Dourado - Descendentes de João José da Silva Dourado*, há uma referência a Nobelino, como um grande destaque da família e que possivelmente detinha um dos maiores patrimônios daquela época.

[...] o único neto do primeiro Intendente do Município, Aristides Rodrigues Moitinho, a ocupar o cargo de Prefeito de Irecê, depois de quatro décadas. Do avô, herdou o senso de justiça, a virtude da generosidade, o gosto pela propriedade de terras, pelo cultivo dos roçados e roças, pelo berro das vacas e dos bezerros no curral[...]. Enriqueceu-se com o fruto de seu trabalho honesto. Soube administrar, com rara eficiência, o grande patrimônio (talvez o maior da região em sua época) conquistado a duras penas na boleia de seu caminhão, subindo ou descendo o Tombador da Gameleira e a Serra do Tareco [...], administrou o Município com proficiência e louvável zelo, no quadriênio de 1967/70, tendo sido de todos elogiado pela maneira com que se houve no trato da coisa pública, com ética exemplar e absoluta probidade administrativa. Exerceu a liderança política com tal eficiência que granjeou enorme prestígio no seio da Família Dourado bem como e principalmente o respeito e a confiança das lideranças estaduais dos seus correligionários. (DOURADO, 2003, p.30).

Dourado (2003), discorre sobre o papel influente dos descendentes de João José da Silva Dourado a partir da segunda metade do século XIX no sertão baiano, sobretudo em Irecê.

A numerosa e estável Família Dourado, preponderantemente de lavradores e pecuaristas, a partir da segunda metade do século XIX, exerceu papel relevante no desbravamento das caatingas do alto sertão baiano, atualmente conhecidas como Região de Irecê, mais precisamente a Terra do Feijão. Talvez, certamente, por isso mesmo,

das caatingas restam, atualmente, raras lembranças, devastadas que foram, impiedosamente, pelo fogo dos roçados para o plantio intensivo dessa leguminosa, presença obrigatória na mesa do nordestino. Que o tempo implacável não varre da memória dos contemporâneos e dos pósteros - como os roçados o fizeram em relação à paisagem da terra, desvestindo-a de sua primitiva vegetação - as figuras humanas que dignificaram o esforço dos pioneiros e de seus descendentes, na empreitada hercúlea de domar a terra selvagem e criar as condições propícias ao seu povoamento, é o propósito dos registros que se fazem sobre os descendentes de JOÃO JOSÉ DA SILVA DOURADO[...] (DOURADO, 2003, p.9)

E como a família se instalou em Irecê e ajudou a promover o desenvolvimento no sertão baiano, sobretudo em Irecê, sendo o livro uma verdadeira ode ao Dourados.

A saga dos Dourados, de certa forma, se confunde com os primórdios da formação da Região de Irecê, seu desenvolvimento social e político, seu progresso econômico e seu crescimento cultural e artístico, daí porque se tornou imprescindível, ainda que superficialmente, o destaque de certos fatos históricos relacionados com a velha Caraíbas de Hermógenes, depois Vila de Irecê, atualmente Cidade de Irecê.

Também, de certos vultos que se notabilizaram como líderes da comunidade desde os primeiros momentos sobretudo eles, pelas naturais dificuldades do começo, enfrentadas e vencidas - até os que surgiram depois. (DOURADO, 2003, p. 9).

A Capital do Feijão e região atraía um sem número de pessoas em busca de crescimento econômico através do plantio ou venda do produto, provenientes de várias cidades do Nordeste e de outras regiões do Brasil. Em maio de 1983, um jovem alagoano de 22 anos foi assaltado e assassinado no momento em que transportava uma carga com 250 sacos de feijão. Valdeir Freire foi morto na “descida das Lages” próximo a Morro do Chapéu, após o retorno da compra com o produtor Gessionildo Martins da cidade de Canarana, região de Irecê. Para além da ocorrência do fato central, o crime, os detalhes secundários mostram um indivíduo como tantos outros que transportava uma significativa quantidade de feijão produzido na região de Irecê para outras cidades do Nordeste e do Brasil, atividade comum na época.

Natural de Arapiraca - Alagoas, com 22 anos de idade foi assassinado no dia 14 deste, na descida das Lages, a 22 Km. desta cidade, Valdeir Freire Gouvêla, quando transportava num Mercedes Benz, 250 sacos de feijão mulatinho. Os ladrões abandonaram o carro no contorno de Jussara, próximo a cidade de Irecê, onde deixaram vestígios de terem queimado toda documentação. O feijão, de acordo com a 2ª via da Nota Fiscal de Nº 132.509, fora do Sr. Gessionildo Martins dos Anjos, produtor residente em Salobro Canarana. O corpo da vítima foi sepultado no cemitério desta cidade,

no dia seguinte, com a presença dos familiares. (CORREIO DO SERTÃO, 30.05.1983, pg 6).

Caminhões carregados de feijão iam, mas, também vinham outros tantos caminhões, os conhecidos paus-de-arara com os flagelados da seca que buscavam na região de Irecê, a promessa de uma vida mais produtiva alardeada pelas notícias das grandes safras e enriquecimento de migrantes. Mas, não raro, a seca e a fome também aconteciam nas terras do feijão. O Correio do Sertão de fevereiro de 1987 trouxe um registro de saques que estavam ocorrendo nos mercados e feiras livres das cidades da região de Irecê, como em João Dourado. A matéria: *Saques para matar a fome*, pontua a chegada de 30 caminhões com famílias pobres de Ouricuri, Pernambuco, que teriam se instalado em frente à prefeitura de Morro do Chapéu em busca de amparo e comida.

Segundo as notícias, foi superior a Cz\$ 500 000,00 o montante do saque no Super-Mercado da cidade de João Dourado. Muito embora tenha havido os aproveitadores, grande parte foi realmente acoçado pela fome. E isto vem acontecendo repentinamente nas sedes dos municípios desta área. Ontem mesmo, por volta das 10, 30 caminhões de famílias vindas da região de Ouricuri e com sacos às costas se aglomeraram em frente à Prefeitura Municipal solicitando alimento e muito embora certos agitadores tivessem incentivando à desordem como saquear a feira livre e derribar a porta e invadir a Cesta do Povo, ouviram o Vereador Nilson Novaes e pacificamente aguardaram a ação da Prefeitura que na pessoa dos Srs. Odivaldo J. C. Gomes e Luis Alan pegaram os alimentos que vem normalmente para gestantes e crianças pobres e distribuíram com mais de 150 pessoas que ao recebê-los voltaram mais alegres para suas casas. Muito embora o Sr. Wilson Mendes Martins tenha solicitado do governo alimentos destinados aos flagelados da seca e funcionários desta Prefeitura ido consecutivamente a Jacobina e Irecê, Morro do Chapéu até hoje não recebeu nada, no entanto os 13 municípios da Micro Região de Irecê receberam e as causas e sofrimentos do nosso município são os mesmos dos demais. O homem que trabalha, não quer roubar e o governo deve entender que frente de serviço, água e alimento são as grandes prioridades do momento. A paz não é possível e a sociedade não se tranquiliza vendo a fome campeando nos lares humildes (CORREIO DO SERTÃO, 1987, p.8).

O texto enfatiza a ação política do então prefeito e vereadores da cidade de Morro do Chapéu na tentativa de ajudar as vítimas da seca e solicitavam o apoio do governo do estado, que na época estava na fase em transição para a tomada de posse de Waldir Pires, em março.

2.4 IRECÊ: UM PANORAMA SOCIOCULTURAL

Analizando o panorama educacional dos anos 80, encontramos indícios de que a conhecida Capital do Feijão ainda não contava com nenhuma faculdade, o que gerava reivindicações em reuniões de entidades locais e partidos políticos. Para que seus filhos pudessem continuar estudando, muitas famílias tinham que enviá-los para outras cidades ou para a capital do estado, Salvador. Uma matéria publicada em junho de 1984 do Correio do Sertão, anunciava a aprovação de dois novos cursos técnicos de 2º grau para o Centro Educacional Luiz Viana Filho, em Irecê:

De Irecê: Novo; cursos no CELVF - Centro Educacional Luiz Viana Filho da cidade de Irecê, tradicional estabelecimento de ensino dirigido pelo renomado educador Prof. Dermival Santos Lopes, mostrando mais uma vez sua indiscutível liderança no setor educacional naquela próspera cidade, teve aprovada, pelo Conselho Estadual de Educação, através da Resolução no 1 338/84 a implantação de dois novos cursos de 2 grau da maior importância para a Região: Curso Técnico em Agropecuária e Técnico em Entermagem. De parabéns os alunos do "Colégio de Dermi" por mais esta vitória, bem como o seu ilustre Diretor que, mais uma vez demonstra sua indiscutível capacidade na renovação do ensino médio na região de Irecê (CORREIO DO SERTÃO, 1984, p. 6).

Além de não terem acesso à faculdade, os alunos também não podiam contar com escola de 2º grau pública, como demonstra o questionamento do diretor escolar Silú, ao final da publicação: *Faculdade para Irecê* do jornal *Cultura & Realidade*: "o grande problema é que ainda não se tem nem mesmo a escola de 2º grau pública. Para onde vão os estudantes que terminam o ginásio este ano, se as particulares deverão cobrar cerca de Cz\$10.000,00?" (Cultura & Realidade, 1988, s/p). Sem citar nomes, um documento assinado pelas entidades locais: LIONES, LIONS, LOJA MAÇÔNICA, CORDEC, GRUPO ESPERANÇA, SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS, COPIRECE, SURED, ASSOCIAÇÃO COMERCIAL, REPRESENTAÇÃO ESTUDANTIL, PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR, PROFISSIONAIS LIBERAIS, PÓLO SINDICAL, OAB e partidos como o PMDB e PFL, acusavam políticos antigos de terem prejudicado o desenvolvimento educacional da cidade por motivo de disputas partidárias.

No último dia 17/03, várias representações de classes de Irecê reuniram-se CPI - Complexo Polivalente de Irecê, numa iniciativa da Associação de Professores da Região de Irecê - Zonal do Feijão/Núcleo APLB. No decorrer da reunião foi debatida a atual

situação da Educação em Irecê e, de no final, aprovaram um documento reivindicatório, que publicamos abaixo, destinado a todos os representantes políticos nas esferas municipal, estadual e federal. "Por acreditar que o desenvolvimento da nossa Nação está cada vez mais ligado ao progresso do ser humano e conscientes das urgentes reformas que a Educação da nossa região vem reclamando, vimos através do presente, solicitar a V. Exa. Atenção especial, no sentido de implantar em nossa cidade uma faculdade e que para isso, sentimos a necessidade de uma convocação geral dos políticos que nos representa, para uma tomada de consciência do quanto nos tem prejudicado, ao colocarem suas brigas partidárias e políticas particulares acima dos interesses do povo sofrido e generoso desta região. Por tudo isso, é que fazemos um apelo no sentido de que V.S Exas. devam dar as mãos e lutarem para nos concederem esta alegria de tão importante aquisição cultural, já que outras cidades com menos condições econômicas que Irecê já contam com mais de uma faculdade de Educação, o que só vem confirmar o descaso dos políticos anteriores, que a usavam apenas como propaganda partidária em épocas de eleições. Sem mais para o momento aguardamos, ansiosos, respostas concretas". Assinaram o documento: LIONES, LIONS, LOJA MAÇÔNICA, CORDEC, GRUPO ESPERANÇA, PMDB, PFL, SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS, COPIRECE, SURED, ASSOCIAÇÃO COMERCIAL, REPRESENTAÇÃO ES-TUDANTIL, PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR, PROFISSIONAIS LIBERAIS, PÓLO SINDICAL E OAB. (CULTURA & REALIDADE 1988, p.2),

Com um crescimento populacional de 4.686 ao ano, o texto do Cultura & Realidade de 1988: *Irecê, triste aniversário*, apontava o déficit educacional e cultural da cidade, com perdas importantes para a educação e cultura, que o último censo em 1980, havia registrado nove cinemas e duas bibliotecas. Porém, oito anos após, a cidade contava com a reabertura de apenas um cinema, um centro social e escolas em decadência, o que prejudicava o desenvolvimento educacional e cultural da cidade.

Irecê, triste aniversário [...] Irecê completou na quarta-feira, 02 último, 62 anos de emancipação política. De comemoração, apenas um feriado decretado pelo prefeito municipal, Sr. Hildebrando Seixas, o qual não foi respeitado, conforme ele mesmo assinala. O Censo acusa o funcionamento de 9 cinemas e 2 bibliotecas e agora nada disso existe, a não ser o cinema que reiniciou dia 12 último e ainda, um Centro Social Urbano; mas este foi destruído e as escolas que o diz existir, hoje estão em total decadência e outras inexistem. Enquanto isso o crescimento populacional é de 4.686 ao ano. Triste aniversário para um município de 62 anos, que cresce sensivelmente e os aspectos culturais e educacionais regridem assustadoramente. O que, sem dúvida, irá surtir forte influência nos aspectos econômicos forçando a indústria, agropecuária e o comércio a importarem mão-de-obra qualificada, restando para a maioria da nossa população, que não dispõe de acesso à boa formação profissional, apenas as atividades braçais. Esperamos que isso seja evitado o quanto antes possível. (CULTURA & REALIDADE, 1988, p. 2).

A respeito das manifestações culturais em Irecê, durante o tempo e espaço em questão, a matéria: *II Semana de Arte e Cultura de Irecê*, publicada no jornal *Cultura & Realidade* em janeiro de 1988, traz a informação que desde 1987, um grupo formado por cerca de 10 pessoas, conseguiu promover uma semana para a apreciação de diversas manifestações culturais, chegando em 1987, a atrair um público de 20 mil pessoas durante todos os cinco dias da ação.

Após longa espera, a data confirmada. Desde fevereiro de 87 que o Grupo Nascerarte, formado por Edson Camandaroba, Elmo Matos, Edgar Pereira, José das Virgens, Galvão Júnior, Agnaldo Freitas, Jaglete, João Gonçalves (nosso editor) e agora com os ilustres poetas contemporâneos Ademilton Tuy e J. Aguiar, ambos funcionários do Banco do Brasil e outros companheiros, tem recebido o apreço de diversas pessoas, as quais nunca deixam de perguntar quando será realizada a próxima. Pois bem, será de 24 a 28 de fevereiro, dependendo apenas dos artistas se inscreverem e da comunidade vir apreciá-los. CRÉDITO DE 20 MIL PESSOAS A história cultural de Irecê sempre foi marcada por louváveis e até mesmo desastrosas tentativas de sair do anonimato. Sem dúvida alguma, a I SEMANA DE ARTE E CULTURA DE IRECE foi a que mais marcou e obteve respaldo popular, a qual foi apreciada por cerca de 20 mil pessoas, (média diária de 4 mil). Muitos podem até pensar e dizer que esses elogios são bajulação devido, a nosso editor ser secretário do Grupo (CULTURA & REALIDADE, 1988, p.1).

A principal regra para o artista participar da Semana de Arte e Cultura de Irecê é que o trabalho fosse autoral, sem plágios. As rádios Regional AM e Caraíbas FM também colaboraram com o evento.

No entanto, o Jornal Cultura & Realidade coloca-se à disposição para publicar qualquer comentário a respeito, feito por qualquer pessoa. Reconhecemos que, na época houve uma falha, quando foi permitido a 3 artistas apresentarem trabalhos de gravadoras, o que, mesmo assim, não comprometeu o resultado e o objetivo dos trabalhos do Grupo NASCERARTE, de produzir eventos que venham a promover artistas de nossa região. QUE TIPO DE ARTISTAS PODEM SE APRESENTAR? Todos. De qualquer gênero, qualquer coisa que possa ser feita pela capacidade do ser humano existente nesse sertão e regiões circunvizinhas poderá ser apresentada na Semana de Arte. Para isso, é só os artistas se inscreverem de hoje até 5 de fevereiro na Rádio Regional de Irecê, FM Caralbas, Galeria Mathias com Edgar e no Jornal Cultura & Realidade, sediado em cima da Auto Peças Copa 70 e em frente à Caixa Econômica Federal. Ressaltamos que tudo será grátis, porém os artistas terão que apresentar exclusivamente seus próprios trabalhos. Nada de plágios! Artista, não faça sua inscrição na última hora. Antecipe-se! Comunidade, participe patrocinando ou pelo menos vindo ver, de 24 a 28 de fevereiro, os artistas que temos e não conhecemos. COLABORAÇÃO: FM Caralbas, Rádio Regional APOIO: CULTURA E REALIDADE PROMOÇÃO: Grupo Nascerarte. (CULTURA & REALIDADE, 1988, p.1).

Sobre o resultado da Semana de Arte de Irecê, a edição de março de 1988, explica que o evento foi prejudicado pela chuva do período, que por receio de molhar os seus trabalhos, alguns artistas plásticos não participaram da exposição. A crítica também recai sobre a empresa PINGUIM, que segundo o texto poderia ter oferecido o prédio que não estava funcionando na ocasião, para a realização do evento artístico-cultural, todavia o comercio, não se posicionou a favor do evento, ficando indiferente.

Bastante prejudicada pelas chuvas que caíam no período, desmotivando dezenas de artista plásticos e artesãos que ficaram com medo de molhar seus trabalhos, e com razão, é claro! Bem que o PINGUIM poderia oferecer ou mesmo atender nosso pedido de fornecer seu prédio, que há tanto tempo está vazio. Porém, vimos, com isso, a confirmação de que alguns empresários vêm de fora apenas com o interesse de explorar a nossa cidade e não contribuir com o desenvolvimento social de Irecê. Mas, voltamos à questão. O GRUPO NASCERARTE, na verdade, talvez pelo stress do excesso de atividades, divididas para apenas 8 pessoas, durante os dias de preparação que antecederam o evento e com vários desentendimentos internos, não conseguiu impor seu programa de trabalho e as crianças ficaram de fora. No mais, tudo ocorreu bem e foi sentido um grande progresso nos trabalhos dos artistas regionais diante de um público mais exigente (CULTURA & REALIDADE, 1988, p.12).

De acordo com a publicação, 83 artistas participaram da Semana de Arte de Irecê em 1988, sendo: 24 artistas plásticos, 11 poetas, 39 músicos e 9 representantes de modalidades distintas.

Houveram muitos indigestos, é claro, mas é necessário que demos oportunidade a todos para que os conheçamos. Na música, o Grupo Natureza, de Gameleira do Assueruá, Gentio do Ouro, juntamente com os Camondongos de Xique-Xique (não cito nomes dos componentes porque infelizmente só foram divulgados nomes dos grupos) reafirmaram suas qualidades diante do público que vibrou com seus trabalhos; Reantinho fez sua "revolução" junto aos seus parceiros; Paulinho Liran marcou seu passo; a Banda Juízo de Ferro demonstrou suas qualidades com os trabalhos bem preparados enquanto a Banda Remendos da Sociedade surpreendeu; Cristiano Dourado multiplicou suas fãs com músicas de sua própria autoria; Xampú agitou suas fãs. Já Koku Sena foi censurado pela inflamação na garganta. Nas artes plásticas e artesanatos 24 artistas se inscreveram, no entanto, apenas 6 expuseram seus trabalhos. Destaques nos trabalhos de madeira dos representantes de São Gabriel e nas pinceladas de Antônio Carneiro e Galvão Jr. que foram convidados a fazerem exposições em outras cidades. Mesmo depois do enfadoso carnaval, o público de Semana de Arte foi fiel comparecendo todos os dias. O mais importante em relação ao público é que ele estava bastante observador, analisava as falhas e os acertos do GRUPO NASCERARTE, verificava as músicas e as artes plásticas, fazendo críticas e elogiando quando conveniente. Isso, simplesmente, demonstra o resultado positivo haja visto que se

sente que as atividades não estão sendo vistas apenas como passatempo e sim como um movimento que está desenvolvendo nossa cultura e elevando nossos artistas que, neste ano, englobaram um total de 83: 11 poetas, 39 músicos, 24 artistas plásticos e outros 9 (Teatro, Humor, Karatê, Capoeira, etc) (CULTURA & REALIDADE, 1988, p.12).

O texto destaca que o público também funcionava como juiz, fazendo uma análise minuciosa das apresentações, tecendo críticas e elogios aos artistas.

3 HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DO RÁDIO NA REGIÃO DE IRECÊ (1978 – 1988)

Este capítulo registra as memórias individuais de 8 entrevistados que participaram direta ou indiretamente da inauguração da Rádio Regional de Irecê, a primeira emissora de rádio da região. Com análises embasadas nos conceitos de Memória defendidos por Eclea Bosi, Maurice Halbwachs, Jacques Le Goff, Enzo Traverso, Tzvetan Todorov e José D'Assunção Barros.

São eles: Antônio Barrada Sanches (1939), Brivaldo Santos (1965), Henrique Dourado Primo (Americano) (1946), Hidelbrando Seixas de Sousa Filho (Doinha), Mário Almir Dourado (1953), Raimundo Cruz Novaes (Ray Cruz) (1968), Sandoval Dias Viana (1963) e Vladimir Moitinho Santana (Quinzinho) (1965). Oito entrevistados que testemunharam a instalação da Rádio Regional de Irecê na então conhecida Capital do Feijão. Depoentes de um momento histórico para a microrregião de Irecê, da chegada de um veículo de comunicação que possibilitou a propagação de vozes e ecos do sertão baiano para além terra, além Bahia. Diferentes funções, posicionamentos, vivências, percepções e algo em comum: as reminiscências, lembranças, paixões e silenciamentos a respeito da Rádio Regional de Irecê, a “Pioneira do Sertão”.

Esses depoimentos são relíquias, sobretudo, a partir do momento em que foram instigadas, colhidas e gravadas pelo historiador José Jorge Andrade Damasceno, os testemunhos, as histórias e as memórias desses homens se convertem em patrimônio imaterial, em fontes da história oral, método amparado por José D'Assunção Barros.

[...] as chamadas fontes da história oral (testemunhos colhidos ou provocados pelo historiador). De igual maneira, as investigações sobre o genoma humano fizeram do corpo e da própria genética uma fonte histórica igualmente útil e confiável, que inclusive permitiu que os historiadores passassem a ter acesso aos primórdios da aventura humana sobre a Terra, forçando a que se problematizasse aquele antigo conceito de “pré-história” que antes sinalizava toda uma região da realidade um dia vivida que parecia até então interdita ao ofício dos historiadores. (BARROS, 2019, p. 2).

Barros mostra que as fontes históricas são um dos princípios da História, o que assegura o fluir do discurso do historiador:

Para os historiadores, de fato, as fontes podem e devem ser duplamente associadas à fluência e ao princípio. Sim, as fontes constituem de alguma maneira um dos princípios da História, que sem elas não seria possível; mas elas também são intrinsecamente o que assegura o próprio fluir do discurso do historiador – um tipo de texto no qual tudo almeja ser demonstrado passo a passo, revivido quando possível, imaginado quando necessário, problematizado sempre. Um tipo de texto simultaneamente científico e artístico no qual se assegura ao leitor a possibilidade singular de transitar entre duas ou mais épocas distintas: a do próprio historiador, de onde surgem os problemas demandados pelo seu próprio tempo, e aquelas épocas que já desapareceram, ao deixarem uma infinidade de vestígios⁵. No fluir das fontes, a História encontra a própria história. (BARROS, 2019, p. 2).

Halbwachs, indica a importância de registrar a memória e que essa acaba quando não tem mais como suporte um grupo, sendo a escrita a única forma de salvá-la.

[...] O único meio de salvar tais lembranças, é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem. Se a condição necessária, para que haja memória, é que o sujeito que se lembra, indivíduo ou grupo, tenha o sentimento de que busca suas lembranças num movimento contínuo, como a história seria uma memória, uma vez que há uma solução de continuidade entre a sociedade que lê esta história, e os grupos testemunhas ou atores, outrora, dos fatos que ali são narrados? (HALBWACHS, 1990, p. 80).

Dessa maneira, concordamos com Halbwachs, que diante da ausência de fontes sonoras e escritas e por conta da importância do tema, nos resta registrar as histórias e memórias sobre a chegada do rádio em Irecê através da audição desse seletor grupo que as detém.

3.1 RELATOS SOBRE UMA EMISSORA DE RÁDIO PARA A CAPITAL DO FEIJÃO

António Barradas Sanches, nasceu em Lisboa, Portugal, em 24 de fevereiro de 1939, país onde viveu e estudou até a idade adulta, formando-se em odontologia. O envolvimento com o rádio começou cedo “no secundário já participava na emissora de rádio do Liceu onde estudava, fazendo locução e redação de textos radiofônicos”. Por ter uma grande atração por climas tropicais, mudou-se para a África, instalando-se em Angola onde viveu por muitos anos, também “fazendo produção e realização de programas numa

produtora radiofônica e na Emissora Católica de Angola, Rádio Ecclesia”. Regressando a Portugal após a independência da colônia em 1975.

Por se identificar com o clima tropical mudou-se para o Brasil, escolhendo a capital baiana para morar e posteriormente, Irecê, a Capital do Feijão, com o propósito de ajudar a montar a Rádio Regional, como relata:

Por sentir o grande chamamento tropical rumou ao Brasil e em Salvador um grande amigo, Dr. João Fonseca, proprietário da Construtora Nacional, em conversa casual, depois de eu ter mostrado a minha ligação à rádio desde criança. Nessa conversa, o amigo João Fonseca falou que na semana seguinte iria a Irecê, onde o prefeito iria colocar uma rádio a funcionar e que procuravam a pessoa certa para colocar em funcionamento a tal rádio e que se eu quisesse ir com ele à Capital do Feijão, me apresentaria ao prefeito. (António Sanches, entrevista por e-mail, Lisboa).

Com 83 anos e uma larga e rica vivência, as reminiscências de António Sanches (1939) encaixam-se no que Bosi salvaguarda como a importância do estudo da memória das pessoas idosas, sobretudo, por possuírem uma história social muito bem definida:

Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente e que a solicita muito mais intensamente do que a de uma pessoa de idade (BOSI, 1994, p. 22).

António Sanches (1939) acrescenta como se tornou coordenador da Rádio Regional de Irecê, após conhecer o prefeito Joacy Nunes Dourado e o deputado Nobelino Dourado Filho, transformando uma casa do pai do deputado Nobelino em emissora de rádio e posteriormente, como ajudou a fundar a Rádio Caraíbas. António demonstra ressentimento por, segundo ele, não ter seu nome mencionado nas narrativas a respeito da Rádio Regional de Irecê.

Assim aconteceu, mas em Irecê o Dr. Joacy informou que quem tratava dos assuntos da rádio era o deputado Nobelino. Então, no primeiro encontro com o deputado ficou assente a minha tomada de posse como coordenador da nova emissora de rádio. Assim, transformei uma moradia, de propriedade do senhor Nobelino Dourado, pai do Deputado, em emissora de rádio organizando os

estúdios e o setor comercial. Claro que em todas as resenhas que leia da Rádio Regional, não encontrará o meu nome pois rei morto, rei posto e tanto a Rádio Regional de Irecê, como a Rádio Caraíbas foram fruto do meu trabalho de organização e preparação de todo o pessoal. (António Sanches, entrevista por e-mail, Lisboa).

Ainda guarda na memória os detalhes acertados com o deputado Nobelino Filho:

O saudoso Deputado Nobelino Dourado Filho que com a maior confiança me entregou a tarefa de fazer da velha casa da Praça Mario Dourado sobrinho e me disse:- António Sanches faça desta casa uma Emissora de Rádio, da qual a microrregião de Irecê se venha a orgulhar. Prepare o pessoal que trabalhará consigo e vamos em frente. Assim foi, fiz o desenho da estrutura interna da rádio, preparei operadores e locutores, treinei a equipe comercial e o setor administrativo. Quando deixei a Regional foi para ir implantar uma nova emissora no sudoeste da Bahia, a Rádio Fascinação. Anos mais tarde o meu querido amigo Nobelino Dourado Filho me chamou para fazer a Caraíbas FM. (António Sanches, entrevista por e-mail, Lisboa).

A emissora figurava como um meio de comunicação que estimulava a imaginação, dava voz ao povo, oferecia entretenimento, informação e prestava esclarecimentos para a população de Irecê e região:

A Radio Regional de Irecê era o contato para toda a região. As notas sucediam-se ao longo do dia e era assim “atenção fazendo X fulano comunica que a mulher deu à luz hoje no Hospital e tanto a mãe como a criança se encontram de perfeita saúde”. Ou então “Nezinho segue pasto para o gado”, ou ainda, o doloroso dever de comunicar o falecimento de alguém. (António Sanches, entrevista por e-mail, Lisboa).

Os locutores entrevistados indicaram Sanches como o “primeiro diretor” da Rádio *Regional de Irecê*. Modesto, ele corrige a atribuição e pontua que atuava como “coordenador” e que a direção da emissora era responsabilidade dos proprietários, o deputado Nobelino e sua esposa, Ângela:

Esclareço, no entanto, que a direção era da Dra. Ângela e do Deputado Nobelino Dourado e eu apenas fui o coordenador da primeira emissora de rádio da região. Sob minha orientação foram montados os estúdios, e o sistema operativo da emissora e a preparação do pessoal de comunicação e do setor comercial. A organização técnica do emissor e antenas esteve a cargo do conceituado técnico Luíz Carlos Neves. (António Sanches, entrevista por e-mail, Lisboa).

Questionado sobre quais foram os fundadores da Rádio Regional de Irecê e se a emissora de rádio era vinculada a algum partido político, Sanches

responde a primeira pergunta, não faz menção à questão partidária e acrescenta que não se lembra a data de fundação da rádio:

O embrião da primeira Rádio da Microrregião tornou-se numa sociedade entre Joacy Nunes Dourado prefeito de Irecê, Ineny Nunes Dourado, ex prefeito de Irecê, Nobelino Dourado Filho, Deputado Estadual e sua esposa Dra. Ângela. Foi-lhes concedida a autorização para montarem uma emissora de rádio, a Rádio Regional de Irecê AM. O ano da fundação não me recordo, pois nunca guardo datas. (António Sanches, entrevista por e-mail, Lisboa).

No que tange ao esquecimento, ao não lembrar, Todorov faz um alerta considerável de que a memória e o esquecimento não são oponentes, mas, complementares. Sendo a memória uma seleção.

[...] A memória não se opõe absolutamente ao esquecimento. Os dois termos que formam contraste são a supressão (o esquecimento) e a conservação; a memória é, sempre e necessariamente, uma interação dos dois. A reconstituição integral do passado é coisa impossível. Se existisse seria pavorosa, [...] A memória é forçosamente uma seleção: certos detalhes do acontecimento serão conservados, outros, afastados, logo de início ou aos poucos, e portanto esquecidos (TODOROV, 2002, p.149).

Para auxiliar no registro sobre a história e memória da Rádio Regional de Irecê, Sanches indica nomes de pessoas que também vivenciaram e guardam lembranças daquele momento.

Poderás também falar com Mário Almir, irmão de Quinzinho que também te poderá dar algumas achegas à tua história. Mário Almir contribuirá de certo nessa pesquisa pois ele foi especial no caminho da rádio e poderá até falar de velhas rixas políticas que envolveram a rádio, os colaboradores e a administração municipal dessa época. Onde ele foi um dos protagonistas. Lembrei que Lauro Adolfo Dourado, que faz muitas pesquisas sobre a microrregião também poderá dar contributos à tua pesquisa. Sobre Lauro Adolfo ele tem estado doente e acho que já está em convalescença. Deverias falar também com o ex- prefeito que também foi deputado o Dr. Joacy Nunes Dourado (António Sanches, entrevista por e-mail, Lisboa).

Dessa maneira, a compreensível indicação de Sanches expõe o ato de escrutinar a memória do outro como extensão e fortalecimento para sua própria memória e encontra arrimo na obra: *A Memória Coletiva* (1990), de Maurice Halbwachs. Ali, a memória individual necessita da memória coletiva para se firmar, sendo a memória do outros, imprescindível para fixar a nossa:

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um

acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de' dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. (HALBWACHS, 1990, p.22).

A instalação da *Rádio Regional* em Irecê em 15 de maio de 1983, provocou uma grande expectativa na população ireceense e os rumores se espalharam rapidamente. O locutor Brivaldo Santos (1965) relembra a euforia que a notícia sobre a chegada da emissora causou nos moradores da cidade, sobretudo para ele:

Naquele tempo, era uma cidade muito pequena, então, quando se falou em colocar uma rádio, no mesmo momento a cidade toda ficou sabendo. Acho que questão de minuto todo mundo já sabia que havia a possibilidade grande de se colocar uma rádio em Irecê. Pra gente foi aquele negócio de não dormir, sonhando como era que fazia, como era que tinha, como era uma rádio. Era uma expectativa muito boa. (Brivaldo Santos, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2022).

Rememora que as emissoras referência eram as rádios Globo e Nacional o que geravam especulações de como seria a programação da *Rádio Regional* de Irecê.

O primeiro contato com rádio aqui na cidade de Irecê, e quando a gente fala em Irecê, a gente fala toda a região de Irecê. [...] As cidades que compõem a microrregião de Irecê-, a Rádio Regional foi a pioneira, a primeira que se instalou aqui. Então a gente não tinha muito conhecimento. O que se conhecia de rádio era a Rádio Globo. Ouvíamos jogos nas emissoras que pegavam, a Globo, a Rádio Nacional. E quando veio essa notícia de se instalar uma rádio em Irecê, a expectativa foi realmente muito grande. A gente já gostava muito, porque era o que a gente tinha no momento. A gente não tinha acesso a televisão, a gente não tinha acesso a outros meios. Então, o rádio foi o pioneiro e quando houve a possibilidade de instalar uma rádio aqui em Irecê a alegria foi realmente muito grande. (Brivaldo Santos, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2022).

O locutor Vladimir Moitinho Santana (1965), conhecido através do rádio local como Quinzinho, também rememora com detalhes a instalação da Rádio Regional de Irecê, que em grande parte do seu relato é denominada de “A Rádio”, o que denota a singularidade que a emissora representa em seu imaginário e discurso.

Em 1983, nós tivemos um anúncio de que estaria chegando a rádio AM em Irecê. Aí era carro de som, serviço de alto-falante, e a população acabou realmente tomando conhecimento dessa chegada

da Rádio, que foi inaugurada em 15 de maio de 1983. E quando nós tivemos a Rádio funcionando, foi uma correria às lojas, os agricultores para comprarem seus radinhos a pilha, aí virou uma febre na comercialização dos rádios, e com isso, a Rádio foi tendo uma dimensão de propagação, de divulgação e de resposta de audiência da região, bem importante. Foi um marco histórico na região naquela oportunidade, e quando a Rádio veio, ela veio com um quilowatt de potência, e então imaginávamos que ela teria um alcance apenas dos municípios que compõem a região de Irecê, os 19 municípios – que naquela oportunidade era um número menor de municípios porque não tínhamos municípios emancipados ainda. Nós temos América Dourada, João Dourado, Lapão, São Gabriel, que eram localidades pertencentes ao município de Irecê. Depois desmembrou com a emancipação. Mas atingimos a região de Jacobina, Sento Sé, Xique-Xique, Barra do Rio Grande, região de Seabra. Nós conseguimos ter este alcance com uma rádio com apenas um quilowatt de potência, e que foi com o ponto e localização da antena que deu este grande alcance à Rádio Regional de Irecê, que era bem respeitada em termos de alcance dos municípios, aqui do nosso interior. (Vladimir Moitinho Santana, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2022).

Nesse relato detalhado de Quinzinho sobre o marco histórico instituído a partir da inauguração da emissora em Irecê, é possível fazer algumas inferências a cerca de duas memórias. A distinção entre uma memória autobiográfica e a outra, histórica, entre uma memória interior e a outra, exterior, uma memória pessoal e a outra social, como subscreve Halbwachs.

Seria o caso, então, de distinguir duas memórias, que chamaríamos, se o quisermos, a uma interior ou interna, a outra exterior; ou então a uma memória pessoal, a outra memória social. Diríamos mais exatamente ainda: memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso. (HALBWACHS, 1990, p.37).

Brivaldo também utiliza a memória pessoal e a social para explicar que a população utilizou o boca a boca para especular e divulgar a chegada da Rádio Regional: “a gente”, “o pessoal”. E que os sertanejos vendiam tudo o que tinham na roça ou em casa para conseguirem um aparelho receptor.

Isso, o boca a boca. Porque aqui todo mundo conhecia todo mundo. Irecê na época era uma cidade pequena. Estava chegando muita gente de fora, mas logo que chegava todo mundo já sabia de onde era, quem era, o que era. O que fazia, o que queria fazer, todo mundo

já sabia. Então o boca a boca foi automático. Inicialmente ficaram na especulação. Como é que vai ser? Vai ser aonde? De quem é? Vai tocar música? Porque a gente era totalmente alheio. Na Rádio Globo tocava os cantores conhecidos e imaginávamos se aqui ia poder tocar também. Os dias foram se passando, e a gente foi tomando consciência. De que realmente tinha essa possibilidade de vir a rádio. Nós ficamos muitos dias nessa luta, até chegar o dia que foi realmente instalada em Irecê e entrou em caráter experimental. Foi realmente uma festa muito grande. Porque, era o pessoal vendendo bode, vendendo galinha para comprar um rádio. Estava desfazendo de coisas dentro de casa, para comprar um rádio para não perder de forma alguma um minuto sequer quando fosse inaugurada essa rádio em Irecê. A festa começou desde o início da possibilidade de colocar a rádio. E todo dia era uma notícia nova. Vai ser aonde? A festa foi contínua. Até quando entrou em caráter experimental. Festa muito grande, com foguetório. (Brivaldo Santos, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2022).

Brivaldo Santos nasceu em 15 de março de 1965, em Irecê, na rua Adolfo Moitinho, no centro da cidade. O pai, oriundo de Monteiro, na Paraíba, a mãe de Triunfo, Pernambuco. De família humilde com seis irmãos, desde cedo Santos teve que conciliar escola e trabalho, chegando a ser vendedor ambulante, de picolé e engraxate para ajudar em casa. Sem acesso à televisão, as audições de rádio começaram através da *Rádio Globo* e da *Rádio Nacional*. Sempre em busca de trabalho, Santos tomou conhecimento da oferta de emprego no transmissor da *Rádio Regional*. Conseguiu a vaga e iniciou em 15 de maio de 1984, a emissora já estava há um ano no ar. A quimera sempre foi o estúdio, a locução, dessa forma, ajudava com afinco os colegas locutores e no tempo livre, sempre estava dentro da rádio observando, aprendendo. Foi promovido a operador de áudio, começou a anunciar a *hora certa*, a ler os comunicados e depois, conseguiu seu próprio programa de rádio *Assim é o Sertão*. Brivaldo está na empresa há 38 anos.

Com o ingresso na *Rádio Regional de Irecê*, Brivaldo aufere a almejada ascensão social e aduz seu testemunho sobre o deslumbramento e o *status* que a primeira emissora de rádio detinha na cidade:

[...] Eu saí de um mero estudante, um mero vendedor de picolé, um mero engraxate, vendedor ambulante para ser funcionário da Rádio Regional. Isso aí era mais importante do que um cargo de bancário aqui nessa cidade. Mesmo sendo anônimo, eu era um grande artista. Mesmo sendo operador de transmissor a gente era muito bem reconhecido na cidade (Brivaldo Santos, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2022).

A respeito do relacionamento dos locutores, operadores de áudio e demais profissionais da *Rádio Regional de Irecê* com o proprietário Nobelino Dourado Filho, Brivaldo conta que mantinham uma boa amizade.

[...] Ele já era político, então agradava todo mundo. Porque se fosse ruim, o pessoal não votava nele. A gente sempre chamava a rádio de 'Família Rádio Regional'. Porque a união era muito grande o proprietário, Nobelino, ele não era patrão da gente, nem político da gente, ele era um amigo. Era um amigo, era um irmão que a gente cuidava da empresa dele e automaticamente ele cuidava da gente. Então essa amizade foi realmente muito grande. Ele nunca tentou prejudicar ninguém, pelo contrário, sempre ajudava, dentro do possível. A gente sabe que a relação entre empregado e proprietário, pode ser um pouco difícil, mas com a gente não era, não. A gente era a família Rádio Regional de Irecê (Brivaldo Santos, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2022).

Ele também destaca que o proprietário da rádio tinha cuidado em manter bons relacionamentos por ser político.

3.2 LEMBRANÇAS DAS PRIMEIRAS ONDAS HERTZIANAS NO SERTÃO

Para o radialista e poeta Henrique Dourado Primo, conhecido desde criança como Americano, 76 anos, a predileção pelo rádio e pela obra de Luiz Gonzaga começou muito cedo, ainda na infância, na fazenda do seu tio. Americano nasceu em 17 de novembro de 1946 em América Dourada, morou na roça, em casa simples, de taipa e começou a estudar aos nove anos de idade. Após concluir o ginásio em Irecê, em 1970, começou a fazer locução para campanhas políticas em alto-falantes e palanques, também atuou no banco Baneb e no Banco da Bahia até se tornar oficial de gabinete na gestão de Edvaldo dos Santos Lopes, entre 1971 e 1973. Foi para Salvador em 1972, onde trabalhou no Banco Real e onde começou a ler os comerciais na *Rádio Cultura*, durante o programa *O Brasil canta Comigo*, apresentado pelo amigo Elias Alves. Retornou para Irecê em 1973, abriu um barzinho, que não durou muito tempo, voltando a fazer locuções para campanhas políticas e para a prefeitura. Após fazer um teste com o proprietário e parente Nobelino Dourado Filho, começou a trabalhar como locutor da *Rádio Regional de Irecê* ainda na fase experimental. Na emissora, apresentou o programa *Obrigado ao Homem do Campo* durante 34 anos.

O entrevistado rememora com nostalgia seu primeiro contato com um aparelho de rádio, em 1954, quando ele tinha oito anos de idade, na casa de seu tio e padrinho Lauro Silva Dourado. Os encontros para ouvir o programa de Luiz Gonzaga no rádio reuniam parentes e amigos da família, todas as noites de terças-feiras.

Contar um pouco da história do rádio de acumulador do meu tio e padrinho Lauro que era o proprietário do rádio na Fazenda Estevinho... Esse rádio foi comprado em 1954 na cidade de Jacobina e era exatamente o veículo que a gente tinha de comunicação da época e ouvia o programa de Luiz Gonzaga às terças-feiras, oito e meia da noite. A casa era cheia, todo mundo naquela expectativa grande, eu com oito anos de idade... Meu padrinho confiava em mim e era eu quem tomava conta... Tomava conta do rádio! Ligava só para ouvir o programa, terminava o programa, desligava o rádio. (Henrique Dourado Primo, entrevista gravada por mediação tecnológica, América Dourada, 2022).

O rádio comprado em 1954 é guardado como uma verdadeira relíquia por Americano que o herdou após a morte do tio em 1985. Ele ainda guarda na memória as palavras proferidas por sua tia, ao presenteá-lo com o aparelho.

O primeiro proprietário foi Lauro da Silva Dourado, depois do falecimento dele em 85... Minha tia, a esposa dele, que era irmã da minha mãe me ofereceu. Ela disse “olha Henriquinho, este rádio é para você, você vai guardar como uma relíquia, uma lembrança do seu padrinho, que era você o menino que ligava o rádio desde 1954 pra ouvir o programa de Luiz Gonzaga”. Há 37 anos este rádio está na minha companhia. (Henrique Dourado Primo, entrevista gravada por mediação tecnológica, América Dourada, 2022).

O aparelho da marca RCA Victor não funciona. Porém, Americano (1942) diz que vai buscar meios para fazer o rádio voltar a funcionar. O entrevistado informa a marca RCA Victor e enaltece os 68 anos de existência do aparelho.

Infelizmente, o rádio não funciona mais... Exatamente por causa do acumulador... A pilha do rádio era maior do que o rádio, era da Rayovac... Ou um nome assim... A marca do rádio é RCA Victor. O rádio é 1954, tem 68 anos esse radinho... A bateria, eu já procurei e não encontrei até agora, tem que fazer uma adaptação. (Henrique Dourado Primo, entrevista gravada por mediação tecnológica, América Dourada, 2022).

Também relata com riqueza de detalhes como iniciou a locução no serviço de alto-falante *A Voz de América Dourada*.

Eu comecei de falar em microfone em 1960 em América Dourada. Serviço de alto-falante, a Voz de América Dourada. Que foi um alto-falante comprado em Ibititá, que era chamado serviço de alto-falante A Voz de Ibititá. Cada cidade tinha uma boca de alto-falante. Aquelas cornetas. E era um sucesso. Final de semana que não ligava,

aquelas pessoas mais idosas vinham: ‘o que foi hoje Henriquinho’? Eu dizia: Vamos ligar esse final de semana. A minha participação era assim esporadicamente. O alto-falante foi uma sociedade de América Dourada. Se reuniram e o povo comprou o alto-falante. (Henrique Dourado Primo, entrevista gravada por mediação tecnológica, América Dourada, 2022).

Americano (1942), relata ainda o convite que recebeu do proprietário Nobelino Dourado Filho e o pequeno teste ao qual foi submetido para atuar na Rádio Regional de Irecê, apontando que a experiência prévia com os microfones e a ótima dicção foram decisivos para que ele começasse imediatamente.

Nobelino Filho colocou a primeira emissora de rádio em Irecê, a Rádio Regional, a partir daí, já comecei na fase experimental. Ele já me conhecia, gostava da minha voz como locutor de alto-falante, de política, apresentador de palanque. Ele me convidou para trabalhar na Rádio Regional. E o primeiro teste foi só uma palavra. Ele falou: Fala ‘Rádio Regional’. Ele falou rápido. Falei ‘Rádio Regional de Irecê’. Ele disse: ‘já passou no teste, porque todos que vieram aqui falaram ‘rádio’. (Henrique Dourado Primo, entrevista gravada por mediação tecnológica, América Dourada, 2022).

Também garante que o mais decisivo para que ganhasse de presente um programa na Rádio Regional de Irecê das mãos do deputado Nobelino Filho, foi a gratidão por tê-lo ensinado a discursar para suas campanhas políticas.

[...] O proprietário da rádio tinha por mim uma consideração diferenciada. Quando ele chegava aqui em casa e gritava ‘Americano cadê o cuscuz’? E já entrava direto. Eu ajudei Nobelino nas campanhas de deputado. Nobelino não sabia pegar no microfone quando começou a política de deputado. Não sabia falar e eu tive esse privilégio de ensiná-lo. No meio da caatinga, na sombra do umbuzeiro, sabuco de um milho, e como se fosse o microfone, Nobelino ia falar. Para ter mais eloquência na voz, para motivar mais e o pessoal sentir a emoção. Ele não tinha aquilo. Era muito ruim para falar. E ele me agradecia muito por isso. Trabalhei o tempo todinho na Rádio Regional, duas horas, por gratidão. Ele me deu duas horas sem custar nada. O comercial que eu arrumasse o patrocínio era meu. E a rádio não recebia nada. E ele foi candidato, eleito em todas elas. (Henrique Dourado Primo, entrevista gravada por mediação tecnológica, América Dourada, 2022).

Explica a cuidadosa escolha das músicas durante os 34 anos do programa *Obrigado ao Homem do Campo*. Cita os artistas e sempre volta para Luiz Gonzaga, seu grande ídolo. Para logo após explicar sobre a linha conservadora que seguia na emissora que não permitia músicas que ele se refere como de “duplo sentido”.

Eu tocava músicas raízes. Eu tocava músicas sérias porque a sua mãe e a minha mãe estavam com o radiozinho ligado. Eu nunca toquei uma música de duplo sentido no meu programa, durante 34 anos. Nunca. Se eu fosse tocar uma música que eu não conhecia, e ela fosse uma música assim, eu cortava, pedia licença, desculpa e cortava a música no ar. Então os preferidos do nosso povo da roça: Milionário e José Rico, Belmonte e Moraí, Chitãozinho e Xororó, que é de uma geração mais recente, João Mineiro e Marciano, Leandro e Leonardo, Zezé de Camargo e Luciano, Trio Parada Dura e o velho Luiz Gonzaga. Eu fiz dez anos de tributo a Gonzagão. Fui duas vezes ao Exu. A primeira no falecimento dele, e me hospedei na casa de Luiz Gonzaga. 91 com dona Helena, a primeira esposa dele, e em 95 ela já havia falecido, mas me hospedei também junto com todos os artistas. Isto em 13 de dezembro, era a data do nascimento dele, e os artistas do Nordeste festejavam essa data em homenagem ao nascimento de Luiz Gonzaga. Então, eu fiz um tributo a Gonzagão, durante dez anos. Meia hora depois do Obrigado ao Homem do Campo, meia hora, só tocava Luiz Gonzaga. [...] Uma pequena história sobre a música de duplo sentido. Aconteceu em Ibititá, cidade vizinha. Uma gincana escolar. Que aconteceu? Veio a equipe de Ibititá, com uma tarefa da gincana valendo oitenta pontos. Talvez fosse a decisão da gincana. Meu programa era tão sério que aconteceu uma tarefa da gincana em Ibititá para Americano tocar a música de Zé Duarte no programa. A equipe voltou com ódio, me xingando, e não toquei, eu não quebrei a ética do meu programa. Rapaz, oitenta pontos você vai castigar, nós vamos perder por causa de uma música do Zé Duarte. Eu falei, por mim vocês estão perdidos. Aqui não toca, não. No meu programa não toca. E por sinal, eu passei na Rádio Regional de Irecê com o programa sertanejo intitulado 'Obrigado ao Homem do Campo'. Aquela música de Dom e Ravel era o meu prefixo, e até hoje eu não posso ouvi-la que eu tenho muitas recordações. Passei na Rádio Regional agradecendo ao homem do campo durante 34 anos. (Henrique Dourado Primo, entrevista gravada por mediação tecnológica, América Dourada, 2022).

As reminiscências pormenorizadas de Americano (1946) encontram esteio em Bosi (2004), que ao comparar a memória da pessoa idosa com a do adulto ativo, percebe a valorização do passado como substâncias próprias de suas vidas:

Ao lembrar o passado ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está entregando-se fugitivamente às delícias do sonho: ele está-se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida. "O velho não se contenta, em geral, de aguardar passivamente que as lembranças o despertem, ele procura precisá-las, ele interroga outros velhos, compulsa seus velhos papéis, suas antigas cartas e, principalmente, conta aquilo de que se lembra quando não cuida de fixá-lo por escrito. (BOSI, 1994, p.23).

O agricultor Sandoval Dias Viana nasceu em 25 de dezembro de 1963, na cidade de Xique-Xique a 150 km de Irecê. Chegou em Irecê aos nove anos, onde passou a estudar e ajudar os pais no comércio de cereais e estivas. A

primeira vez que viu um rádio foi em Gentio do Ouro, na loja do seu avô. Por volta dos 17 anos foi estudar em Salvador, retornando a Irecê após 6 anos na capital para trabalhar novamente no comércio da família. Ao longo da vida desenvolveu o gosto por ouvir rádio e tinha vontade de fazer locução, cultivou o hábito de escutar a *Rádio Nacional*, *Rádio Globo* e *Rádio Sociedade da Bahia* e a *Rádio Regional de Irecê* onde se informava sobre os preços dos produtos cultivados no município como feijão, mamona e milho. Na época da instalação da emissora, o negócio da família lucrou bastante com a venda das pilhas Rayovac. Dessa maneira, Viana (1963) guarda viva a lembrança do grande lucro do comércio familiar com a venda das pilhas Rayovac. Também mensura sobre os aparelhos de rádio que eram vendidos na cidade, através do Armazém Paraíba.

[...] Nós trabalhávamos com estivas no atacado: óleo, açúcar, feijão, farinha e outros produtos, biscoito... E passamos a vender pilha Rayovac, quando inaugurou a Rádio Regional de Irecê, nós vendemos uma imensidão de pilhas Rayovac, davam muito dinheiro. [...] E aparelhos de rádio... Vendiam um absurdo em nossa cidade, no Armazém Paraíba. Essa quantidade de rádios que eram vendidos em nossa região, dava um lucro exorbitante. (Sandoval Viana, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2019).

Para Sandoval, ouvinte assíduo do rádio, as lembranças sobre a chegada da *Rádio Regional de Irecê* estão intimamente atreladas às notícias e comunicações a respeito da agricultura e a pujança produtiva que projetou nacionalmente Irecê como a Capital do Feijão. Em paralelo, suas reminiscências guardam a presença imponente do então governador, Antônio Carlos Magalhães (1927 – 2007), junto com a frota luxuosa que o acompanhava, sobretudo durante a inauguração da Estrada do Feijão.

Quando surgiu a primeira rádio que foi a Rádio Regional de Irecê e as notícias que surgiram através do rádio pra os povoados, pras roças, as pronúncias em relação ao preço da mamona. Naquela época, produzimos bastante em grande escala e Irecê ficou conhecida como a Capital do Feijão. Me lembro que quando a estrada do feijão foi inaugurada por Antônio Carlos Magalhães, vinham aqueles galaxys, aqueles dodges com as bandeirinhas... (Sandoval Viana, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2019)

Sandoval reforça como a Rádio Regional de Irecê teve um papel fundamental em dialogar com o lavrador local, com informações sobre os preços dos produtos plantados e comercializados na região como feijão, mamona e milho.

Então, isso foi crescendo, essa rodovia foi se fomentando, entendeu? Volume de cargas feijão, enfim... E nós ouvíamos tudo isso através do rádio, da Rádio Regional de Irecê. Até os valores de feijão, mamona e milho. Era muito importante para o produtor, para o homem do campo. Então, o rádio naquela época também tinha essa relação com o comércio agrícola. (Sandoval Viana, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2019).

Sandoval tenta relembrar as primeiras notícias que mais chamaram sua atenção através do rádio. Elenca a construção de Brasília e o governo de Juscelino Kubitschek.

O que mais me chamou atenção naquela época na realidade foi a desenvoltura de Brasília né? Que era a capital do Brasil então, isso era muito interessante, ficava no interesse imenso de ouvir e eu me lembro que um tio meu chegava em Xique-xique e ele tinha condições e conseguia revistas e jornais e levava para mim em Mirorós, um lugarzinho próximo a Gentio do Ouro hoje é onde existe a barragem que nos mandou água potável há alguns anos atrás e as notícias que surgiam de Brasília era super interessante pra mim, não só a desenvoltura de Brasília como também os presidentes que iam surgindo como Juscelino Kubitschek e me lembro também muito, de Tancredo Neves que era um homem muito interessante para mim na época entendeu? Eu era muito novo ainda foram eles os políticos que iam surgindo. Essa construção de Brasília quando foi fluindo e a gente ouvindo as notícias. Quem foi o arquiteto e quem foi o arquiteto isso era interessantíssimo para gente, entendeu? (Sandoval Viana, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2019).

Embora não tenha de fato vivenciado esses marcos históricos nacionais, por ter nascido em 1963, e tanto a inauguração de Brasília que aconteceu em 1960, quanto o governo de Juscelino Kubitschek, entre 1956 e 1961, Sandoval possui uma memória clara sobre esses acontecimentos. Sua experiência mnemônica traduz o que Halbwachs defende, que a memória individual está impregnada de memória coletiva, na qual o indivíduo carrega consigo uma considerável bagagem de lembranças históricas nacionais:

Carrego comigo uma bagagem de lembranças históricas, que posso ampliar pela conversação ou pela leitura. Mas é uma memória emprestada e que não é minha. No pensamento nacional, esses acontecimentos deixaram um traço profundo, não somente porque as instituições foram modificadas, mas porque a tradição nelas subsiste muito viva em tal ou qual região do grupo, partido político, província, classe profissional ou mesmo em tal ou qual família; e em certos homens que delas conheceram pessoalmente as testemunhas. Para mim, são noções, símbolos; eles se apresentam a mim sob uma forma mais ou menos popular; posso imaginá-los; é-me quase impossível lembrá-los. (HALBWACHS, 1990, p.37).

Sendo possível, Sandoval ter acompanhado a amplificação que divulgou a construção de Brasília, como explica Traverso (2012) “a memória faz parte do imaginário coletivo e que os meios de comunicação junto com os poderes públicos a amplificam, transformando a em obsessão comemorativa”.

A memória invade hoje em dia o espaço público das sociedades ocidentais. O passado acompanha o presente e instala-se no seu imaginário coletivo como uma «memória» extremamente amplificada pelos meios de comunicação e frequentemente regida pelos poderes públicos, memória transforma-se em «obsessão comemorativa» e a valorização, por vezes mesmo a sacralização, dos «lugares de memória» engendra uma verdadeira «topolatria». Esta memória superabundante e saturada sinaliza o espaço (TRAVERSO, 2012, p.10).

Mário Almir relembra como foi sua estreia na *Rádio Regional de Irecê* e as primeiras músicas que tocou no programa *Dedicatórias Musicais*. Segundo Mário Almir, o sucesso era tanto que a rádio recebia de 350 a 400 cartas por dia e que António Sanches teve que contratar uma secretária para datilografar as dedicatórias musicais dos ouvintes.

O primeiro locutor a falar na Rádio Regional de Irecê fui eu. A primeira música que nós tocamos na rádio foi ‘Ebony and Ivory’ de Paul McCartney e Stevie Wonder, foi a primeira música tocada quando a rádio entrou no ar. São coisas que a gente guarda porque fica na história, não é? E depois da programação já feita, já com o programa, a primeira música tocada foi a música de Roberto Carlos, não me lembro se foi ‘Lady Laura’, dentro do programa ‘Dedicatórias Musicais’, nós apresentávamos esse programa e por mais incrível que pareça, parece até um absurdo a gente falar tudo isso, mas, nós recebíamos, naquele tempo, uma média de 350 a 400 cartas por dia. “Fulano dedica uma música para fulano”, de toda a região a gente recebia, mas, os ouvintes da cidade de Presidente Dutra, aqui na região, batiam recordes de envio de cartas. Inclusive, António Sanches que foi o diretor da rádio, ele contratou uma secretária só única e exclusivamente para datilografar os pedidos musicais do programa. Amado Batista, tal música, fulano e fulano, Jerry Adriani, tal música, fulano, fulano e fulano. A gente ia colocando e dizendo fulano e fulano de tal lugar. (Mário Almir, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2021).

Sobre o deslumbramento que os locutores da Rádio Regional provocavam nos ouvintes, especialmente nos jogos de futebol que os profissionais da emissora participavam aos finais de semana, relembra Mario Almir:

[...] A Rádio Regional na microrregião de Irecê era como a TV Globo da região, onde nós chegávamos era a mesma coisa. Nós tínhamos um time de futebol e onde íamos jogar contra vereadores ou contra veteranos era uma festa. Normalmente, no estádio, não tinha menos de 7 ou 8 mil pessoas em cada jogo que a gente fazia... Nobelino era deputado e o proprietário e onde nós chegávamos eram as meninas com os cadernos nas mãos pedindo autógrafo, era como se nós

fôssemos a Globo da região. (Mário Almir, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2021).

Opinião endossada por Americano (1946):

Naquele tempo, a gente era convidado para todos os lugarejos, povoados, a gente era recebido até com banda de música. Era um negócio sério. Era um prestígio dos radialistas da Rádio Regional. Nós formamos um time da rádio. Todo mundo queria jogar com a Rádio Regional porque o jogo era transmitido. Tinha equipe. Eu também fiz parte da equipe de esporte da rádio. Tem muita coisa engraçada no esporte. Tem muita coisa engraçada na locução esportiva. Era assim, comendo galinha caipira nos finais de semana, nos povoados. Era difícil um final de semana para não ir para um lugar. (Americano, entrevista gravada por mediação tecnológica, América Dourada, 2022).

Americano detalha a forma como os locutores da Rádio Regional de Irecê eram reverenciados pelo povo e como eram formadores de opinião e influenciadores de modos e costumes como o vestir, o agir e a maneira de se comunicar. Ao final, relembra Luiz Gonzaga e como o Rei do Baião que tinha um chapéu de couro como marca da figura do vaqueiro, influenciou o locutor no uso constante do chapéu de palha como símbolo do homem sertanejo.

A gente era tratado de uma maneira diferenciada. O povo endeusava. Eu nunca vi um negócio daquele naquela época. É a primeira, a Rádio Regional, logo a pioneira e o povo da roça dá valor. O prestígio era falar o nome das pessoas. Já pensou? Eu como locutor trabalhando na rádio, quando um amigo falava o meu nome, eu sentia bem, arrepiava. É um negócio gostoso. Ouvir o nome da gente assim no ar. Foi muito bom isso. E depois de 34 anos, até hoje recebo ligações. Tem 5 anos. Eu deixei a rádio em 17 de agosto de 2017. [...] O que a gente falava, as pessoas ouviam e muita gente seguia, a gente era ouvido e atendido. O homem simples da roça, 'olha, Americano falou assim, vamos fazer isso. Até hoje. Os locutores famosos têm esta influência, influenciam muitas pessoas. Com certeza com o linguajar, com a maneira de agir, com a maneira de vestir, até o chapéu. Eu uso um chapéu de palha até hoje. É o distintivo, é o meu emblema. Como Luiz Gonzaga usava chapéu de couro, eu uso um chapéu de palha. São muitas pessoas influenciadas, não resta dúvida. (Americano, entrevista gravada por mediação tecnológica, América Dourada, 2022).

Observar a minúcia presente nas descrições feitas por Americano e aos outros entrevistados idosos remete ao pensamento de Maurice Halbwachs, através de Bosi que afirma que o homem ativo se ocupa menos em lembrar do que o homem já afastado dos afazeres cotidianos.

Ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos, há correntes do passado que só desapareceram na aparência. E que podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, como ilhas efêmeras de um estilo, de uma maneira de pensar, sentir, falar, que

são resquícios de outras épocas. Há maneiras de tratar um doente, de arrumar as camas, de cultivar um jardim, de executar um trabalho de agulha, de preparar um alimento que obedecem fielmente aos ditames de outrora (BOSI, 1994, p.29).

Ou seja, os mais velhos ou idosos, sendo o elo entre o passado e o presente, trazendo os resquícios da cultura de outrora, através da memória, para o momento presente.

3.3 RECORDAÇÕES DE UMA VOZ ECLIPSADA NA HISTÓRIA DA RADIODIFUSÃO LOCAL

Reconhecido pelos entrevistados, como o primeiro locutor da Rádio Regional, Mário Almir Dourado nasceu em 12 de julho de 1953, em Irecê. Começou a trabalhar em rádio em 1976 na *Rádio Caraíbas* de Senhor do Bonfim, junto com o locutor Salvador Rodrigues. Depois, foi trabalhar na *Rádio Clube* de Salvador. Em Irecê atuou no serviço de alto-falantes *A Voz do Sertão* de Abelardo Leite Bonfim e na formação da *Rádio Regional* de Irecê. Na emissora foi redator, apresentador de programas musicais e esportivos, narrador esportivo, também atuando no radiojornalismo. Como teve contato com o rádio na capital, orientava os novatos ajudando muitos locutores dentro da emissora.

Mário Almir (1953) recorda o sistema de som montado pelo empresário paraibano, Abelardo Leite Bonfim (1946 - 2006), em 1981, denominado *A Voz do Sertão*, onde ele trabalhou como radialista. Almir chega a fazer um breve comparativo entre *A Voz do Sertão* e *Rádio Regional de Irecê*, entre a importância de Abelardo Bonfim e a de Nobelino Dourado para a comunicação local e regional:

A Voz do Sertão, se não me engano, foi inaugurada de 1981 a 1982, a Rádio Regional em 15 de maio de 1983. Então, antes da rádio, o que tinha aqui, em termos de comunicação, daqui da rua até a Boa Vista, em todos os postes tinha uma caixa de som e toda cidade ouvia. Nós fazíamos jornal, fazíamos programa musical, fazíamos de tudo e Abelardo foi o pai da comunicação. Nobelino hoje é o patrono da comunicação regional porque lançou a primeira emissora de rádio, a Rádio Regional de Irecê, depois, a Rádio Caraíbas. Agora, em termos de difusão, em termo de propagação aqui no município foi Abelardo. Ele quem trouxe, foi ele quem plantou, certo? E ele era o entusiasta, ele dava toda condição pra gente trabalhar[...]. Nós fazíamos esse trabalho e ele dava toda a cobertura, tudo. De patrocínio, de tudo aqui, a gente pegava tudo como uma emissora de rádio faz. Nós cobrimos a sede da cidade de Irecê de maneira geral. Daqui (do centro de Irecê) até o bairro da Boa Vista, onde você

estivesse você escutava A Voz do Sertão. (Américo, entrevista gravada por mediação tecnológica, América Dourada, 2022).

Almir guarda na lembrança os detalhes de como funcionavam os horários da programação no sistema de alto-falante *A Voz do Sertão*, nomes e quantidade de locutores, além de histórias pitorescas:

Nós íamos de 8h da manhã até 10 da noite, trocando os locutores e nós íamos fazendo. Eram, me parece que 5 locutores. E tinha alguns casos pitorescos como o pai de André, o jornalista André Luiz da Rádio Caraíbas. Ele começou lá com a gente, só que ele veio da Paraíba você sabe que aqui na Bahia tem uma maneira fonética e lá tem outra, né? Ele com aquele sotaque carregado foi fazer um teste lá com a gente. Tinha a Panificadora Santos e ele foi ler o texto para ver se passava, né? “Paineficadora Santos Pão de todas as marcas Pão doces, pão salgados, pão de todas as marcas”. Mas, no fim entrou e foi um bom locutor, Paulo, o nome dele. Hoje ele está aposentado e trabalha perto do Banco do Brasil. Temos muitas histórias, tem pessoas que passaram e depois saíram daqui e foram ser diretores de emissoras em grandes centros, inclusive Salvador Rodrigues, foi ser diretor da Rádio Difusora de Teixeira de Freitas, era um dos mais conceituados em toda a região e aprendeu aqui na A Voz do Sertão, que foi a grande escola. Eu, Ademir Neiva, Agnelo Cerqueira, Valter Paz que hoje está na rádio Xique-Xique, todos nós começamos aqui na A Voz do Sertão, que foi realmente a grande escola da Rádio Regional de Irecê. Abelardo era meu grande amigo, uma das pessoas com quem eu mais me integrei em termos de divulgação e tínhamos uma consideração espetacular. (Américo, entrevista gravada por mediação tecnológica, América Dourada, 2022).

Expõe que o serviço de alto-falante serviu de alicerce para a instalação de emissoras de rádio na microrregião de Irecê.

A base de tudo, para todas as emissoras aqui da região foi A Voz do Sertão, onde começou tudo em termos de rádio. Na programação tinha programas musicais, programas jornalísticos, mas, a base mesmo era musical e com recados, com abraços para o pessoal que tava na cidade ouvindo e as propagandas das casas comerciais. E todo o comércio anunciava, da mesma forma que anunciam nas rádios hoje, naquele tempo, o veículo de comunicação era A Voz do Sertão. (Américo, entrevista gravada por mediação tecnológica, América Dourada, 2022).

Relata que a Voz do Sertão perdeu espaço, anunciantes e logo foi encerrada, após a inauguração da Rádio Regional de Irecê, detalhando a grande potência da emissora:

Ela funcionou até a Rádio Regional ser inaugurada, ela funcionou até princípios de 83, depois da rádio, perdeu o espaço porque entrou uma emissora que tinha um alcance em toda a região. Principalmente quando a Rádio Regional entrou na faixa cidadão que era de 500 para 600 watts de potência pra baixo, a Rádio Regional era 540kilowatts, na chamada Faixa Cidadão, ela tinha uma penetração,

já que não existia outra emissora na Bahia com a mesma frequência dela, ela entrou com uma frequência que era no horário de dia, que é o horário que o sol se põe e tem maior possibilidade de propagação, ela pegava em quase toda a Bahia, e a noite, quando diminui para 250 watts, a propagação era muito grande porque era de baixa frequência, nós atingimos até a Paraíba. Hoje nenhuma emissora daqui alcança isso. (Américo, entrevista gravada por mediação tecnológica, América Dourada, 2022).

Doinha conta que chegou a utilizar o sistema de alto-falante de Abelardo Leite, acrescenta que as igrejas também tinham seus próprios serviços de alto-falantes. Porém, para ele, o alcance do sistema de som da Voz do Sertão era limitado, apenas nas praças da cidade:

Eu já prefeito de Irecê em 82, a gente utilizava o sistema de alto-falante, em cada praça tinha uma boquinha de alto-falante, umas de caixinhas de madeira, outras de alumínio e que dava as notícias da comunidade, né? Também as igrejas mais importantes de Irecê como a igreja católica matriz e a igreja protestante também tinham seus serviços de alto-falantes para as notícias da congregação. E o cidadão Abelardo tinha um sistema de comunicação, onde a gente pagava as mensagens e ele fazia a publicação, era pouca gente que ouvia porque eram só nas praças principais. (Hidelbrando Seixas Filho, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2022).

Curioso perceber que os relatos sobre a existência da Voz do Sertão como veículo de comunicação que antecede a chegada da Rádio Regional de Irecê não se encontra em nenhuma publicação oficial sobre as memórias da região, ou seja, jornais, periódicos, revistas ou livros. Essa memória é completamente eclipsada na história da radiodifusão de Irecê. Por qual motivo a iniciativa de Abelardo Leite Bonfim foi eclipsada, ou seja, apagada, escondida da história da cidade? Talvez a teorias de Tzvetan Todorov em *Memória do Mal, Tentação do Bem – Indagações sobre o século XX* ajude nessa compreensão, ao lançar luz sobre o perfil dos regimes totalitários desse século, com o domínio completo sobre a memória:

Os regimes totalitários do século XX revelaram a existência de um perigo antes insuspeitado: o de um domínio completo sobre a memória. Não, que no passado, se desconhecesse a destruição sistemática dos documentos e dos monumentos, o que é um modo brutal de se orientar a memória de toda a sociedade. [...] Mas, não sendo totalitários, esses regimes eliminaram somente, os acervos oficiais da memória, deixando sobreviverem muitas outras formas desta, como as narrativas orais ou a poesia. Já as tiranias do século XX, tendo compreendido que as conquistas das terras e dos homens, passa pela conquista da informação e da comunicação, sistematizaram seu domínio sobre a memória e tentaram controlá-la até no que ela tem de mais recôndito. (TODOROV, 2002, p.135).

Levando para o período em estudo, a teorias de Tzvetan Todorov sobre os regimes totalitários refletem no totalitarismo e hegemonia da comunicação no governo Sarney, após a redemocratização do país:

A década de 80 foi, para as comunicações no Brasil e na Bahia, época de modernização, surgimento de emissoras e consolidação de redes interligando pontos distantes do país. Contudo, o processo de redemocratização instaurado por Sarney a partir de 1985 é que se revelou como grande marco do período, não exatamente pela transição democrática, mas por sua política clientelista de concessões de emissoras de rádio e TV a fim de manter-se no cargo por cinco anos (LUZ, 1996, p. 4).

Na Bahia, o controle das concessões das emissoras ficou a cargo do então ministro das Comunicações Antônio Carlos Magalhães que montou sua base midiática através da distribuição de emissoras para seus correligionários.

Raimundo Cruz Novaes (Ray Cruz) nasceu em 18 de abril de 1968 na cidade de Presidente Dutra, microrregião de Irecê. Após perdas na agricultura, no início dos anos 80, seu pai resolveu migrar com a família para Irecê em busca de melhores condições de vida, foram morar em um quartinho alugado com preço módico. Em 1982, sua mãe o matriculou na Fundação Bradesco, instalada no Bairro do Papelão, na periferia. Conciliava o estudo com a venda de picolé, geladinho, além de engraxar sapatos nas feiras da cidade. Em 1989, conclui o curso de assistente técnico em administração. A admiração pela locução veio cedo, enquanto ouvia o serviço de alto-falante *A Voz do Progresso* em Presidente Dutra, *A Voz do Sertão* em Irecê e posteriormente, a *Rádio Regional*. Em 1987 faz uma breve participação no programa de Gilvan Oliveira na *Rádio Regional* de Irecê, aos domingos. Após muita persistência, aos 20 anos, consegue ingressar na Rádio Caraíbas FM em 1988 onde trabalha até hoje.

A irmã de Ray Cruz trabalhou em uma das lojas de discos de Abelardo Leite Bonfim. Ray Cruz relembra o perfil do amigo, as conversas descontraídas, a admiração recíproca e como o empresário oportunizava comunicadores que migravam para Irecê.

Abelardo sempre me respeitou enquanto comunicador, ele reconhecia as minhas qualidades enquanto radialista, sempre conversava comigo, a gente tomava uma cervejinha e batia um papo e ele era fixado em eletrônica, né? Tinha uma facilidade e uma inteligência muito grande em eletrônica, foi por conta disso que ele resolveu montar *A Voz do Sertão* e os carros de alto-falantes, que eram importantes na época. O carro de alto-falante rodava a região

toda. Ele deu espaço pra comunicadores, pra pessoas que vinham de fora também. Everaldo José tá vivo até hoje, foi um comunicador que veio de Capim Grosso, ele deu oportunidade também ao pessoal que vinha de outras regiões. (Ray Cruz, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2022).

Defende o reconhecimento de Abelardo Leite Bonfim como um dos incentivadores da cultura e da comunicação local.

Na loja de discos ele passa a tocar artistas de renome que ninguém conhecia... Através das entrevistas, trazia um artista... Leva na Voz do Sertão pra falar! A figura de Abelardo tem que ser colocada em seu devido lugar, uma pessoa que tem um papel fundamental na cultura e na difusão da cultura e da comunicação aqui em Irecê, não podemos tirar de forma nenhuma, nesse contexto a importância dele aqui em Irecê e quando a gente fala Irecê, a gente fala de um polo regional. (Ray Cruz, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2022).

Enaltece a importância da instalação do serviço de alto-falantes *A Voz do Sertão* em cidade que ainda não tinha uma emissora de rádio.

Ele faz parte dos imigrantes e desbravadores, do pessoal que veio para Irecê, ele viu a necessidade, viu que Irecê tinha espaço pra se colocar uma loja de discos, pra se colocar um serviço de alto-falantes 'A Voz do Sertão'. Para dar o recado, a prestação de serviço. Nesse tempo não tinha telefone, não tinha rádio... Aquela mensagem que você passa pra um serviço de alto-falantes em toda cidade, alguém ouve e retransmite. O menino que desapareceu, o animal que desapareceu da propriedade, a vaca que desapareceu, o cara que perdeu a chave, o comércio que anuncia. (Ray Cruz, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2022).

E acrescenta mais um personagem importante da comunicação local daquela época, chamado Valmir Ramos.

Valmir Ramos veio de Senhor do Bonfim para trabalhar como assessor de Nobelino, é um cara que não pode ficar de fora. Ele chegou em 78... 79... Montou esses carros de som aqui em Irecê e também teve essa importância, ele trabalhou na Rádio Regional e na Caraíbas FM também. Ele foi um pioneiro no serviço de carro volante, de locutor de eventos, o primeiro São João de Irecê quem apresentou foi ele, ele veio trabalhar com Nobelino, mas, por ironia do destino ele acabou sendo secretário do adversário de Nobelino que ganhou a eleição em 82, Doinha, que tal? Olha o que é a política? (Ray Cruz, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2022).

Pontua que Valmir Ramos mudou-se para Irecê para trabalhar com Nobelino Dourado e acabou sendo secretário na gestão do prefeito Hidelbrando Seixas (Doinha), adversário político do deputado.

3.4 REMINISCÊNCIAS SOBRE O USO POLÍTICO DA RÁDIO REGIONAL DE IRECÊ

A associação entre a Rádio Regional de Irecê e a política é inevitável, sendo praticamente um unísono observado nas falas de Brivaldo, Americano e Ray Cruz. Como relata Brivaldo:

Quando o então deputado estadual Nobelino Dourado Filho conseguiu, porque entrou no meio político e através do Antônio Carlos Magalhães, eles tiveram a ideia instalar uma rádio em Irecê e foi concedida pelo então ministro das comunicações. E até hoje perdura aqui em Irecê, concessão de rádio e televisão. (SANTOS, 2022, s/p).

Como relembra Americano:

Tudo parte da política. O deputado tem acesso, tinha uma pessoa de muita influência em Brasília, que foi juiz federal comandando três estados da federação, doutor Hermenito Dourado, grande jurista e parente muito próximo do deputado Nobelino Filho. Então, não foi difícil a implantação da rádio. Rapidinho, a Rádio Regional funcionou. (Americano, entrevista gravada por mediação tecnológica, América Dourada, 2022).

Como discorre Ray Cruz:

Nobelino era um cara muito sério, ele era fiel às suas origens políticas, né? Era de ler na cartilha de Antônio Carlos Magalhães como um grande líder político da Bahia. Embora tenha todas as contradições do ponto de vista político, mas, a gente entende como um jogo. Ou você joga nas regras do jogo ou você não entra nele. Porque pra você lograr êxito você tem que jogar na regra do jogo político. O rádio foi utilizado como uma base para se fazer política mesmo, no interesse de cada grupo. E às vezes ele falava para mim... porque ele foi candidato algumas vezes e perdeu a eleição, candidato a prefeito e perdeu e dizia assim "olha, quem ganha as eleições é aquele que fizer mais malandragem" (Ray Cruz, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2022).

O radialista Vladimir Moitinho Santana nasceu em 1965 no povoado de Achado, interior do município de Irecê. Aprendeu com os pais a cuidar dos animais e da plantação na roça. Aos doze anos muda-se com família para Irecê, para iniciar os estudos. Desde cedo começou a ouvir as rádios do Rio de Janeiro e de São Paulo e tomou gosto por acompanhar os jogos do Vasco, Botafogo, Fluminense, São Paulo e Corinthians. Daí surgiu a paixão pelo Flamengo e pelas narrações esportivas. Concluiu o Ensino Médio e por conta de uma crise financeira causada pela instabilidade na agricultura, não conseguiu sair de Irecê para fazer faculdade em um grande centro urbano. Por conta da identificação e desenvoltura no esporte em 1983 ingressou na Rádio Regional de Irecê. Quinzinho relata que tinha um parentesco com o deputado

Nobelino Dourado Filho e que também recebeu o apoio do irmão radialista, Mário Almir Dourado.

Quando questionado por Jorge Damasceno sobre como era o jornalismo na Rádio Regional de Irecê, nos primeiros anos de emissora, Quinzinho responde:

A nossa fonte aqui era a Voz do Brasil, além disso, nós tínhamos os plantões da Rádio Tupi, da Rádio Nacional, Rádio Sociedade da Bahia, a própria Rádio Globo, e nós tínhamos também a outra fonte de informação que era os jornais impressos da capital que só chegavam na nossa cidade à noite ou no dia seguinte. E aí que a gente ia buscar, pesquisar a informação, para só então montar um programa jornalístico no dia seguinte. [...] Mas tratávamos das questões locais com mais rapidez, em entrevistas, em algumas questões com agricultores da região. Nós tínhamos as informações, era muito dependioso. (Vladimir Moitinho Santana, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2022).

Sobre o jornalismo praticado na emissora, Quinzinho explica:

O povo do interior é bem carente do profissional de comunicação. Então não tínhamos formação acadêmica, fomos aprendendo com a prática, e estamos aprendendo até hoje. Não tínhamos essa opção de ter um profissional, um jornalista pra estar atuando aqui na rádio do interior. Eu acho que isso predominou por todo o interior da Bahia, e até na capital. Tínhamos conhecimento também que muitos profissionais de comunicação não tinham formação acadêmica. E que se tornaram profissionais de comunicação com a prática, do dia a dia, e a experiência que foi adquirindo na comunicação. Então, acho que isso predominou na maioria dos comunicadores e profissionais de comunicação daquela geração [...]. Eu mesmo passei por diversos setores de rádio, de apresentar programas jornalísticos, repórter de rua, de ser comunicador de programa musical e comunicador sertanejo ao amanhecer. (Vladimir Moitinho Santana, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2022).

E sobre a liberdade editorial para fazer os programas, para escolher as notícias, pra escolher as reportagens que queriam comentar.

Olha, depois de tudo pronto, iríamos pela redação, inclusive tinha o próprio diretor da rádio que era um português, ele foi o primeiro diretor e hoje ele se encontra em Lisboa. (ele fez parte do asilo na época, foi para a África e depois veio parar no Brasil), e foi um contribuinte na direção da rádio. Nós parávamos para poder discutir, nós repórteres, novatos, com o Mário Almir que era o redator, junto com a direção para que tivesse realmente ali uma linha editorial dos programas jornalísticos. Mas não tinha nenhuma questão de censura, não, tínhamos uma certa liberdade mesmo para tratar sobre os assuntos. (Vladimir Moitinho Santana, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2022).

A respeito do uso da expressão: “certa liberdade”, Quinzinho elucida sobre o alinhamento político da Rádio Regional de Irecê com o Carlismo, dessa

forma, os radialistas tinham que seguir uma política de comunicação em consonância com os interesses políticos de ACM e não poderiam criticar o governo do Estado ou Ministério das Comunicações.

Eu vou te explicar isso, professor Damasceno. Quando nós tínhamos as concessões, antigamente as emissoras de rádio eram destinadas aos políticos de cada região. E naquela oportunidade, quem predominava era o Senhor Antônio Carlos Magalhães, governador, ministro das comunicações, então nós tínhamos algumas restrições relacionadas a colocações políticas. E isso era natural porque quem recebe do ministro das comunicações, o ex-governador uma concessão, vamos tentar trabalhar alinhado com o governo e com políticos. A gente poderia ali não concordar, mas tínhamos que respeitar. (Vladimir Moitinho Santana, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2022).

Quinzinho revela as restrições e controles existentes para o alcance do propósito político-eleitoral instituído por ACM através da instalação de cerca de 90 emissoras de rádios no interior da Bahia, como explica LUZ (1996).

A Bahia ficou com um saldo considerável, devido às emissoras que o então ministro das Comunicações ACM destinou ao Estado, algo em torno de 90, a maior parte para correligionários e familiares. Estava montada, assim, a estrutura midiática do partido eletrônico de ACM na Bahia, capaz de conduzir à vitória eleitoral os candidatos governistas ao transferir-lhes a marca do político, sua imagem de autoridade e competência. (LUZ, 1996, p. 4).

Quando abordado sobre os bastidores e negociações para a chegada da rádio e se algum outro grupo político entrou na disputa pela concessão, Quinzinho é categórico ao dizer que mesmo que houvessem discordâncias políticas todos se uniram em prol de um único projeto de comunicação para Irecê, junto à *Rádio Regional*.

Aqui teve só um entendimento em que todos estavam na expectativa, e que o único canal que tinha para uma concessão de rádio era o deputado Nobelino Filho, então não houve nenhuma concorrência da concessão naquela oportunidade. Todos abraçaram e foi um projeto único aqui para a região de Irecê, em termos de lançamento desta concessão e da Rádio Regional de Irecê. Foi bem tranquilo. [...] Até hoje – e já são 38 anos e não tomei conhecimento até hoje que houvesse alguma concorrência em relação a essa concessão. Tomamos conhecimento, alguns anos depois de fundada a rádio, que tinha um cidadão de Lapão que tinha um interesse em fundar uma emissora de rádio na localidade que era distrito de Irecê, mas não avançou. E quando veio esta concessão, toda Lapão e demais municípios da região de Irecê abraçaram em uma causa única da implantação dessa Rádio Regional de Irecê. (Vladimir Moitinho Santana, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2022).

A declaração feita por Quinzinho de que só existia um interesse único e de certa forma harmonioso em torno da vinda e concessão da Rádio Regional de Irecê contradiz o que afirma o ex-prefeito de Irecê, Hidelbrando Seixas, disposto a seguir.

Hidelbrando Seixas de Souza Filho (Doinha), nasceu em 19 de dezembro de 1942, na cidade baiana de Gentio do Ouro. O pai era militar e a família vivia mudando de cidade. Doinha estava doente e como sua madrinha vivia em Lapão (na época distrito de Irecê), não tinha filho e sua mãe já estava no terceiro, resolveram deixa-lo no lugarejo pra se curar, o argumento é que na fazenda o clima, o leite e a alimentação eram melhores para sua saúde. Assim, morou em Lapão até os 15 ano

s de idade. Em 1972 após se formar em contabilidade mudou-se para Irecê, sua esposa era professora e Doinha atuava como agricultor e dono da CONTEI, empresa contábil com mais de 150 clientes. Dessa forma e com engajamento político, ganhou destaque entre os empresários que começaram a indicar seu nome como candidato a prefeito em 1976, conseguindo se eleger em 1982, sua gestão durou de 1983 a 1988. Doinha concorreu com o ex-prefeito e um dos sócios da *Rádio Regional* de Irecê, Ineny Nunes Dourado e recorda como aconteceu a formação do seu grupo político, o período marcado pela hegemonia da comunicação local da *Rádio Regional* de Irecê e da política de sucessão de 37 anos da Família Dourado.

Surge então aqui um movimento do meu grupo político, na época liderado pelo saudoso deputado Stoessel Dourado que dividiu a família em termos de votação, Stoessel liderava junto com Edvaldo Lopes um grupo político da família importantíssima de Irecê, que tinha 90 por cento da Família Dourado na região de Irecê e estava chegando aquilo que a gente chamava de nordestino. Nós somos nordestinos, mas, a gente achava que nordestino era o paraibano, o pernambucano, o alagoano, o cearense... Esse povo viu o Eldorado de Irecê e começou a se instalar aqui, contanto que na época eu decidi ser candidato a economia mais forte estava na mão deles e não na mão dos Dourados... Os grandes empresários eram esse pessoal que chegou aqui e começaram a querer colocar um candidato e um prefeito que não fosse mais da família Dourado, haja vista que existia uma hegemonia e a família Dourado já comandava politicamente com eleições vencidas há 37 anos. O nosso grupo não tinha mais quem quisesse ser candidato que era sair candidato pra perder. (Hidelbrando Seixas Filho, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2022).

Hidelbrando relata como se tornou candidato e venceu as eleições após 37 anos de hegemonia da família Dourado sem ter ao menos um carro de som para dar início a sua campanha política.

Mesmo assim, fizeram uma eleição, tinha 190 representantes e eu ganhei com 190 votos pra ser o candidato. Mas, aí por quê que eu aceitei ser o candidato? Claro que eu queria Irecê forte, claro que eu queria parar aquela continuidade de política que vai, “agora é o meu primo”, “agora é meu sobrinho”, “agora é meu compadre”, da família Dourado. Eu não tinha nada contra a família Dourado e sim contra as lideranças políticas, na época tinha, prefeito Joacy Nunes Dourado, ex-prefeito, Ineny Nunes Dourado, deputado estadual, Nobelino Filho, também Dourado, o tradicional Dourado e todos os órgãos aqui de imprensa e tal era dos Dourados, foi quando surgiu a primeira emissora de rádio de Irecê que pertencia a Nobelino Dourado, ao ex-prefeito Ineny Dourado e ao atual prefeito Joacy Dourado, adversários fortíssimos e eu não tinha nem um carro de som pra começar a campanha. (Hidelbrando Seixas Filho, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2022).

Recorda que o apadrinhamento político de Antônio Carlos Magalhães facilitou a concessão da *Rádio Regional* de Irecê para seu grupo de oposição, formado por Ineny, Joacy e Nobelino, representantes da família Dourado. Hidelbrando acrescenta que como oposição, ele ainda tentou burlar a concessão da rádio ofertada por ACM, mas, não teve êxito.

Já que o outro grupo tinha um padrinho forte que era o ex-governador Antônio Carlos Magalhães, que tinha uma ligação muito forte com o sistema da presidência da república que eram os generais. Antônio Carlos foi prefeito indicado pela revolução, foi governador indicado pela revolução, ele tinha força lá em cima. Então se criou uma sociedade onde todos os sócios eram políticos. O ex-prefeito Ineny, o ex-prefeito Joacy, o ex-prefeito Nobelino Dourado e o filho que era deputado estadual. O grupo mais forte de Antônio Carlos da política aqui da região de Irecê. Nisto, conseguiram a concessão. Eu tentei burlar e também atrapalhar a concessão, mas, aí... Antônio Carlos com todo o seu prestígio... Eu perdi a concessão e deram a esse grupo. (Hidelbrando Seixas Filho, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2022).

Rememora que por ser de oposição, as realizações de sua gestão não eram divulgadas na *Rádio Regional* de Irecê. E explica que teve que buscar outras maneiras de divulgação como cartas, carros de som e veículos de comunicação com alcance regionais ou nacionais como os programas de televisão, sobretudo para falar sobre as grandes safras de feijão na microrregião de Irecê.

Durante a minha gestão, criou-se uma animosidade. A rádio não poderia falar sobre minha administração, nem de bem e nem de mal do prefeito em exercício que era o meu nome, nem que eu pagasse. Aquilo foi criando um certo problema porque eu tinha que estar fazendo ‘carta ao povo’, eu tinha que colocar carros de som nos

povoados dizendo que iria calçar tal rua, que iria fazer tal asfalto. As notícias maiores eu dava através do Bom Dia Bahia, do Bom Dia Brasil, cujo sistema de televisão era vinculado ao senador Luiz Viana, era do filho dele Luiz Viana Neto, da TV Aratu. Quando tinha uma grande safra, eu ia lá, eu era entrevistado, em relação a produção de feijão, onde chegamos a ser o maior produtor do Nordeste do Brasil... Quando chegamos a ser o maior produtor de mamona, o maior do mundo em área concentrada. Eu precisava de comunicação. (Hidelbrando Seixas Filho, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2022).

E relembra um episódio onde por conta das críticas à sua gestão e falta de espaço na Rádio Regional de Irecê, tomou uma atitude extrema, chegando a invadir a emissora.

Quando eu já estava na metade do mandato, eles começaram a bater muito na minha administração. Contanto que em 85, eu comecei a mudar a pavimentação da cidade de Irecê. Aqui era feito tudo a base do paralelepípedo, como aqui é um solo de massapê, quando chovia, o paralelo baixava... estouravam os calçamentos, faziam uns buracos, era terrível para estar recuperando... Eu achava que tinha que ter uma coisa mais durável para a pavimentação. O ideal seria asfalto, mas, o governador sequer me recebia... Resolvi fazer uma fábrica de intertravado porque ficava muito caro comprar fora [...]. No período em que eu estava fazendo, ficava muito bonitinho o calçamento... Fizeram uma reunião lá, uma reunião política na emissora de rádio, cerca de 10 pra 11 horas da manhã... O locutor era Mário Almir, também da família Dourado e lá estava presente: o ex-prefeito Ineny, o ex-prefeito Joacy, o presidente da câmara na época, vereador Osvaldinho, mais alguns vereadores e lideranças [...] Eu estava tapando os buracos da rua, fazendo minha propaganda, chegou um amigo com um radinho de pilha e me mostrou “olha o que está acontecendo na emissora de rádio do Deputado Nobelino”. Eu me irritei porque a rádio vinha batendo muito na minha administração, falando muita mentira e com a pá que eu estava, eu disse “vou quebrar a cabeça do ex-prefeito Joacy com essa pá” e subi. Eu e meu vereador da época, meu primo. Quando eu cheguei lá que eu entrei passei a pá no vidro e quebrei [...] O locutor falou “o homem chegou”. A comunicação é tão importante que a cidade toda ouviu. Eu parti pra cima deles com a pá e não ficou ninguém, todo mundo saiu correndo. (Hidelbrando Seixas Filho, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2022).

Mais um relato sobre o uso político-eleitoral da *Rádio Regional* de Irecê surge através do registro de uma situação vivida por Americano (1946). Ele conta como se indispôs com o deputado Nobelino Filho, após o pedido do deputado para o radialista fazer um anúncio de cunho político no horário do seu programa.

[...] Aconteceu com o próprio Nobelino Filho, dono da rádio. Eu posso contar isso aqui porque é verdade. Ele chegou um dia no meu programa, no meu horário e ele chegou bem nervoso, meio tenso, que ele iria para Canarana, no município vizinho. Falou comigo muito grosseiro nesse dia, não sei o que estava acontecendo. ‘Americano anuncia agora que eu vou para Canarana agora’. Eu disse: ‘nós não vamos anunciar dessa maneira. Você não está pedindo, você está

mandando e desse jeito não vou anunciar não. E deu um tapa na mesa 'anuncia, a rádio é minha'. Eu respondi: 'mas o programa é meu. O horário daqui é meu'. Nós tivemos esse atrito. Eu e o proprietário. E ele falou 'então eu lhe tiro da rádio agora'. Eu falei: 'no ar. Oh aqui o microfone. Vou ligar para você me tirar agora'. Ele botou a mão na boca e saiu ligeirinho do estúdio. Passou um tempo ele retornou. Me abraçou e falou com calma: 'agora anuncia que Nobelino Filho vai para Canarana daqui a pouco, e pede para o prefeito esperar'. Eu falei: agora eu vou anunciar porque você já veio com outras maneiras. Ficou tudo numa boa, tudo na paz e terminou tudo bem. (Americano, entrevista gravada por mediação tecnológica, América Dourada, 2022).

Ray Cruz (1968) rememora o cenário político em 1988, no qual a *Rádio Caraíbas FM* tinha sido recém-inaugurada por Nobelino Filho e buscava uma estratégia de como fazer a política para o seu candidato, Guga. Do lado opositor, Luiz Sobral, que detinha o apoio da maioria dos comerciantes e dessa forma, poderia vetar os anúncios na rádio.

Eu posso falar sobre a política de 88. Nobelino está deputado e ele vai lançar o cunhado, né? Edmar Dourado Moitinho, o Guga. E nesse ano de 88 a rádio também era utilizada como uma peça fundamental na política. Embora você não sabia bem como utilizar isso... é porque a rádio, ela tinha pouco tempo de instalada, né? Aí você tinha assim uma timidez, porque a rádio você depende de quê para manter aquela estrutura? É do patrocínio, você tem que ter o patrocínio dos comerciantes... É uma faca de dois gumes. Tem um candidato que é ligado a algum comerciante da cidade, que é ligado a vários setores comerciais, a rádio precisa dele. E você tem como saber como você vai utilizar isso... porque chegou ao ponto naquela eleição de Luiz Bezerra Sobral candidato que foi contra a Edmar Dourado Moitinho, apoiado por Nobelino, dono de duas emissoras de rádio em Irecê, né? (Ray Cruz, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2022).

Conta como aconteceu uma disputa acirrada entre a política através dos microfones contra o candidato que convencia os comerciantes locais a não anunciar na emissora. E conclui: "A rádio muitas vezes não elege, mas, ela desgasta".

E Luiz Sobral passa a querer proibir e a intimidar os comerciantes para não anunciar mais na rádio, porque naquela época era o coronelismo e Sobral passa a veladamente se utilizar desse instrumento, ele enquanto prefeito e com um comércio forte em Irecê, a intimidar, a pedir ao comércio pra não anunciar na rádio. Sobral, apoiado por Doinha que está prefeito, ganha a eleição em 88 pra Guga, numa disputa acirrada a ferro e fogo e a rádio é utilizada no processo político pra queimar Sobral e passa também a bater em Sobral e chega o ponto que Sobral chega a pedir ao comerciante pra não anunciar na rádio, a intimidar o comerciante. "Rapaz, você não vai mais anunciar na rádio não". E a rádio tem que pagar as contas dela e ela precisa do comércio. Aí ela tem que passar por uma transformação, se adequar, bater menos no prefeito, convencer o comerciante que é necessário um ajustamento. "Não anuncia nessa rádio não, ela é contra nós e a prefeitura compra no seu comércio, se

não, vamos cortar o seu contrato". (Ray Cruz, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2022).

Brivaldo relembra que após o surgimento das FM's, a Rádio Regional de Irecê passou por um período crítico onde o deputado Nobelino chegou a pagar as despesas da emissora com o próprio salário. E como, com as interferências das ondas na telefonia, as Rádios AM's chegaram ao fim, inclusive a Rádio Regional de Irecê, que migrou para a Frequência Modulada.

Não tenho a data exata, mas o que a gente sabe é que as rádios AM em todo país foram encostadas na parede, através do governo federal que precisava desse espaço para desenvolver o G5 - G4, para implantar a telefonia móvel, para ela dar sinal e tudo mais. Precisava que a rádio AM fosse acuada. Muitos aparelhos celulares não pegavam rádio AM. Acho que um da Sony que pegava rádio AM, mas nenhum aparelho novo pegava rádio AM. Então ela foi sendo acuada e quando o governo acuou bastante, ele ofereceu para cada proprietário de rádio AM, tinha direito a desenvolver uma FM. A Rádio Regional, no finalzinho, ela estava capengando financeiramente. O proprietário Nobelino, quando vencía o salário da gente, ele tinha que tirar do salário dele, do bolso dele, para pagar a gente porque a rádio não estava mais seguindo sozinha. Então quando essa possibilidade, que o governo ofereceu uma concessão de FM... Você chegando aqui na cidade de Irecê, quando você liga a Nativa, Rádio Nativa, a razão social dela é Rádio Regional de Irecê Limitada. Aqui na região, quem era o proprietário de rádio AM, não pensou nem 'meia vez'. Entregou logo para lá. (Brivaldo Santos, entrevista gravada por mediação tecnológica, Irecê, 2022).

Saudosista, nostálgico, Americano declama o poema *Obrigado ao Homem do Campo*, lembrando com muita saudade os 34 anos em que esteve no ar, através das ondas da *Rádio Regional de Irecê*.

Obrigado ao homem do campo. Vamos dizer obrigado pobre do agricultor que trabalha inocente sob esse sol tão quente sem saber que tem valor. Vamos dizer obrigado a esse homem da roça, que trabalha noite e dia cantando com alegria, morando numa palhoça. Vamos dizer obrigado por sua simplicidade, passa o dia trabalhando, para casa volta cantando com o seu peito sem maldade. Vamos dizer obrigado por sua pele queimada, não é praia não senhor, mas do sol abrasador, cabo de sua enxada. Vamos dizer obrigado a esse humilde cidadão, que não sabe discursar nem tão pouco declamar, mas sabe plantar feijão. Vamos dizer obrigado pelos calos da sua mão. Pelos seus dedos dormentes que fazem crescer tanta gente em época de eleição. Vamos dizer obrigado pela sua honestidade de trabalhar como um leão, produzir milho e feijão, abastecendo a cidade. Vamos dizer obrigado, por quase nada saber, mas em se tratando da natureza, a minha gente camponesa, dá uma lição em você. A você homem do campo, trabalhador maltratado, por tudo que você fez, vou dizer mais uma vez a você muito obrigado. (Americano, entrevista gravada por mediação tecnológica, América Dourada, 2022).

E conclui, demonstrando que tudo começa e termina com o envolvimento na política. “Muita gente não agradece o trabalho do homem do campo, e todo mundo da cidade, todo pessoal engravatado, de Brasília, lá do congresso, dos gabinetes, de ar condicionado...”. (Americano, América Dourada, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Presumivelmente, a partir do cruzamento entre as fontes encontradas e produzidas sejam as fontes orais ou escritas, sobre o uso político da Rádio Regional de Irecê, poderemos inferir que a emissora foi amplamente utilizada para fins políticos e eleitoreiros como verdadeiro palanque por seus proprietários: um deputado e dois ex-prefeitos, também por seus correligionários. Ao que tudo indica, seus opositores não tinham a mesma oportunidade no espaço comunicacional, e como relata o ex-prefeito Hidelbrando Seixas (1942), até houve uma tentativa de atrapalhar o processo de concessão da emissora.

Teoricamente, os parques, porém, importantes registros encontrados do jornal *Cultura & Realidade* reforçam esse pensamento sobre o uso dos microfones com propósito político e eleitoreiro. Dos nove exemplares analisados, foram encontradas cinco matérias que fazem referência ao funcionamento da *Rádio Regional* de Irecê e *Caraíbas FM*, dessas, duas demonstram claramente o uso político do rádio.

Nas declarações das fontes orais, é possível inferir a própria política de concessões da *Rádio Regional de Irecê AM* e posteriormente da *Rádio Caraíbas FM*, eram fortemente atreladas a ACM, que foi ministro das comunicações, governador e forte líder político que facilitou a distribuição e implantação de emissoras para seus aliados. Essa percepção é reforçada e ampliada durante a realização da entrevista com o radialista Vladimir Moitinho Santana no diálogo com o historiador e pesquisador José Jorge Damasceno. Na oportunidade, Damasceno pontuou sobre um sem número de rádios que foram inauguradas para fins políticos entre as décadas de 80 e 90, concentradas no interior da Bahia, consideradas como verdadeiros palanques eletrônicos.

[...] A gente sabe que a rádio era de propriedade do deputado Nobelino Dourado, a Rádio de Jacobina, a Rio do Ouro, era do grupo de França Ferreira, Alvaro Martins, e tal. E foi um período que pipocaram rádios em profusão em toda a Bahia. Em toda a década de 80, rádios AM's. E na década de 90 foram as FM's, pipocaram FM's pela Bahia inteira. Uma vez eu viajei daqui de Alagoinhas para o Rio de Janeiro, pela BR 101, pela Penha, eu sempre com o rádio, e observava que cada lugar daquele, Eunápolis, Teixeira de Freitas, São Mateus – já no Espírito Santo, tinha uma rádio FM, 10 quilômetros antes de chegar na cidade e 10 quilômetros depois você

já não achava mais aquela rádio. Então eram rádios distribuídas para fins, eram os famosos palanques eletrônicos. E as rádios do interior, as rádios AM's.[...] Do ministério das comunicações, que era referendado pelo congresso e pelo presidente. E passava por todo um processo. E naquela época, como eu disse antes, Antônio Carlos derramou concessões no estado, e claro, concessões a seus aliados. (DAMASCENO, 2022, s/p).

O argumento do pesquisador e historiador é substanciado pelo levantamento realizado por Jane Márcia Lemos Luz para o trabalho *Rádio e TV na Bahia: o partido eletrônico de ACM* apresentada à FacomUFBa, no segundo semestre de 1996. A pesquisadora traz uma intercepção entre as pesquisas do jornalista Agostinho Muniz e do especialista Jonicael de Oliveira, com um panorama da distribuição de concessões de rádios e Tvs no estado da Bahia por políticos, com predominância do grupo de ACM, ou seja, Carlista. Jane acrescenta e atualiza as pesquisas anteriores ao realizar a checagem por telefone, junto às rádios sobre as datas de concessões, nomes e municípios, apresentando o seguinte panorama da radiodifusão para os 19 municípios da região de Irecê.

Região de Irecê – municípios: América Dourada, Barra do Mendes, Barro Alto, Cafarnaum, Canarana, Central, Gentio do Ouro, Ibipeba, Ibititá, Irecê, Itaguaçu da Bahia, João Dourado, Jussara, Lapão, Mulungu do Morro, Presidente Dutra, São Gabriel, Uibaí e Xique-Xique. E que existiam sete emissoras funcionando na região, três em frequência modulada e quatro em ondas médias, distribuídas em três dos dezenove municípios, sendo a maioria em Irecê, o município polo agrícola que dá nome à região. Há ainda a concessão de uma TV em Irecê e mais três rádios a serem instaladas: *América Dourada FM* (de proprietários carlistas, concessão de 08/08/87), em América Dourada; *Líder OM* (do ex-prefeito Elcio, PFL, concessão de 04/08/87), em Central; e *Presidutrense FM* (do ex-prefeito carlista Walter Barreto, concessão de 09/07/86), em Presidente Dutra. (LUZ, 1996, p. 19).

O levantamento apurado por Luz (1997), mostra as datas das concessões das rádios para a região de Irecê, na época. As rádios ligadas ao deputado Nobelino Dourado Filho, a *Regional OM* ou *Rádio Regional de Irecê* em 08 de julho de 1980 e a *Caraíbas FM* em 11 de maio de 1983. Barra do Mendes: *Barra do Mendes OM* (do ex-prefeito Waldomiro Bastos, PFL, e do ex-governador Nilo Coelho, PMDB; concessão de 03/04/86). Irecê: *Caraíbas FM*

(11/05/83), *Irecê FM* (09/08/88) e *Regional OM* (08/07/80) são do ex-deputado pelo PFL Nobelino Dourado; e 36 *Difusora OM* (do ex-prefeito Henrique Sobral, PFL, concessão de 10/05/88). Henrique Sobral também tem uma concessão para TV no município, de 09/08/88. Xique-xique: *Tribuna do Vale OM* (tida como carlista, concessão de 03/03/85) e *XiqueXique FM* (do deputado estadual 9498 Reinaldo Braga, PFL, concessão de 12/03/86). (LUZ, 1996, p. 19).

Percebe-se, também a partir da análise das histórias de vida contadas pelos próprios radialistas que a *Rádio Regional de Irecê* serviu como porta de acesso para a ascensão social através da projeção de suas vozes, na cidade e entorno. Quase que em sua totalidade, os locutores entrevistados moravam no campo, roça, antes de se estabelecerem no centro regional, Irecê. Através dos relatos pontuais sobre a origem humilde e provenientes de estratos inferiores da classe média, conseguiram projeção e melhoria de vida através das ondas do rádio no sertão baiano.

A partir das fontes orais, conseguimos registrar a importância do serviço de alto-falante de Abelardo Leite Bonfim, uma memória que não aparece em nenhuma publicação oficial sobre a história dos veículos de comunicação da cidade. O registro que se encontra no primeiro capítulo foi uma publicação em rede social após a morte de Agnelo Cerqueira, um dos radialistas lançados por *A Voz do Sertão*. A hipótese levantada é de que Abelardo, por ser paraibano, imigrante e não integrante das famílias tradicionais da cidade e região, como a família Dourado, tivesse sua história silenciada. Porém essa desconfiança cai por terra ao encontrarmos o livro *Irecê – A Saga dos Imigrantes e Histórias de Sucesso* do memorialista Jackson Rubem, que retrata exclusivamente sobre a maioria dos imigrantes que ajudaram na construção da cidade.

A análise das entrevistas das fontes orais ainda permite inferir que a inauguração da *Rádio Regional de Irecê* seguiu uma tendência de regionalização, dando voz ao povo, oferecendo entretenimento, informação e prestando esclarecimentos de interesse para a população de Irecê e região como os valores dos produtos como milho, feijão e mamona, ou seja, uma programação com foco na comunidade local. Seguindo o que aconteceu com o veículo no Brasil, como descreve Gisela Ortriwano, uma das maiores especialistas em radiojornalismo do país.

Pelo breve histórico do desenvolvimento do rádio no Brasil, podemos verificar que o processo segue paralelo ao do próprio desenvolvimento do país. O rádio de caráter nacional, com a programação de uma única emissora atingindo diretamente todo o território, deixou de ter razão de existir, voltando-se mais para os aspectos regionais, ligado à comunidade em que atua. A rigor, podemos considerar que nunca o rádio brasileiro chegou a ter características realmente nacionais, com exceção de umas poucas emissoras, como a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Hoje em dia, a interligação se faz através de emissoras regionais, "num intercâmbio de informações que se processa no ar, em sistema de integração instantânea", como diz André Casquel Madrid, que continua: "A nova modalidade estabelece uma rede de notícias, que possibilita às audiências... o contato imediato com a realidade nacional, a visão do universo de fatos que se desenrolaram nas principais regiões do País, o conhecimento dos problemas de cada Estado da União. O rádio, através da informação, presta um novo serviço de Unidade Nacional", (ORTRIWANO, 1985, p. 28).

Durante a análise do jornal *Correio do Sertão* como fonte histórica, é possível perceber a inexistência de registros a respeito da *Rádio Regional de Irecê* nesse ínterim, ou seja, durante a análise de todos os jornais produzidos quinzenalmente entre 1978 e 1988, só foi encontrada uma referência à emissora, que aconteceu em fevereiro de 1984. Todavia, nessa publicação a emissora foi reconhecida como "veículo de informação de grande influência". Ainda de acordo com o jornal, a rádio atuava no sentido de promover o enervamento entre as seleções de Morro do Chapéu e Irecê nos jogos intermunicipais "depois de uma preparação e acirramento dos ânimos, por toda uma semana, através da Rádio Regional de Irecê". A matéria é concluída com a frase "Quanto ao 'pejorativo' de JORNALZINHO, que nos foi dedicado, não nos atinge, perde-se no ar", porém, não fica claro de quem seria essa afirmação confrontada pelo jornal, se de algum torcedor de Irecê ou se de algum radialista da *Rádio Regional*.

Sobre menções feitas ao proprietário da rádio e político Nobelino Dourado Filho, o mesmo é mencionado de forma pontual durante os comícios para as disputas políticas. Tomando como base o texto de Barros *O Uso do Jornal como Fonte Histórica* (2019), os textos que faziam referência apenas a Nobelino Dourado ficavam, em sua grande maioria, na parte sul do jornal, nas últimas páginas, em poucas linhas, em publicações diminutas, como algo que não deveria ter sido dito, diferente de como aconteciam com as matérias sobre os governadores baianos ACM, Roberto Santos e Waldir Pires, ou sobre menções feitas ao deputado Edivaldo Lopes, ex-prefeito de Irecê que sempre

eram colocados em posição de destaque no quinzenário, geralmente na primeira ou segunda matéria de capa.

A comparação entre o desenvolvimento entre as cidades também pode ser percebida a partir da repostagem da matéria *Oásis na seca Uvas, maçãs e flores em pleno sertão da Bahia*, em 13 de março de 1982 que havia sido publicada na revista *Veja*, o texto fazia um paralelo entre a prosperidade de Morro do Chapéu e Irecê.

Encravada em pleno sertão da Bahia, a pequena cidade de Morro do Chapéu, distante 400 quilômetros de Salvador, é uma intrigante ilha na geografia da seca. Na semana passada, os habitantes de Irecê, 84 quilômetros além, faziam cálculos penosos: se as chuvas não vierem até meados de fevereiro, cerca de 40% da safra estará perdida o que acaba de compelir o Banco do Brasil a abrir créditos suplementares para o plantio de feijão. Na mesma semana, os moradores de Morro do Chapéu regavam flores, colhiam uvas e maçãs, e saboreavam, em pleno verão, temperaturas que oscilam entre 15 e 12 graus centígrados. (*Correio do Sertão*, 1982, p.1).

Irecê já pertenceu ao município de Morro do Chapéu e em umas das publicações que rememoram matérias mais antigas, sobre o aniversário de 61 anos do *Correio do Sertão*, foi repostada uma matéria que relembra o tamanho de Morro do Chapéu que era um grande município e abrangia outras cidades como Irecê.

61 anos! Há sessenta e um anos existe em Morro do Chapéu o "Correio do Sertão". Em 1917, quando todo nosso sertão estava ainda muito longe do progresso que hoje desfrutamos, Morro do Chapéu era um enorme Município que abrangia Irecê, Cafarnaum, Canarana, Ibititá, Utinga, Wagner, Tapiramutá e Varzea Nova, e apesar de já ser Cabeça de Comarca, era entretanto uma Cidade morta, também muito atrasada (*Correio do Sertão*, 1978, p.1).

É possível que o silenciamento tanto da presença de Nobelino, quando da Rádio Regional de Irecê nas páginas do jornal, tenha ocorrido por motivações políticas e por questões de concorrência entre os veículos de comunicação (jornal e rádio). Hipoteticamente, o uso do jornal *Correio do Sertão* como fonte histórica também nos permite fazer uma análise, durante os anos de 1978 a 1988, sobre a diminuição considerável do número de anunciantes de produtos e serviços com sede na cidade de Irecê após a chegada da *Rádio Regional* em 1983.

Entre 1980 e 1981, o jornal exibia em suas páginas cerca de dezesseis anunciantes provenientes de Irecê, sendo: Foto Souza, Mercadão Rio Verde, Salão de Beleza Rosana, Alfaiataria Campos, Manoel Sapateiro, Boate Embalo 80 de Oscarino Rosendo, loja de tecidos 'A Jovial', CODI (Centro Odontológico de Irecê), detetive Pedro Pereira dos Santos, os advogados Renaildes Martins de Barros, Osvaldo Novaes, Bel. Renato Passos de Oliveira, Nereu Machado através do Grupo Nermac, A Triunfal (venda de bebidas, cereais, doces e estivas), Casa Freitas (venda de peças e acessórios para bicicletas) e Casa Calmonense, comércio de gêneros alimentícios. Entretanto, com a chegada da *Rádio Regional* em 1983, só resta um anunciante de Irecê, porém, uma unidade filial do comércio Cerâmica Jacobina Ltda, com sede na cidade homônima.

Ao que tudo indica, com a perda considerável de anunciantes de Irecê e região no período que coincide com a chegada da *Rádio Regional*, o jornal *Correio do Sertão* passa a divulgar especiais pagos através das prefeituras com informações sobre a história, economia e aspectos políticos sobre as cidades da região. Irecê teve seu especial divulgado em maio de 1987 com o título *Carahybas - a grande Irecê*, trazia detalhes sobre a fundação da cidade em 1897, a festa do Padroeiro São Domingos, a emancipação política, os líderes e as realizações do prefeito em exercício Hidelbrando Seixas.

A conclusão deste trabalho encontra apoio ainda em Ferrareto (2020) quando ele ensina que “o passado não se extingue totalmente e há sempre a possibilidade de que surjam novos indícios ou provas a respeito de algo”.

Como em outros campos da pesquisa científica, estudar a história do rádio implica aprofundamento e descoberta constantes. Para além do que o senso comum considera, o passado não se extingue totalmente e há sempre a possibilidade de que surjam novos indícios ou provas a respeito de algo. Pode se tornar mais rara, mas não é de todo improvável, a possibilidade de recuperação de informações. Depende, obviamente, de um esforço – reitera-se – continuado por parte de pesquisadores dedicados. Há que destacar ainda: o relato histórico constitui-se em uma reconstrução da realidade, uma narrativa a respeito de fatos e de seus protagonistas, feita a partir da visão de um especialista distanciado no tempo e, por vezes, no espaço (FERRARETO, 2020, p12).

Assim, chega ao fim este trabalho sobre a chegada do rádio na Região de Irecê, importante salientar que a temática não se esgota aqui, sendo o rádio um profícuo campo de novas histórias e memórias.

REFERÊNCIAS

- ABREU, João Batista. **Batalhas** Radiofônicas - A Formação de Mentalidades por Meio das Ondas Hertzianas, Acre, 2014.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977
- BARROS, José D'Assunção. **Fontes históricas: introdução aos seus usos**
- BIANCO, Nélia Del. **Rádio e Memória do Cotidiano**. Revista Brasileira de História da Mídia, Vol 7, nº 1, p 111 a 123, junho, 2018.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos** (3a ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CASTRO, José de Almeida. **História do Rádio no Brasil**. Disponível em: <<https://www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/23526-historia-do-radio-no-brasil>> Acesso em 02 de fev.2022.
- COSTELLA, Antônio F. **Comunicação – Do grito ao satélite**. São Paulo: Editora Mantiqueira, 2002.
- DAMASCENO, José Jorge Andrade. **A cuia e a bengala: histórias, memórias e trajetórias de pessoas cegas em Salvador, em busca de inserção econômica e autodeterminação social (1963-1993)**. Salvador: EDUFBA, 2022.
- _____. **Vozes eclipsadas, memórias silenciadas**. 1º Ed. Recife: Bagaço, 2016, 349 p.
- Dourado - até a 6 Geração**. Luziania/Goiás L.A Card's. 2003.
- DOURADO, Adélio. **Família Dourado: Descendentes de João José da Silva**
- ERBOLATO, Mário. **Jornalismo Especializado: emissão de textos no jornalismo impresso**. São Paulo: Atlas, 1981.
- FALCÃO, Camila. **97 anos de Tradição; Conheça a história da Rádio Sociedade da Bahia**. Disponível em: <<https://sociedadeonline.com/97-anos-de-tradicao-conheca-a-historia-da-radio-sociedade-da-bahia/>> Acesso em 01 de mar de 2022.

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. **História da Comunicação. Rádio e TV no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

FERNÁNDEZ Sandra, SAMPAIO. Moiseis de Oliveira Sampaio, org. **Brasil e Argentina na pesquisa regional/local contemporânea. Escalas, periodizações e problemas** - Salvador: EDUFBA, 2021.

FERRARETTO, Luiz Artur. **De 1919 a 1923, os primeiros momentos do rádio no Brasil**. Revista Brasileira de História da Mídia, São Paulo: Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, 2014.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. 2ª ed. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

_____. **Rádio no Brasil: histórias a serem contadas**, Estudos em Jornalismo e Mídia Vol. 17 Nº 2 Julho a Dezembro de 2020.

FERREIRA, Andreia da Paixão. **A invenção do rádio: um importante instrumento no contexto da disseminação da informação e do entretenimento. Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**. V.3, n.1. Belo Horizonte: UFMF, mar. 2013.

FIUZA, Michel da Silva. **Análise de Desempenho dos Detectores V-BLAST/MMSE e V-BLAST/ZF para Multiplexação Espacial em Sistemas de Comunicação Sem Fio**. (Trabalho de Conclusão de Curso) - Departamento Acadêmico de Eletrônica - Curso de Engenharia Eletrônica - Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Campo Moirão, 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurente Léon Chaffter. São Paulo: Edições Vértice, Editora Revista dos Tribunais: 1990.

HAUSSEN, D.F. **Rádio brasileiro: uma história de cultura, política e integração**, São Paulo, Paulinas, 2004.

HISTÓRIA, CARAÍBAS FM, Disponível em: <<http://www.caraibasfm.com.br/aradio/>> Acesso em 20 de set. de 2021.

historiográficos / Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

JAMBEIRO, O. *et al.* **Tempos de Vargas: o rádio e o controle da informação**. Salvador: Ed. UFBA, 2003. 191p.

KISCHINHEVSKY, Marcelo, *et al.* **A consolidação dos estudos de rádio e mídia sonora no século XXI – Chaves conceituais e objetos de pesquisa.** Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (RBCC), Intercom, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 91-108, set./dez., 2017.

KLOCKNER, Luciano. CACHAFEIRO, Manoela Silveira. **Por que o Pe. Roberto Landell de Moura foi inovador?** EdiPUCRS.S 2012. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0226-8/pages/v2.pdf>> Acesso em: 02 de mar. de 2022.

LE GOFF, J. **História e Memória.** São Paulo: Ed. Unicamp, 1990.

LUZ, Jane Márcia Lemos. **Rádio e TV na Bahia: o partido eletrônico de ACM** – (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Comunicação – Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 1996.

MAKOVICS, Nahara Cristine. **O Rádio no Brasil: da história as contribuições de Sônia Virgínia Moreira.** In: Colóquio Internacional Sobre a Escola Latinoamericana de Comunicação, 7., 2003. São Bernardo do Campo. Pensamento Crítico: Impacto e Efeitos na Comunicação Latino-Americana. São Bernardo do Campo: Celacom, 2003. p. 3-26. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/f/ff/CTA1F_-_Texto_3_-_Nahara_Makovics.pdf> Acesso em: 07 mar. 2022.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no Rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos.** São Paulo: Summus, 1985.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.

_____. **“Memória e identidade social”.** In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992.

RUBEM, Jackson. **Irecê, A Saga dos Imigrantes Irecê/Bahia:** Print Fox Editora, 2004

_____. **Irecê para Crianças de todas as idades.** Irecê/Bahia: Print Fox Editora, 2008.

_____. **Irecê, um pedaço histórico da Bahia;** Salvador: Royal, 1999.

_____. **Irecê: História, Casos e Lendas**. Salvador: Bureau, 1997.

_____. **Lapão, Cem Anos de História / Irecê/Bahia**: Editora Print Fox, 2010.

SAMPAIO, Moiseis de Oliveira. **Francisco Dias Coelho: o coronel negro da Chapada Diamantina**. Salvador: EDUNEB, 2017.

SANTOS, Milton. **1926-2001 A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / Milton Santos**. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole Cultura no Plural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Marcos. **Irecê-BA: Radialista Agnelo Serqueira é encontrado morto em residência**. Irecê, 14 de janeiro de 2019. Facebook: Marcos Silva. Disponível

em:<<https://www.facebook.com/photo/?fbid=584660821947799&set=a.104359989977887>> Acesso em: 02 de fevereiro de 2022.

STERTZ, Marilene. **O Rádio nos Assentamentos Rurais**. In: MELO, José Marques de; PERUZZO, Cecília M. K.; KUNSCH, Waldemar Luiz. (Orgs.). **Mídia, regionalismo e Cultura**. São Bernardo do Campo: Umesp; Passo Fundo: Editora UPF, 2003.

TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o rádio não contou: do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo**. São Paulo: Negócio, 1997.

TODOROV, T. **A conservação do passado. Memória do mal, tentação do bem: Indagações sobre o século XX**. São Paulo, Arx, 2002.

TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar: história, memória e política**. 2ª ed. Lisboa, Edições Unipop, 2012.

ENTREVISTAS:

CRUZ, Raimundo Novaes (Ray Cruz). [Entrevista concedida à pesquisa: **Vozes e ecos do sertão: memórias e histórias do rádio na região de Irecê (1978 – 1988)**] Entrevista gravada por mediação tecnológica através da plataforma

Microsoft Teams, conduzida pelo professor orientador José Jorge Andrade Damasceno com a participação da mestranda Amanda Dourado Sampaio. Alagoinhas/Irecê em 18 de outubro de 2022.

DOURADO, Mário Almir. [Entrevista concedida à pesquisa: **Vozes e ecos do sertão: memórias e histórias do rádio na região de Irecê (1978 – 1988)**] Entrevista presencial gravada por gravador eletrônico pela mestranda Amanda Dourado Sampaio. Irecê em 20 de agosto de 2021.

FILHO, Hidelbrando Seixas de Souza (Doinha). [Entrevista concedida à pesquisa: **Vozes e ecos do sertão: memórias e histórias do rádio na região de Irecê (1978 – 1988)**] Entrevista presencial gravada por gravador eletrônico pela mestranda Amanda Dourado Sampaio com questionário com perguntas acordadas com o professor orientador José Jorge Andrade Damasceno. Irecê em 08 de outubro de 2022.

PRIMO, Henrique Dourado (Americano). [Entrevista concedida à pesquisa: **Vozes e ecos do sertão: memórias e histórias do rádio na região de Irecê (1978 – 1988)**] Entrevista gravada por mediação tecnológica através da plataforma Microsoft Teams, conduzida pelo professor orientador José Jorge Andrade Damasceno com a participação da mestranda Amanda Dourado Sampaio. Alagoinhas/América Dourada em 19 de agosto de 2022.

SANCHES, António Barrada. [Entrevista concedida à pesquisa: **Vozes e ecos do sertão: memórias e histórias do rádio na região de Irecê (1978 – 1988)**] Questionário enviado através de e-mail com perguntas definidas pelo professor orientador José Jorge Andrade Damasceno com a participação da mestranda Amanda Dourado Sampaio. Irecê/Lisboa em 19 de abril de 2022.

SANTANA, Vladimir Moitinho (Quinzinho). [Entrevista concedida à pesquisa: **Vozes e ecos do sertão: memórias e histórias do rádio na região de Irecê (1978 – 1988)**] Entrevista gravada por mediação tecnológica através da plataforma Microsoft Teams, conduzida pelo professor orientador José Jorge Andrade Damasceno com a participação da mestranda Amanda Dourado Sampaio. Alagoinhas/UNEB, Campus Irecê em 18 de agosto de 2022.

SANTOS, Brivaldo. [Entrevista concedida à pesquisa: **Vozes e ecos do sertão: memórias e histórias do rádio na região de Irecê (1978 – 1988)**]

Entrevista gravada por mediação tecnológica através da plataforma Microsoft Teams, conduzida pelo professor orientador José Jorge Andrade Damasceno com a participação da mestranda Amanda Dourado Sampaio. Alagoinhas/UNEB, Campus Irecê em 18 de agosto de 2022.

VIANA, Sandoval Dias. [Entrevista concedida à pesquisa: **Vozes e ecos do sertão: memórias e histórias do rádio na região de Irecê (1978 – 1988)**]

Entrevista presencial gravada em gravador eletrônico e conduzida pelo professor orientador José Jorge Andrade Damasceno com a participação da mestranda Amanda Dourado Sampaio. A entrevista também contou com a presença de Moisés Oliveira Sampaio e Joabson Lima Figueiredo, professores do PPGEAFIN, sendo realizada na UNEB, Campus Irecê em 03 de agosto de 2019.

JORNAIS:

CORREIO DO SERTÃO, 1980, p.1.

- _____. 1986, p.1.
- _____. 1984, p.6.
- _____. 1988, p.4.
- _____. 1978, p.1.
- _____. 1978, p.4.
- _____. 1978, p.1.
- _____. 1978, p.4.
- _____. 1978, p.4.
- _____. 1978, p. 1.
- _____. 1979, p.1.
- _____. 1979, pg.1.
- _____. 1979, p. 4.
- _____. 1979, p.4.
- _____. 1987, p.1.
- _____. 1983, p.3.
- _____. 1983, p.3.
- _____. 15.03. 1984, pg 6.
- _____. 1978, p.4.
- _____. 30.05.1983, pg 6.
- _____. 1987, p.8.
- _____. 1984, p.6.
- _____. 1978, p.4.
- _____. 1978, p.4.
- _____. 1978, p.1.
- _____. 1978, p.1.

- _____. 1978, p.1.
- _____. 1978, p.4.
- _____. 1978, p.1.
- _____. 1979, p.1.
- _____. 1979, p. 2.
- _____. 1982, p.1.
- _____. 1978, p.1.

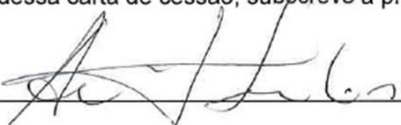
CULTURA E REALIDADE, fevereiro de 1988, p.5.

- _____. junho de 1988, p.1.
- _____. junho de 1986, p.11.
- _____. fevereiro de 1988, p.5.
- _____. 1988, p.12.
- _____. julho de 1988, p.10.
- _____. 1988, p.3.
- _____. 1988, p.4.
- _____. 1988, p.4.
- _____. 1988, p.2.
- _____. 1988, p.2.
- _____. 1988, p.1.
- _____. 1988, p.1.
- _____. 1988, p.12.

ANEXOS I**CARTA DE CESSÃO**

Para fins académicos e/ou editoriais.

Eu, **António José Barradas Paula Sanches**, estado civil, divorciado, com o **Cartão de Cidadão nº 7148872**, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista, concedida em **14 de abril de 2022**, para a jornalista e mestrande **Amanda Dourado Sampaio**, solteira, RG: **1011556979** – [SSP.BA](#), DRT: 2780 – BA, usá-las integralmente ou em partes, para fins académicos e/ou editoriais, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto dessa carta de cessão, subscrevo a presente.



Assinatura do Depoente.

Lisboa, 27 de Abril de 2022

CARTA DE CESSÃOIrecê, 19 de 08 2022.

Para fins acadêmicos e/ou editoriais.

Jorge Andrade Damasceno, orientador.
Amanda Dourado Sampaio, mestranda.

Eu, Henrique Dourado Primo, estado civil casado, documento de identidade 789766, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista, concedida em 19 de agosto de 2022, para o historiador e professor Dr. Jorge Andrade Damasceno e para a jornalista e mestranda Amanda Dourado Sampaio, solteira, RG: 1011556979 – SSP.BA, DRT: 2780 – BA, usá-las integralmente ou em partes, para fins acadêmicos e/ou editoriais, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto dessa carta de cessão, subscrevo a presente.

Henrique Dourado Primo.

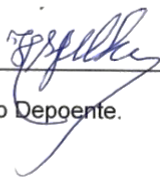
Assinatura do Depoente.

CARTA DE CESSÃOIrecê, 08 de 10 2022.

Para fins acadêmicos e/ou editoriais.

Jorge Andrade Damasceno, orientador.
Amanda Dourado Sampaio, mestranda.

Eu, Eldebranda Seixas de Souza Fialho, estado civil CASADO, documento de identidade 486617-BA, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista, concedida em 08/10/2022 de 2022, para o historiador e professor Dr. Jorge Andrade Damasceno e para a jornalista e mestranda Amanda Dourado Sampaio, solteira, RG: 1011556979 – SSP.BA, DRT: 2780 – BA, usá-las integralmente ou em partes, para fins acadêmicos e/ou editoriais, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto dessa carta de cessão, subscrevo a presente.


Assinatura do Depoente.

CARTA DE CESSÃO

Irecê, 19 de 08 2022.

Para fins acadêmicos e/ou editoriais.

Jorge Andrade Damasceno, orientador.
Amanda Dourado Sampaio, mestranda.

Eu, José MARVALDO DOS SANTOS, estado civil CASADO, documento de identidade 0249234432, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista, concedida em 18/08/2022 de 2022, para o historiador e professor Dr. Jorge Andrade Damasceno e para a jornalista e mestranda Amanda Dourado Sampaio, solteira, RG: 1011556979 – SSP.BA, DRT: 2780 – BA, usá-las integralmente ou em partes, para fins acadêmicos e/ou editoriais, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto dessa carta de cessão, subscrevo a presente.



Assinatura do Depoente.

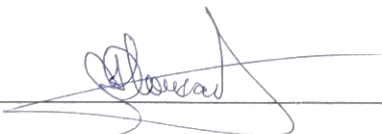
CARTA DE CESSÃOIrecê, 20 de 08 2021.

Para fins acadêmicos e/ou editoriais.

Jorge Andrade Damasceno, orientador.

Amanda Dourado Sampaio, mestranda.

Eu, MÁRIO ALEX DOURADO MOITINHO,
estado civil Divorciado, documento de identidade
RG - 604519 02 SSP BA, declaro para os devidos fins que cedo os
direitos autorais de minha entrevista, concedida em
20 de Agosto para o historiador e professor Dr. Jorge
Andrade Damasceno e para a jornalista e mestranda Amanda Dourado
Sampaio, solteira, RG: 1011556979 – SSP. BA, DRT: 2780 – BA, usá-las
integralmente ou em partes, para fins acadêmicos e/ou editoriais, sem
restrições de prazos ou citações, desde a presente data. Abdicando de
direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto dessa carta de
cessão, subscrevo a presente.



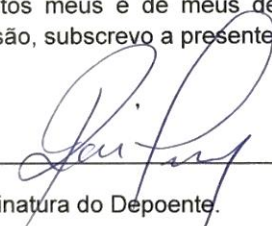
Assinatura do Depoente.

CARTA DE CESSÃOIrecê, 07 de 10 2022.

Para fins acadêmicos e/ou editoriais.

Jorge Andrade Damasceno, orientador.
Amanda Dourado Sampaio, mestranda.

Eu, Raimundo Cruz Novais, estado
civil Casado, documento de identidade
3517084, declaro para os devidos fins que cedo
os direitos autorais de minha entrevista, concedida em
07 de outubro de 2022, para o **historiador e professor Dr. Jorge
Andrade Damasceno e para a jornalista e mestranda Amanda Dourado
Sampaio, solteira, RG: 1011556979 – SSP.BA, DRT: 2780 – BA**, usá-las
integralmente ou em partes, para fins acadêmicos e/ou editoriais, sem
restrições de prazos ou citações, desde a presente data. Abdicando de
direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto dessa carta de
cessão, subscrevo a presente.


Assinatura do Depoente.

CARTA DE CESSÃO

Irecê 03 de 08 2019.

Para fins acadêmicos e/ou editoriais.

Jorge Andrade Damasceno, orientador.
Amanda Dourado Sampaio, mestranda.

Eu, Emmanuel Dias Lima,
 estado civil solteiro, documento de identidade
SSP. BA / 776818-10, declaro para os devidos fins que cedo os
 direitos autorais de minha entrevista, concedida em
03/08/2019, para o historiador e professor Dr. Jorge
 Andrade Damasceno e para a jornalista e mestranda Amanda Dourado
 Sampaio, solteira, RG: 1011556979 – SSP. BA, DRT: 2780 – BA, usá-las
 integralmente ou em partes, para fins acadêmicos e/ou editoriais, sem
 restrições de prazos ou citações, desde a presente data. Abdicando de
 direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto dessa carta de
 cessão, subscrevo a presente.

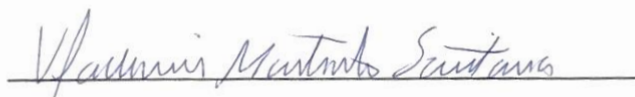
Emmanuel Dias Lima
 Assinatura do Depoente.

CARTA DE CESSÃOIrecê, 18 de 08 2022.

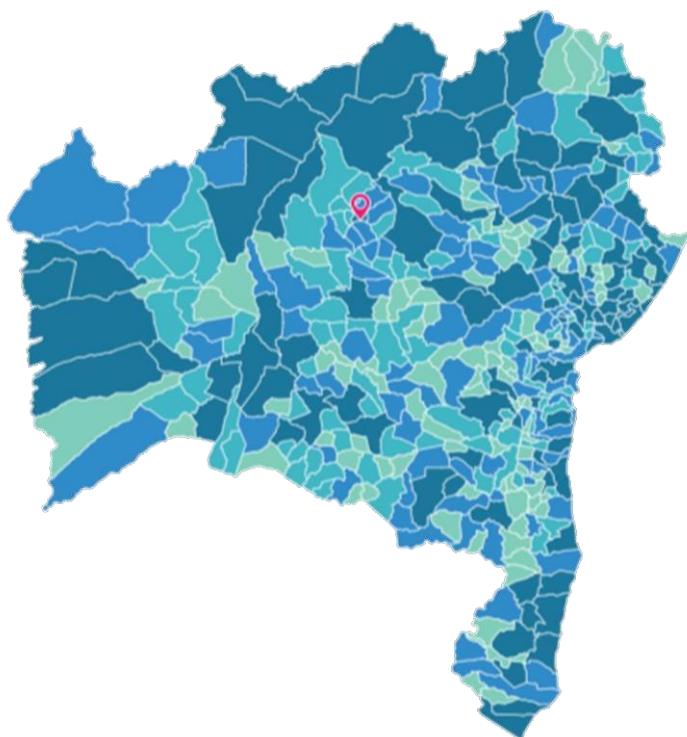
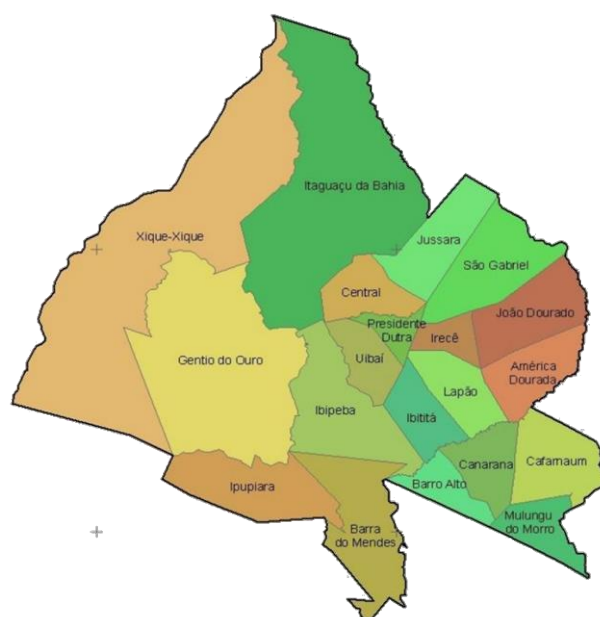
Para fins acadêmicos e/ou editoriais.

Jorge Andrade Damasceno, orientador.
Amanda Dourado Sampaio, mestranda.

Eu, VLADIMIR MONTINHO SANTANA, estado civil CASADO, documento de identidade 3.655.481-SSP-BA, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista, concedida em 18/08 de 2022, para o **historiador e professor Dr. Jorge Andrade Damasceno e para a jornalista e mestranda Amanda Dourado Sampaio, solteira, RG: 1011556979 – SSP.BA, DRT: 2780 – BA**, usá-las integralmente ou em partes, para fins acadêmicos e/ou editoriais, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto dessa carta de cessão, subscrevo a presente.



Assinatura do Depoente.

ANEXOS II**MAPA DA BAHIA – REGIÃO DE IRECÊ****Fonte: IBGE****Fonte: Seplan/BA**